

Perry Mason O Caso das Garras de Veludo

obras de Erle Stanley Gardner

PAID

CB NO 1285 | DATE 04/15

BALANCE
DUE

AMT. PAID

AMT. OF
ACCOUNT

ACCOU

FOR

Pay

Address

Smith

EDIÇÕES
ASA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



TÍTULO

ERLE STANLEY GARDNER

O CASO DAS GARRAS DE VELUDO

(The Case of the Velvet Claws - 1933)

Advogado Perry Mason #01

* * *



ÍNDICE

Capa
Título
Índice
O Autor
Série
Resumo
Capítulos
 Um
 Dois
 Três
 Quatro
 Cinco
 Seis
 Sete
 Oito
 Nove
 Dez
 Onze
 Doze
 Treze
 Quatorze
 Quinze
 Dezesseis
 Dezessete
 Dezoito
 Dezenove
 Vinte

* * *

O AUTOR

ERLE STANLEY GARDNER, nasceu em 7 de Julho de 1889 em Malden, Massachusetts. Quanto Gardner tinha 10 anos, o pai se mudou com a família para Portland no Oregon. Considerado uma criança prodígio, se matriculou na Universidade de Valparaíso, porém foi expulso, menos de um mês após a matrícula após se envolver numa luta de boxe ilegal. Tal fato fez com que Gardner descobrisse o seu talento como pugilista. O sonho do pai de Gardner era que seu filho fosse advogado. Aos 21 anos foi contratado para trabalhar num escritório de advocacia em Willow. Na Califórnia se casou com Natalie Frances Beatrice Talbert em 9 de Abril de 1912 com quem teve um filho, e em 1915 se mudou para Ventura, onde em 1916 abriu um escritório de advocacia, porém seus métodos legais ousados não atraíam os americanos, por esse motivo, aliado ao fato de falar chinês fluentemente, Gardner defendeu grande parte de clientes chineses, que também lhe serviram de inspiração para o livro *The Case of the Howling Dog* em 1934. Pouco depois Gardner se mudou para São Francisco, mas dois anos depois, em 1921 retornou a Ventura, onde se juntou a empresa Orr. Em 1921 Gardner se aproveitou das horas vagas para escrever a história "Naughty Nellie Nighty", que no final do mesmo ano, foi publicada na revista *Breezy Stories*.

Gardner passou então a ter uma carreira dupla, advogado durante o dia e escritor durante a noite. O objetivo de Gardner era escrever 100 mil palavras por mês. As histórias de Gardner iam desde romances policiais até ficção científica. Gardner usou pseudônimo como Charles Green, Kyle Corning e Grant Holiday, entre os títulos do autor, "Speed Dash The Human Fly", e "Lester Leith". Em 1923 como Charles M. Green, publicou a novela "The Shrieking Skeleton" - O Grito dos Esqueletos; na revista *Black Mask* junto a Dashiell Hammett e John Carroll Daly, a novela não obteve muito êxito, os editores da revista acharam que fosse uma piada, e publicaram junto a novela, uma nota se desculpando com os leitores da revista, que fizeram impiedosas críticas ao trabalho do autor, Gardner, porém, leu as críticas e as usou para aperfeiçoar a novela, que foi vendida a *Black Mask* por US\$160. Assim iniciou a brilhante carreira de um autor que venderia mais de 300 milhões de livros. Em 1933 abandonou a advocacia e passou a se dedicar inteiramente a literatura. Mason que já era um sucesso, se tornou fenômeno nos anos 80 quando seus romances foram adaptados para uma série televisiva, estrelada por Raymond Burr. Sob o pseudônimo de A.A. Fair, Erle Stanley criou ainda uma série de romances protagonizada por Donald Lam e Bertha Cool. Além de outros personagens como o delegado Doug Selby, e o seu rival Alphonse Baker Carr. Erle Stanley escreveu ainda como Kyle Corning, Charles M. Green, Carleton Kendrake, Charles J. Keny, Les Tillray e Robert Parr. Após a morte de Erle Stanley, em 11 de Março de 1970, em sua casa, no Rancho del Paisano, a série de Perry Mason teve continuidade através de Thomas Chastain.

LIVROS DA SÉRIE ADVOGADO PERRY MASON

1. [1933; *The Case of the Velvet Claws*](#)
2. 1933; *The Case of the Sulky Girl*
3. 1934; *The Case of the Lucky Legs*
4. 1934; *The Case of the Howling Dog*
5. 1935; *The Case of the Curious Bride*
6. 1935; *The Case of the Counterfeit Eye*
7. 1935; *The Case of the Caretaker's Cat*
8. 1936; *The Case of the Sleepwalker's Niece*
9. 1936; *The Case of the Stuttering Bishop*
10. 1937; *The Case of the Dangerous Dowager*
11. 1937; *The Case of the Lame Canary*
12. 1938; *The Case of the Substitute Face*
13. 1938; *The Case of the Shoplifter's Shoe*
14. 1939 ; *The Case of the Perjured Parrot*
15. 1939; *The Case of the Rolling Bones*
16. 1940; *The Case of the Baited Hook*
17. 1940; *The Case of the Silent Partner*
18. 1941; *The Case of the Haunted Husband*
19. 1941; *The Case of the Empty Tin*
20. 1942; *The Case of the Drowning Duck*
21. 1942; *The Case of the Careless Kitten*
22. 1943; *The Case of the Buried Clock*
23. 1943; *The Case of the Drowsy Mosquito*
24. 1944; *The Case of the Crooked Candle*
25. 1944; *The Case of the Black-Eyed Blonde*
26. 1945; *The Case of the Golddigger's Purse*
27. 1945; *The Case of the Half-Wakened Wife*
28. 1946; *The Case of the Borrowed Brunette*
29. 1947; *The Case of the Fan Dancer's Horse*
30. 1947; *The Case of the Lazy Lover*
31. 1948; *The Case of the Lonely Heiress*
32. 1948; *The Case of the Vagabond Virgin*
33. 1949; *The Case of the Dubious Bridegroom*
34. 1949; *The Case of the Cautious Coquette*
35. 1950; *The Case of the Negligent Nymph*
36. 1950; *The Case of the One-Eyed Witness*

37. 1951; *The Case of the Fiery Fingers*
38. 1951; *The Case of the Angry Mourner*
39. 1952; *The Case of the Moth-Eaten Mink*
40. 1952; *The Case of the Grinning Gorilla*
41. 1953; *The Case of the Hesitant Hostess*
42. 1953; *The Case of the Green-Eyed Sister*
43. 1954; *The Case of the Fugitive Nurse*
44. 1954; *The Case of the Runaway Corpse*
45. 1954; *The Case of the Restless Redhead*
46. 1955; *The Case of the Sun Bather's Diary*
47. 1955; *The Case of the Glamorous Ghost*
48. 1955; *The Case of the Nervous Accomplice*
49. 1956; *The Case of the Terrified Typist*
50. 1956; *The Case of the Gilded Lily*
51. 1956; *The Case of the Demure Defendant*
52. 1957; *The Case of the Screaming Woman*
53. 1957; *The Case of the Lucky Loser*
54. 1957; *The Case of the Daring Decoy*
55. 1958; *The Case of the Foot-Loose Doll*
56. 1958; *The Case of the Long-Legged Models*
57. 1958; *The Case of the Calendar Girl*
58. 1959; *The Case of the Singing Skirt*
59. 1959; *The Case of the Mythical Monkeys*
60. 1959; *The Case of the Deadly Toy*
61. 1960; *The Case of the Waylaid Wolf*
62. 1960; *The Case of the Duplicate Daughter*
63. 1960; *The Case of the Shapely Shadow*
64. 1961; *The Case of the Spurious Spinster*
65. 1961; *The Case of the Bigamous Spouse*
66. 1962; *The Case of the Reluctant Model*
67. 1962; *The Case of the Blonde Bonanza*
68. 1962; *The Case of the Ice-Cold Hands*
69. 1963; *The Case of the Amorous Aunt*
70. 1963; *The Case of the Step-Daughter's Secret*
71. 1963; *The Case of the Mischievous Doll*
72. 1964; *The Case of the Phantom Fortune*
73. 1964; *The Case of the Horrified Heirs*
74. 1964; *The Case of the Daring Divorcee*
75. 1965; *The Case of the Troubled Trustee*
76. 1965; *The Case of the Beautiful Beggar*
77. 1966; *The Case of the Worried Waitress*
78. 1967; *The Case of the Queenly Contestant*
79. 1968; *The Case of the Careless Cupid*
80. 1969; *The Case of the Fabulous Fake*
81. 1972; *The Case of the Fenced-In Woman (póstumo)*

82. *1973; The Case of the Postponed Murder (póstumo)*
83. *1989; The Case of Too Many Murders (Thomas Chastain)*
84. *1990; The Case of the Burning Bequest (Thomas Chastain)*

* * *

RESUMO

EM o Caso das Garras de Veludo o advogado Perry Mason se depara com um estranho homicídio, no decurso de um processo de chantagem e de herança, baseando o seu inquérito numa insólita premissa: Um guarda-chuva que escorria...

* * *

Um

O SOL DO OUTONO batia na janela. Perry Mason estava atrás da grande mesa. Tinha uma atitude de quem espera. O seu rosto em repouso era o de um jogador de xadrez que estuda o tabuleiro. Esse rosto raramente mudava de expressão, e somente nos olhos é que havia mudanças. Dava a impressão de ser um pensador e um lutador, um homem que podia trabalhar com infinita paciência para conduzir um adversário à posição exata, e então dar cabo dele com um golpe terrível. Nas paredes da sala se alinhavam as prateleiras cheias de livros com as lombadas de couro. A um canto ficava um grande cofre. Além da cadeira giratória ocupada por Perry Mason, havia duas cadeiras. O escritório tinha um ambiente de simples e obstinada eficiência, como se houvesse absorvido algo da personalidade do homem que o ocupava. Abriu-se a porta que dava para a sala fronteira, e Della Street, sua secretária, entrou com naturalidade, fechando a porta atrás de si.

— Uma mulher, anunciou ela, — Que diz ser uma certa Mrs. Eva Griffin. Perry Mason olhou para a jovem com olhos francos.

— E você acha que não é? Perguntou ele. A secretária balançou a cabeça.

— Ela me parece esquisita. Procurei o nome no guia telefônico e não encontrei nenhum Griffin que tenha um endereço igual ao que ela deu. Examinei o Guia da Cidade e tive o mesmo resultado. Há um bom número de Griffins, 5 mas eu não encontrei nenhuma Eva Griffin. E tampouco achei alguma no endereço dela.

— Que endereço foi esse?

— Grove Street, 2271, respondeu a jovem. Perry Mason tomou nota numa folha de papel.

— Mande-a entrar, disse ele.

— Muito bem. Eu apenas queria avisá-lo que ela me parece esquisita.

Della Street, a secretária, era uma figura delgada e firme. Tinha aproximadamente vinte e sete anos, e dava a impressão de observar a vida com olhos perscrutadores, vendo muito abaixo da superfície. Ela continuava junto à porta, olhando para Perry Mason com tranquila insistência.

— Seria bom, disse a secretária, — Que o senhor antes de fazer qualquer coisa por ela, descobrisse qual a sua verdadeira identidade.

— Algum palpite? Perguntou Perry Mason.

— Mais ou menos, respondeu ela sorrindo. Perry Mason fez um aceno com a cabeça. O seu rosto não tinha mudado de expressão. Somente os olhos é que se tinham tornado cautelosos e observadores.

— Muito bem, mande-a entrar. Vou ver que aspecto ela tem.

Della Street fechou a porta ao sair, mantendo porém a mão no trinco. Dentro de poucos

instantes o trinco girou, a porta se abriu, e uma mulher entrou na sala com um ar de tranquila confiança. Acabava de sair da casa dos trinta, ou talvez se aproximasse dela. Estava bem vestida e a sua aparência era de quem cuida muitíssimo de si. Relanceou apreciativamente os olhos pelo escritório, antes de olhar para o homem que se achava sentado atrás da mesa.

— Entre e se sente, disse Perry Mason.

A recém-chegada olhou então para Mason, e houve no seu rosto uma leve expressão de desagrado. Pensaria talvez que, ao entrar ela numa sala, os homens deviam se levantar e tratá-la com a deferência devida ao seu sexo e posição. Por um breve momento ela pareceu inclinada a ignorar o convite que lhe fora feito. Mas se encaminhou para a cadeira indicada, diante da mesa, se sentou e olhou para Perry Mason.

— Então? Fez ele.

— É Mr. Mason, o advogado?

— Sim. Os olhos azuis que tinham estado a fixá-lo em cautelosa avaliação se arredondaram de repente e como que por um esforço. Davam-lhe ao rosto uma expressão de completa inocência.

— Estou em dificuldades, disse ela. Perry Mason acenou com a cabeça como se a informação nada lhe significasse, além de um assunto da rotina de todos os dias. Como a visitante permanecesse calada o advogado observou:

— A maior parte das pessoas que vêm aqui está nas mesmas circunstâncias.

— O senhor não me ajuda a lhe expor o meu assunto, disse bruscamente a mulher. — A maioria dos advogados que tenho consultado... Calou-se de súbito. Perry Mason sorria para ela. Levantou-se com vagar, pôs as mãos na beira da mesa e inclinou o corpo para frente.

— Sim, disse ele. — Sei disso. A maioria dos advogados que a senhora consultou tinham instalações luxuosas e muitos empregados entrando e saindo. A senhora gastou um dinheirão com eles e eles não lhe ofereceram grande coisa em troca. Faziam-lhe curvaturas e rapapés quando a senhora entrava na sala, e lhe pediam grandes adiantamentos. Mas agora que se meteu numa dificuldade séria, não se atreveu a voltar lá.

Os olhos da visitante se estreitaram levemente. Ambos ficaram se olhando durante dois ou três segundos, e por fim a mulher baixou os olhos. Perry Mason continuou a falar, lenta e vigorosamente, sem contudo erguer a voz.

— Perfeitamente, disse ele. — Eu sou diferente. Tenho o meu trabalho porque luto por ele, e porque luto pelos meus clientes. Ninguém veio ainda me procurar para organizar uma companhia, e nunca fiz um inventário. Não redigi mais de uma dúzia de contratos em toda a vida, e eu não saberia como proceder para executar um hipotecado. As pessoas que me procuram não fazem isso por gostarem dos meus olhos, ou do mobiliário do meu escritório, ou porque me conheceram num clube. Vêm aqui porque precisam de mim. Vêm aqui porque desejam me contratar pelo que posso fazer. A senhora levantou os olhos para ele.

— Que o senhor faz? Perguntou ela. O advogado lhe atirou uma palavra:

— Luto! A visitante baixou vigorosamente a cabeça, dizendo:

— É justamente isso que eu quero que o senhor faça por mim. Mason tornou a se sentar na sua cadeira giratória, e acendeu um cigarro. A atmosfera parecia agora descarregada, como se as duas

personalidades houvessem criado uma tempestade elétrica e esta por fim amainasse.

— Perfeitamente, disse ele. — Já gastamos muito tempo com os preliminares. Volte ao chão e me diga o que deseja. Diga em primeiro lugar quem é e como descobriu o meu escritório. Talvez lhe seja fácil se começar assim. A jovem senhora começou a falar rapidamente como se tivesse ensaiado o que dizia.

— Sou casada. O meu nome é Eva Griffin, e moro em Grove Street, 2271. O meu caso é tal que ainda não pude discuti-lo bem com os advogados que até aqui me representaram. Uma amiga, cujo nome pediu para não revelar, me indicou o senhor, e disse que o senhor era mais do que um advogado. Que o senhor saía a campo e agia. Calou-se por um instante, e depois perguntou: — É verdade? Perry Mason inclinou a cabeça.

— Acho que sim, disse ele. — A maioria dos advogados emprega ajudantes e detetives para trabalhar nos seus casos e descobrir provas. Não faço isso, pela simples razão de que não posso confiar em ninguém que faça esse trabalho na espécie de casos tratados por mim. Não trato de muitos, mas quando o faço sou bem pago, e usualmente ofereço bons resultados. Quando emprego um detetive, emprego-o para fazer apenas uma coisa. A visitante fez um aceno rápido e ansioso. Agora que o gelo estava derretido, ela parecia impaciente por continuar a sua história.

— O senhor leu nos jornais o assalto de ontem à noite, no Beechwood Inn? Havia algumas pessoas no refeitório principal, e outras nas salas particulares. Um homem procurou assaltar os convivas, e alguém lhe deu um tiro. Perry Mason respondeu afirmativamente: tinha lido os jornais. — Pois eu estava lá. O advogado encolheu os ombros, dizendo:

— Sabe alguma coisa sobre quem foi que atirou? A jovem senhora baixou os olhos por um instante e tornou a erguê-los.

— Não, respondeu ela. Mason olhou-a, e franziu a testa. Ela resistiu um pouco ao olhar dele e baixou os olhos. Perry Mason continuava a esperar como se ela não lhe houvesse respondido à pergunta. Depois de um instante, a senhora tornou mais uma vez a erguer os olhos, e se moveu inquieta na cadeira.

— Bem, disse ela. — Já que o senhor vai ser meu advogado, devo lhe contar a verdade. Sei.

O aceno de Mason pareceu ser mais de satisfação do que afirmação, quando disse:

— Continue.

— Procuramos sair, mas não foi possível. Todas as entradas estavam guardadas. Parecia que alguém tinha feito uma ligação para a polícia antes do tiro, exatamente quando começou o assalto. Antes que nós pudéssemos sair, a polícia tinha cercado o lugar.

— Quem é “nós”? Perguntou ele. A narradora considerou a ponta do sapato, e depois disse numa voz balbuciada:

— Harrison Burke.

— Refere-se a Harrison Burke, que é candidato a... Disse lentamente Perry Mason.

— Sim, atalhou ela, como para interrompê-lo antes que ele pudesse dizer alguma coisa a respeito de Harrison Burke.

— Que fazia lá em companhia dele?

— Jantava e dançava.

— Então?

— Então, continuou ela, — Voltamos à sala particular, e ficamos escondidos até que os policiais começaram a anotar os nomes das testemunhas. O sargento encarregado do caso era um amigo de

Harrison, e sabia que seria fatal se os jornais soubessem que estávamos lá. Assim, nos deixou ficar na sala particular até que tudo estivesse terminado, e depois nos fez sair pela porta de serviço.

— Foram vistos por alguém? Perguntou Mason. Ela balançou a cabeça.

— Que eu saiba, por ninguém.

— Perfeitamente, disse o advogado. — Pode continuar. A consulente olhou para ele e perguntou bruscamente:

— Conhece Frank Locke?

— Sim, se é que se refere a quem edita o Spicy Bits. Mrs. Griffin apertou os lábios numa linha firme e assentiu silenciosamente com a cabeça. — Que há a respeito dele? Perguntou Mason.

— Ele sabe da história.

— Vai publicá-la? Novo aceno da interrogada. Perry Mason segurou um corta-papéis que havia sobre a mesa. A sua mão era bem formada, longa e fina, mas os dedos pareciam cheios da respectiva força. Parecia uma dessas mãos que dispõem de uma contração esmagadora quando requer uma ocasião.

— A senhora pode comprá-lo, disse ele.

— Não, não posso. O senhor precisa fazer isso.

— E Harrison Burke?

— O senhor não compreende? Harrison Burke pode explicar o fato de ter estado com uma mulher casada no Beechwood Inn. Mas ele nunca poderia explicar a circunstância de ter comprado o silêncio de um jornal escandaloso. Ele precisa ficar fora disto. Podem lhe preparar uma armadilha. Perry Mason tamborilou com os dedos na mesa.

— E a senhora quer que eu trate disso?

— Quero, sim.

— Quanto pagaria por isso? Inclinando-se para Mason, a consulente se pôs a falar rapidamente, em tom de palestra.

— Ouça, disse ela. — Vou informá-lo de uma coisa. Guarde o que eu lhe disser, mas não procure saber como soube disso. Não acho que o senhor possa comprar Frank Locke. Precisa ir mais acima. Frank Locke finge ser dono do Spicy Bits. O senhor sabe de que jornal se trata. É uma publicação que trabalha especialmente com chantagens. Tudo o que lhe cai na rede é peixe. Mas Frank Locke é apenas um testa de ferro. Há alguém atrás dele. Alguém que está em posição muito superior. E esse alguém dispõe de um bom advogado que trata de manter o jornal livre de processos e acusações. Mas no caso de acontecer alguma coisa desagradável, o papel de Frank Locke é o de arcar com toda a responsabilidade. Mrs. Griffin parou de falar. Houve um momento de silêncio.

— Estou ouvindo, disse Perry Mason. A consulente mordeu os lábios, levantou os olhos mais uma vez, e continuou a falar rapidamente.

— Descobriram que Harrison estava lá. Não sabem qual é a mulher que se achava em sua companhia. Mas vão publicar o fato de que estava lá e pedir que a polícia o chame como testemunha. Há um certo mistério sobre aquela morte. Tenho a impressão de que alguém induziu o homem a fazer o assalto, de sorte que ele pôde ser morto sem que se fizessem muitas perguntas. A polícia e o promotor vão interrogar severamente todas as pessoas que se encontravam lá.

— E não vão interrogá-la? Perguntou Perry Mason. A senhora balançou a cabeça.

— Não, vão me deixar de lado. Ninguém sabe que eu estava lá. O sargento sabe da presença de Harrison. Isso é tudo. Dei-lhe um nome falso.

— Então? Fez Mason.

— Não compreende? Se fizerem pressão junto dos policiais, terão que interrogar Harrison, que

precisará dizer quem era a mulher que estava com ele. Ou então a coisa parecerá pior do que realmente foi. Na verdade, não havia nada de mal. Tínhamos o direito de estar onde estávamos. Mason bateu com os dedos na mesa e, depois de um momento, olhou firmemente para a sua interlocutora.

— Perfeitamente, disse ele. — Não devemos deixar nenhum mal-entendido a respeito do caso. A senhora deseja salvar a carreira política de Harrison Burke? A jovem olhou-o significativamente.

— Não, disse ela. — Não quero nenhum mal-entendido a respeito disso. Procuo salvar a mim mesma. Mason continuou por mais alguns instantes tamborilando com os dedos, dizendo depois:

— Isso vai custar dinheiro. A jovem senhora abriu a bolsa.

— Vim preparada para isso. Perry Mason olhava-a enquanto ela contava o dinheiro e a arrumava em maços sobre a mesa.

— Que é isso? Perguntou ele.

— É por conta dos seus honorários. Quando o senhor souber quanto vai ser necessário para manter a coisa em segredo, pode me avisar.

— De que maneira?

— Ponha um pequeno anúncio no Examiner: “E. G. Negócio pronto para ser concluído.” E assine com as suas iniciais. Eu virei então ao seu escritório.

— Não gosto disso. Pagar chantagens nunca foi coisa do meu agrado. Prefiro encontrar alguma outra maneira.

— Que outra maneira haveria? Ele encolheu os ombros.

— Não sei. Às vezes há outras maneiras.

— Posso, disse ela esperançosamente. — Posso lhe dizer uma coisa a respeito de Frank Locke. Há certa coisa no seu passado da qual ele tem medo. Eu não sei exatamente o que é. Parece que ele já esteve uma vez na prisão, ou coisa semelhante. O advogado encarou-a.

— A senhora parece conhecê-lo muito bem. A jovem balançou a cabeça, dizendo:

— Nunca o vi na minha vida.

— E como sabe tanta coisa a respeito dele?

— Eu já lhe disse que o senhor não devia me fazer perguntas. Mason tornou tamborilando com os dedos poderosos na beira da mesa.

— Posso dizer que estou representando Harrison Burke? Perguntou ele. A consulente balançou a cabeça com ênfase.

— O senhor não pode dizer que representa pessoa alguma. Isto é, não pode mencionar nome nenhum. O senhor é que sabe como deve fazer isso. Eu não.

— Quando deseja que eu comece a trabalhar?

— Agora mesmo. Perry Mason apertou um botão a um lado da mesa.

Um momento depois, se abriu a porta da sala fronteira e Della Street entrou trazendo consigo um livro de notas. A mulher da cadeira se reclinou com um ar impessoal e alheado: a atitude de alguém cujos assuntos de forma alguma são para serem discutidos diante dos criados.

— Deseja alguma coisa? Perguntou Della Street. Perry Mason puxou a gaveta superior, à esquerda da mesa, e tirou uma carta.

— Esta carta, disse ele, — Está boa, mas falta uma coisa que desejo mencionar. Vou escrever à mão. Depois torne a datilografar a carta. Eu vou sair para um assunto importante por todo o resto do dia. Não sei quando volto ao escritório. Della Street perguntou:

— Posso me comunicar com o senhor em alguma parte?

O advogado acenou que não, dizendo que ele mesmo se comunicaria com ela. Pondo a carta diante de si, Mason garatujou à margem da mesma. Della Street hesitou um momento, mas depois deu a volta à mesa a fim de poder olhar por cima do ombro do seu chefe. Perry Mason escreveu o seguinte: “Volte para o seu lugar. Telefone para a Agência de Detetives Drake. Mande-o seguir esta mulher quando ela sair daqui. Mas é preciso que ela não saiba. Diga-lhe que quero saber quem é ela, e que isso tem muita importância.”. Pegou no mata-borrão, secou a nota, e entregou a carta à secretária.

— Faça a carta agora mesmo, disse ele. — Quero assiná-la antes de sair. A secretária segurou a carta com naturalidade.

— Muito bem, disse ela, e saiu da sala. Perry Mason se voltou para a sua visitante.

— Tenho que saber alguma coisa a respeito da soma à qual posso chegar neste assunto.

— Qual a importância que acharia razoável?

— Nenhuma, respondeu ele ríspidamente. — Não gosto de pagar chantagens.

— Já sei, observou a jovem senhora. — Mas o senhor deve ter tido algum caso semelhante.

— Spicy Bits pedirá tudo o que achar que o negócio pode valer ou aguentar. E eu procuro descobrir o quanto aguentará. Se quiserem muito dinheiro, tentarei conseguir a coisa de outro modo. Mas se estiverem dispostos a se mostrarem razoáveis poderei resolver rapidamente o assunto.

— O senhor precisará resolvê-lo rapidamente.

— Bem, disse Mason. — Estamos fugindo da pergunta que fiz. Quanto?

— Posso conseguir cinco mil dólares, arriscou ela.

— Harrison Burke está na política, disse Mason. — De tudo o que sei, posso dizer que ele não está metido nisso por si mesmo. Está com o pessoal das reformas, e esta circunstância torna-o ainda mais valioso para os adversários.

— A que se refere o senhor?

— Refiro-me ao fato de que o Spicy Bits provavelmente achará que cinco mil dólares seja uma gota no balde.

— Eu poderia conseguir mais, nove ou talvez dez mil, se tratando de um aperto.

— E será um aperto? Mrs. Griffin mordiscou o lábio inferior. — E no caso de que haja alguma coisa e eu precise me comunicar com a senhora sem esperar o tempo exigido pelo anúncio no jornal? Onde posso encontrá-la? A jovem balançou a cabeça rápida e energicamente.

— Não. Isso é coisa que o senhor já devia ter compreendido. Não me procure no meu endereço. Não me telefone. Não procure saber quem é o meu marido.

— A senhora vive com o seu marido? A senhora lhe atirou um olhar rápido.

— Naturalmente. Do contrário, como eu iria conseguir o dinheiro? Houve uma batida na porta do escritório, e Della Street enfiou para dentro a cabeça e os ombros, dizendo:

— A carta já está datilografada, e pode assiná-la quando quiser, Mr. Mason. Perry Mason se levantou e olhou significativamente para a sua visitante.

— Muito bem, Mrs. Griffin, disse ele. — Farei tudo o que puder. Ela se levantou da cadeira, deu um passo em direção à porta, parou e olhou para o dinheiro que estava sobre a mesa.

— Dá-me um recibo? Perguntou ela.

— Se assim quiser.

— Acho melhor.

— Sem dúvida, disse o advogado intencionalmente, — Se a senhora quiser ter na sua bolsa um recibo de um adiantamento passado para Eva Griffin e assinado por Perry Mason, isso me é de todo indiferente. A jovem franziu as sobrancelhas, dizendo:

— Não faça isso. Faça um recibo dizendo que o seu portador lhe pagou a quantia mencionada como adiantamento. Sério, Mason apanhou o dinheiro com as suas mãos rápidas e competentes, e acenou para Della Street.

— Della, disse ele, — Pegue este dinheiro. Dê a Mrs. Griffin um recibo contra o título aberto no nosso livro, mencionando o número da página. O portador será creditado em cinco mil dólares. A importância do recibo é mencionada como adiantamento.

— Poderá me dizer qual será a importância total dos seus honorários? Perguntou a mulher.

— Dependerá do trabalho que eu tiver. Será elevada, mas justa. E dependerá dos resultados. A consulente assentiu com a cabeça, hesitou um momento, e depois disse:

— Acho que não me resta mais nada a fazer aqui.

— A minha secretária lhe dará o recibo, disse Mason.

— Bom dia, se despediu Mrs. Griffin, com um sorriso.

— Bom dia, respondeu ele. Mrs. Griffin parou à porta para se voltar e olhar novamente para ele. Mason estava de costas para ela, com as mãos nos bolsos, olhando pela janela.

— Por aqui, tenha a bondade, disse Della Street, e fechou a porta.

Perry Mason continuou olhando para a rua durante cerca de cinco minutos. A porta que dava para a sala fronteira se abriu mais uma vez, e Della Street entrou no escritório.

— Já foi, disse a secretária. Mason se voltou.

— Porque você achou-a esquisita? Perguntou ele. Della Street olhou-o firmemente nos olhos.

— Essa mulher me dá uma impressão de calamidade. O advogado encolheu os seus ombros largos.

— Para mim, ela representa quinhentos dólares de adiantamento. E mais mil e quinhentos de honorários quando a coisa ficar resolvida. A jovem observou com certa ênfase:

— Ela é esquisita e má. É uma dessas mulheres muito bem tratadas que são capazes de aprontar qualquer pessoa para se safarem. Perry Mason observava-a apreciativamente.

— Não se encontra lealdade em esposas que pagam quinhentos dólares de adiantamento, disse ele. — Trata-se de uma cliente. Della Street balançou a cabeça, e explicou:

— Não é isso o que eu quero dizer. Quero dizer que há nela qualquer coisa de falso. Ela esconde alguma coisa ao seu advogado, mesmo agora; alguma coisa que você deveria saber. Ela manda-o contra alguma coisa Ignorada, quando lhe poderia tornar a tarefa mais fácil se fosse franca. Perry Mason fez um gesto com os ombros.

— Que me importa que ela facilite ou não o meu caminho? Perguntou ele. — Ela é uma pessoa que paga o meu tempo. Tempo é tudo que estou empregando nisto.

— Está certo de que é só isso? Perguntou lentamente Della Street.

— E porque não?

— Não sei, respondeu ela. — Essa mulher é perigosa. É o tipo da mulherzinha capaz de deixá-lo em maus lençóis, de arrastá-lo a uma complicação para, no fim, escapar e deixar a responsabilidade e o perigo para si. O rosto de Mason não mudou de expressão, mas os seus olhos luziram.

— Esse é um dos riscos que eu tenho de correr. Não posso esperar que os meus clientes sejam leais para comigo. Pagam-me. E é tudo. Della fixava-o com um olhar especulativo onde havia uma

ansiosa ternura.

— Mas você insiste em ser leal para com os seus clientes, não importa o quanto eles sejam canalhas.

— Naturalmente, disse ele. — É o meu dever.

— Para com a profissão?

— Não, para comigo mesmo. Sou um gladiador pago. Luto pelos meus clientes. A maioria deles não põe todas as cartas na mesa. É por isso que são clientes. Meteram-se em complicações. A mim compete livrá-los delas. Tenho que jogar limpo com eles. E não posso esperar que eles façam sempre o mesmo comigo.

— Não é justo, retrucou Della.

— Claro que não é, disse Mason sorrindo. — É negócio. A secretária encolheu os ombros.

— Já avisei Drake. Disse-lhe que era para seguir a mulher assim que ela saísse do escritório, comunicou ela bruscamente, voltando ao seu trabalho. — Respondeu que estaria lá em baixo e executaria a sua ordem.

— Você falou com o próprio Paul Drake?

— Claro. Do contrário eu não lhe diria que tudo estava bem.

— OK. Ponha trezentos dólares desse dinheiro no banco e me entregue os duzentos restantes. Saberemos quem é ela na realidade. Feito isto, teremos um ás na manga. Della Street voltou para a sua sala e tornou a aparecer, trazendo para Perry Mason os duzentos dólares pedidos. O advogado sorriu.

— Você é uma boa garota, Della, disse ele... Até mesmo quando tem ideias esquisitas a respeito de mulheres. A secretária fez meia volta.

— Tenho ódio até do chão que ela pisa! Mas não é bem isso. É alguma coisa diferente. É uma espécie de palpito que me entrou na cabeça. Afastando os pés e metendo as mãos nos bolsos, Mason encarou-a.

— E porque você a odeia? Perguntou ele com divertida tolerância.

— Odeio tudo quanto ela representa! Eu tive que trabalhar para conseguir tudo o que consegui. Em toda a minha vida nunca consegui coisa alguma que não viesse do meu trabalho. E muitas vezes eu trabalhei sem obter coisa alguma em troca. Essa mulher pertence ao tipo das que em toda a vida nunca souberam o que foi trabalhar! Ela não oferece nada pelo que consegue. Nem ela mesma. Perry Mason, pensativamente, mordeu os lábios.

— E toda esta explosão é só porque você olhou uma única vez para ela e não gostou do seu modo de vestir? Perguntou ele.

— Gostei, sim, do vestido dela. Ela se veste como um milhão de dólares. Aquela roupa deve ter custado a alguém um bom dinheiro. E você pode apostar na certa que ela não foi quem pagou a roupa que usa. Ela é muito bem tratada, muito bem vestida, muito “bonitinha”. Notou o truque que ela tem quando quer impressionar os outros? Não viu a maneira como ela arredonda os olhos? Aquilo foi estudado na frente do espelho: é o que nós chamamos olhar de bebê... “o coitadinho tão bonitinho”, e essas coisas... Mason fitou-a com olhos que subitamente se haviam feito profundos e enigmáticos.

— Se todos os clientes merecessem a sua confiança, Della, não haveria a profissão de advogado. Não se esqueça disto. Você precisa receber os clientes como eles se apresentam. Você é diferente. A sua família era rica. Depois perdeu o dinheiro. Você foi trabalhar. Muitas e muitas mulheres não teriam feito isso. Os olhos da jovem pareceram pensativos.

— Que teriam feito elas? Que poderiam ter feito?

— Poderiam, observou ele vagarosamente, — Ter se casado com um homem e depois ido ao Beechwood Inn com algum outro. E lá, sendo apanhadas, procurar um advogado para tirá-las da complicação. Della Street se voltou para a sala fronteira, desviando de Mason os olhos. Estes fulguravam.

— Eu comecei a falar sobre clientes, observou ela, — E você começou a falar sobre mim. E abrindo a porta, entrou na sua sala.

Perry Mason caminhou até o limiar da porta e ali ficou enquanto Della Street se dirigia para a sua mesa, se sentava e colocava uma folha de papel na máquina. Mason ainda se encontrava ali quando se abriu a porta da frente e entrou um homem alto, de ombros caídos, cabeça para frente e o pescoço comprido. Os seus olhos salientes, por detrás dos óculos, dirigiam para Della Street um olhar que tinha permanente expressão de jovialidade brincalhona. Sorriu para a jovem, se voltou para Mason e disse:

— Olá! Perry.

— Entra, Paul, disse Mason. — Conseguiu alguma coisa?

— Estou aqui, respondeu Drake. Mason fechou a porta depois de ter feito o detetive entrar no seu escritório particular.

— Que aconteceu? Perguntou ele. Paul Drake se sentou na cadeira que a mulher tinha ocupado poucos minutos antes, descansou as pernas na outra cadeira e acendeu um cigarro.

— Ela é sabida.

— Porque pensa assim? Perguntou Perry Mason. — Ela sabia que você ia atrás dela?

— Não, acho que não. Eu estava na escada, junto ao elevador, e de lá podia ver quando ela saísse do escritório. Quando saiu, entrei no elevador em primeiro lugar. Ela ficou um pouco olhando para o teu escritório, a fim de ver se não saía alguém. Acho que talvez pensasse que você ia mandar alguma funcionária atrás dela. Pareceu aliviada quando o elevador desceu. Na rua, caminhou até à esquina, e eu fui atrás dela, deixando algumas pessoas entre nós. Depois entrou na loja do outro lado da rua, e caminhou direita para frente como se soubesse exatamente o que desejava fazer, e entrou na Sala de Descanso para Senhoras. A mulher tinha um aspecto meio esquisito quando entrou na sala. Pensei que aquilo fosse um truque, de maneira que perguntei a um funcionário se a sala tinha alguma outra saída. Parece que havia três. Uma para o salão de beleza, outra para o salão de manicure e outra para o café.

— E para onde foi ela? Perguntou Mason.

— Entrou no salão de beleza, quinze segundos depois, e eu fiquei ali perto. Calculei que muito simplesmente entraria na sala de vestir. Ela sabia que um homem não a poderia seguir até ali e com certeza havia preparado tudo de antemão. Mas o caso é que a mulher tinha um carro parado na frente da saída para a rua, pelo salão de beleza, e um motorista ao volante. O carro era um Lincoln enorme, se é que isso lhe diz alguma coisa.

— Não me diz nada, disse Mason.

— E eu pensava o contrário, observou Drake, fazendo uma careta.

Dois

FRANK LOCKE vestia um terno de tecido em duas cores. A sua pele era amorenada e áspera; não tinha o aspecto bronzeado que vem da prática de esportes ao ar livre, antes parecia ter absorvido nicotina a ponto de ficar manchado. Os olhos eram de um castanho desbotado, da cor do chocolate com leite, e absolutamente sem brilho. Pareciam mortos, inanimados. O nariz era grande e a boca frouxa. Um observador despreocupado teria a impressão de que o homem era inteiramente inofensivo e benigno.

— Bem, disse ele. — Pode falar aqui. Perry Mason sacudiu a cabeça.

— Não, meu caro, este lugar está cheio de gravadores e outros recursos. Falarei onde souber que você é o único a ouvir o que eu vou dizer.

— Onde?

— Você pode vir ao meu escritório, disse Mason, sem esperança nem entusiasmo no seu tom de voz. Frank Locke riu, e o seu riso era dissonante e sem alacridade.

— Nada disso. Eu é que vou escolher um lugar, disse ele.

— Como quiser. Ponha o chapéu e venha comigo. Haveremos de achar um cantinho.

— Que espécie de cantinho? Perguntou Locke, cujos olhos já expressavam suspeita.

— Vamos descobrir um hotel, disse Mason.

— Algum que você já tenha descoberto?

— Não. Tomaremos um táxi e mandaremos dar umas voltas por aí. Já que você se mostra tão desconfiado, pode escolher um hotel. Por um instante, Frank Locke hesitou.

— Desculpe-me por um momento, disse ele afinal. — Preciso verificar se tudo está em ordem e se posso sair do escritório. Há aí uns assuntos que reclamam a minha atenção.

— Perfeitamente, respondeu Mason, e se sentou.

Frank Locke saiu detrás da sua mesa e se retirou da sala. Deixou a porta aberta ao sair. Das salas vizinhas chegava o ruído das máquinas de escrever; se ouvia também um murmúrio de vozes. Perry Mason, sentado, fumava placidamente. Havia no seu rosto aquela expressão de absorta concentração que lhe era tão típica. Esperou quase dez minutos. Depois Frank Locke entrou de chapéu na cabeça.

— Muito bem, disse ele. — Agora posso sair. Os dois homens deixaram juntos o edifício, e chamaram um táxi que passava.

— Dê uma volta pelo quarteirão comercial, ordenou Mason ao motorista. Locke encarou o advogado com os seus olhos cor de chocolate, que pareciam não ter a menor expressão.

— Talvez pudéssemos falar aqui mesmo, sugeriu ele. Mason sacudiu a cabeça.

— Quero falar onde não tenha que gritar. Locke mostrou os dentes, dizendo:

— Já estou acostumado a que gritem comigo. Sério, Mason observou:

— Quando falei em gritar, me referia a negócios. Locke acendeu um cigarro, com um ar cansado.

— É, fez ele sem prestar atenção. O carro dobrou à esquerda.

— Ali tem um hotel, disse Mason.

— Estou vendo, observou Locke, arreganhando os dentes. — Não gosto dele porque foi você quem viu, e porque fica muito perto. Eu vou escolher o hotel.

— Perfeitamente, concordou Perry Mason. — Pode escolher. Mas não dê nenhum endereço ao motorista. Deixe que ele vá andando por aí e mande parar quando o carro passar por um hotel. Locke riu.

— Estamos muito cautelosos, não? Perry Mason fez um aceno com a cabeça. Pouco depois, Locke batia no vidro.

— Vamos descer aqui, disse ele. — No hotel. O motorista olhou para o jornalista com ligeira surpresa, mas fez parar o carro. Mason lhe atirou uma moeda de meio dólar, e os dois homens entraram no átrio do hotel barato.

— Então? E essa conversa? Perguntou Locke.

— Acompanhe-me, disse Mason.

Caminharam ambos através do hall, tomaram o elevador até à sobreloja, passaram além do salão de manicure, e foram se sentar ao fundo, num canto, ocupando duas cadeiras entre as quais havia uma mesinha-cinzeiro.

— Muito bem, disse Locke. — Você é Perry Mason, um advogado. Você representa alguém, e deve querer alguma coisa. Desembuche!

— Quero que determinada coisa não seja publicada no seu jornal.

— Muitas pessoas também costumam querer a mesma coisa.

— Bem, disse Mason — Vamos discutir em primeiro lugar a maneira de fazer o negócio. Está disposto a falar diretamente de uma proposta em dinheiro? Locke balançou a cabeça enfaticamente.

— Nós não somos um jornal que faça chantagens. — Acontece apenas que às vezes fazemos favores aos nossos anunciantes.

— Oh! Então é assim?

— É assim mesmo.

— O que eu iria anunciar? Perguntou Mason. Locke encolheu os ombros.

— Isso não nos interessa, disse ele. — Você não precisa anunciar coisa alguma, se não quiser. Nós lhe vendemos o espaço. Isso é tudo.

— Compreendo, fez Mason.

— Perfeitamente. O que você quer?

— Ontem à noite houve um assassinio no Beechwood Inn. Isto é, deram um tiro de pistola. Não sei se houve um assassinio ou não. Tenho notícias de que o homem contra o qual atiraram procurava assaltar os presentes. Frank Locke fixou no advogado os seus desapaixonados olhos cor de chocolate com leite.

— Então? Perguntou ele. Mason continuou:

— Sei que há um certo mistério em torno da coisa. Enfim, me parece que o comissário do distrito vai fazer uma investigação em regra.

— Você ainda não me disse coisa alguma, observou Locke.

— Mas estou lhe dizendo, retrucou Mason.

— Muito bem. Adiante.

— Alguém me informou, continuou Mason — Que a lista das testemunhas entregue ao comissário pode não estar completa. Locke encarou o advogado.

— Quem você representa? Perguntou ele.

— Um possível anunciante do seu jornal.

— Muito bem. Continue. Vamos ouvir o resto da história, pediu Locke.

— Você já conhece o resto, disse Mason.

— Mesmo que eu conhecesse, não iria admiti-lo, replicou o outro. — Eu não faço outra coisa senão vender espaços para anúncios. Você é que tem de abrir o jogo. Foi você quem veio me procurar. Eu não me mexo.

— Está certo, disse Mason. — Como anunciante do seu jornal, eu não gostaria desse assassinio muito pormenorizado nas suas colunas. Isto é, eu não gostaria que o jornal publicasse o nome de alguma testemunha que estivesse no local, e cujo nome não fosse incluído na lista entregue ao comissário do distrito. Eu ficaria particularmente desgostoso se o seu jornal saísse com o nome de certa testemunha proeminente cujo nome fosse omitido daquela lista, e perguntasse porque a referida testemunha não fora citada e interrogada. E, falando ainda como anunciante, muitíssimo me desagradaria ver qualquer comentário, sob qualquer forma, a respeito da referida testemunha ter uma companhia consigo, ou ainda, qualquer menção à identidade dessa companhia. Então, quanto vai me custar o espaço para o anúncio?

— Bem, disse Locke, se você quiser ditar a conduta do jornal nesse caso, terá que ficar com muito espaço. Isso seria regulado por meio de um contrato. Eu redigiria um contrato de propaganda consigo, e concordaria em lhe vender o espaço por determinado período de tempo. O acordo conteria uma cláusula penal aplicável no caso de você romper o contrato. Na circunstância de que o anunciante, você, não queira usar todo o espaço, pagaria a soma estipulada nessa cláusula penal.

— Eu poderia pagar a soma assim que rompesse o contrato? Perguntou Mason.

— Certamente.

— E eu poderia romper o contrato no momento em que ele fosse assinado?

— Não. Exclamou o jornalista. — Nós não gostaríamos disso. Você teria que esperar um dia ou dois.

— Nenhuma ação seria tomada enquanto eu esperasse, não é assim?

— Sem dúvida alguma. Mason puxou pela cigarreira, tirou um cigarro com os seus dedos compridos e fortes, acendeu-o, enquanto fixava em Locke os olhos que eram frios e sem amizade.

— Muito bem, disse ele. — Eu já disse tudo o que tinha para dizer. Agora é a minha vez de ouvir. Locke se levantou da cadeira e caminhou de cá para lá. Tinha a cabeça lançada para frente, e os seus olhos cor de chocolate piscavam rapidamente.

— Tenho que refletir sobre o assunto, disse ele por fim. Mason tirou o relógio e disse:

— Muito bem. Você tem dez minutos para essa reflexão.

— Não, redarguiu o outro. — Para isso será preciso um pouco mais de tempo.

— Não, não é preciso.

— E eu digo que sim.

— Você tem dez minutos, insistiu Mason.

— Foi você quem veio me procurar, disse Locke. — Eu não fui atrás de si.

— Ora, não seja tolo. Lembre-se de que eu represento um cliente. Você precisa me fazer uma proposta, e eu devo transmiti-la ao meu cliente, e não vai ser fácil me comunicar com ele. Locke ergueu o sobrolho.

— Ah! É assim? Exclamou ele.

— É assim mesmo.

— Bem, disse Locke, talvez eu possa refletir sobre a coisa em dez minutos. Mas eu preciso telefonar ao escritório.

— OK. Vá telefonar ao seu escritório. Eu esperarei aqui onde estou.

Locke se dirigiu imediatamente ao elevador e desceu ao andar térreo. Mason caminhou até às grades da sobreloja e viu que ele atravessava o átrio. Locke não foi à cabine do telefone e saiu do hotel. Mason foi ao elevador, apertou o botão, desceu, caminhou direito à porta e atravessou a rua. Postou-se no vão de uma porta, onde ficou fumando e observando os edifícios das proximidades. Depois de três ou quatro minutos, Locke saiu de uma drogaria e se encaminhou para o hotel. Mason atravessou a rua, entrou no hotel a poucos passos atrás de Locke, e seguiu-o até as cabines dos telefones. Entrando numa delas, o advogado deixou a porta aberta, colocou a cabeça para fora e chamou:

— Ah! Locke! O jornalista deu meia volta e fixou em Mason os seus olhos cor de chocolate, subitamente arredondados com o alarme. — Fiquei pensando, explicou Mason — Que era melhor telefonar para ver se encontrava o meu cliente. Assim eu talvez lhe pudesse dar uma resposta imediata. Mas não consegui nada. Ninguém responde. Estou vendo se recupero o níquel. Locke fez um aceno com a cabeça. Os seus olhos ainda mostravam suspeita.

— Deixe o níquel, disse ele. — O nosso tempo vale mais do que isso.

— O seu talvez valha, observou Mason, e tornou a entrar para a cabine. Bateu no aparelho duas ou três vezes, depois encolheu os ombros e saiu. Os dois homens subiram juntos no elevador até à sobreloja, e voltaram às cadeiras que haviam ocupado momentos antes.

— Então? Fez Mason.

— Estive refletindo sobre o assunto, disse Frank Locke, e hesitou. Mason comentou secamente:

— Eu achava que você já tinha refletido.

— Compreende, recomeçou o outro. — A situação que você provocou, sem mencionar nome algum, pode ter um ângulo político muito importante.

— Mas também, disse Mason, — Ainda sem mencionar nome algum, pode não ter. Contudo, de nada nos vale estarmos aqui um diante do outro procurando nos enganarmos, como um par de feirantes. Qual é o seu preço?

— O contrato de propaganda precisará ter uma cláusula, estabelecendo que, no caso de ser rompido, será feito um pagamento de vinte mil dólares.

— Você está doido! Exclamou Mason. Frank Locke encolheu os ombros.

— Você é que desejava comprar espaço para anúncios, disse ele. — Eu não procuro vender. Mason se pôs em pé.

— Você não procede como se quisesse vender alguma coisa, observou ele, e, seguido por Locke, se dirigiu para o elevador.

— Talvez você queira comprar algum espaço em outra ocasião, disse Locke. — A nossa tabela é um tanto elástica.

— Quer dizer que os preços estão descendo?

— Quero dizer que eles podem subir, neste caso.

— Oh! Fez Mason. Deteve-se bruscamente e deu meia volta, encarando Locke com olhos frios e hostis.

— Escute, disse ele. — Eu sei contra quem é que estou agindo. E lhe digo diretamente que você não pode escapar com isso.

— Não posso escapar com quê?

— Sabe muito bem do que se trata. Você tem aqui um jornal de chantagens e já há muito tempo que exploram os outros. Não sabe o que é que o espera! Locke recobrou um tanto a compostura e deu de ombros, observando:

— Já tentaram me dizer isso mesmo.

— Mas eu não estou tentando, retrucou Mason. — Estou lhe dizendo.

— E eu já ouvi. Não é preciso levantar a voz.

— Está certo, disse Mason. — Então você já sabe o que eu quero dizer. Começo agora mesmo o meu trabalho contra vocês! Locke sorriu.

— Perfeitamente. Enquanto a isso, você não gostaria de apertar o botão, ou então sair da minha frente, que é para eu o apertar? Mason se voltou e comprimiu o botão. Os dois homens desceram em silêncio e atravessaram o átrio. Quando chegaram à rua, Locke sorriu.

— Bem, disse ele, fixando em Perry Mason os seus olhos castanhos. — Nada de inimizade, não é? Perry Mason voltou as costas, exclamando:

— Quero estar no inferno se não for o contrário!

* * *

Três

PERRY MASON, dentro do seu automóvel, acendeu um cigarro com a ponta de outro que acabava de fumar. O seu rosto traía uma paciente concentração: os olhos brilhavam. Parecia um pugilista sentado no seu canto, à espera do gongo. Contudo, não havia nesse rosto um sinal de nervosismo. A tensão era pelo fato de que havia mais de uma hora estivera acendendo cigarro após cigarro. Mais além na rua ficava o edifício no qual funcionava a redação do Spicy Bits. Mason estava no meio do último cigarro do maço, quando Frank Locke saiu do edifício. Caminhava de maneira furtiva, olhando maquinalmente em redor de si, com olhos que não pareciam buscar alguém em particular, mas que pareciam atentos apenas por uma questão de hábito. O seu aspecto era o de uma raposa que andou na faina até de manhã e é vista a se esgueirando para a sua toca à luz do sol nascente. Perry Mason atirou o cigarro fora e apertou o acelerador.

O leve cupê se afastou da esquina e entrou no tráfego. Locke, na esquina, se voltou à direita e chamou um táxi. Mason seguiu o táxi de perto até que o tráfego aumentou um pouco e então parou o seu automóvel. Locke saltou no meio do quarteirão, pagou o táxi, se dirigiu à entrada de um sótão e bateu à porta. Correu-se um postigo e a porta foi aberta. Mason pôde ver um homem se curvar e sorrir. Locke entrou e o homem fechou imediatamente a porta. Perry Mason foi deixar o seu carro meio quarteirão adiante, tirou do bolso um novo maço de cigarros e se pôs a fumar novamente.

Frank Locke se demorou no salão de bebidas durante três quartos de hora. Decorrido esse tempo, tornou a sair, olhou rapidamente em redor de si, e caminhou até à esquina. O álcool tinha lhe dado um certo ar de segurança, forçando-o a se endireitar um pouco. Perry Mason continuava à espreita quando Locke chamou um táxi que passava. Mason seguiu o carro até que o jornalista saltou diante de um hotel. Aquele deixou o seu automóvel, se dirigiu ao hall do hotel, e olhou cautelosamente em torno. Não havia sinal de Locke. Mason examinou todo o hall. Tratava-se de um hotel de tipo comercial, dos que hospedam vendedores. Havia uma linha de cabines de telefone e, ao fundo, a mesa da operadora. Poucas pessoas se achavam no hall.

— Tenha a bondade de me informar, pediu Mason ao porteiro, — Se Frank Locke tem um quarto aqui? O empregado percorreu um ficheiro e disse:

— Não, aqui só temos John Lock.

— Não; procuro Frank Locke.

— Não está hospedado aqui.

— Muito obrigado, disse Mason se voltando.

Atravessou o hall, foi até à sala de jantar. Havia poucas pessoas nas mesas, mas Frank Locke não estava entre elas. No rés-do-chão funcionava uma barbearia e Mason desceu as escadas e espreitou

pelos vidros. Locke se achava na terceira cadeira da direita, com o rosto coberto por uma toalha. Mason reconheceu-o pela roupa e pelos sapatos castanhos. Mason fez um gesto com a cabeça, subiu as escadas e voltou ao hall. Dirigiu-se à jovem que trabalhava na mesa dos telefones.

— Todas as ligações para as cabines, passam por aqui? Perguntou ele. A telefonista acenou que sim. — OK. Posso lhe dizer como ganhar vinte dólares muito facilmente. A jovem ergueu os olhos e perguntou:

— Quer brincar comigo? Mason fez que não com um gesto.

— Ouça, disse ele. — Eu quero saber um número, e nada mais.

— Como?

— Assim: eu vou chamar um homem pelo telefone. Ele provavelmente não atenderá logo, mas virá aqui mais tarde. O homem está agora na barbearia do hotel. Depois de falar comigo, ele irá telefonar para certo número. Eu quero saber que número é esse.

— Mas, perguntou a telefonista, e se ele não telefonar de uma das cabines?

— Nesse caso, você fez o que podia, e de qualquer maneira ganhou os vinte dólares.

— Eu não costumo dar informações sobre essas coisas, protestou a jovem.

— É para isso mesmo que receberá vinte dólares, disse Mason, sorrindo. — Para isso e para ouvir a conversa.

— Oh! Eu de maneira nenhuma poderia ouvir uma conversa e depois contá-la ao senhor.

— Mas não é preciso fazer isso. Eu lhe direi qual foi a conversa. Apenas quero comparar uma coisa com a outra, a fim de ter a certeza de que o número dado é o número de que eu preciso.

A telefonista hesitou, olhou furtivamente em volta, como se temesse que alguém estivesse ouvindo a conversa por acaso. Perry Mason tirou do bolso duas notas de dez dólares, dobrou-as e torceu-as serenamente. Os olhos da jovem se fixaram no dinheiro, e ali ficaram.

— De acordo, disse ela afinal. Mason lhe passou os vinte dólares.

— O nome do homem, disse ele, — É Locke. Vou chamá-lo dentro de dois minutos. A conversa será a seguinte; Locke telefonará para alguém e perguntará se esse alguém pode pagar quatrocentos dólares por uma informação sobre o nome de uma mulher. A pessoa responderá que pode. A jovem baixou vagarosamente a cabeça. — As ligações de fora chegam à sua mesa? Perguntou Mason.

— Não, a menos que o senhor peça o n.º 13.

O advogado sorriu para a telefonista e se retirou. Encontrou uma drogaria no quarteirão seguinte, onde havia um telefone público. Ligou para o hotel e pediu o n.º 13.

— OK., disse ele quando ouviu a voz da jovem. — Quero falar com Frank Locke. Mande avisá-lo e procure fazer com que ele atenda numa das cabines. Ele provavelmente não atenderá agora, mas eu esperarei. Ele está na barbearia. Mas não diga que eu disse que ele estava lá. Diga-lhe apenas que o procure na barbearia.

— Entendido, respondeu a telefonista. Mason esperou durante uns dois minutos, e depois ouviu a voz da jovem dizendo: — Ele pediu que o senhor deixe o seu número. Telefonará depois.

— Ótimo, disse Mason, — O número é Harrison 23850. Mas consiga que ele telefone de uma das suas cabines.

- Está bem, não se preocupe com isso.
- Perfeitamente. Diga-lhe que, nesse número, chame por Mr. Smith.
- Nenhuma inicial?
- Não, só Smith, e o número. Nada mais.
- OK. Entendido. Mason desligou o aparelho.

Esperou aproximadamente uns dez minutos, e então o telefone tocou. Perry Mason atendeu, usando uma voz forçada, queixosa, e ouviu a voz de Locke, que falava cautelosamente na outra extremidade do fio.

— Ouça, disse Mason, usando a voz forçada. — Que não haja nenhum mal-entendido. O senhor é Frank Locke do Spicy Bits?

— Sim, disse Locke. — Quem é você e como soube onde me encontrar?

— Estive na redação dois minutos depois de o senhor sair, e lá me informaram que eu poderia encontrá-lo num salão da Webster Street, ou mais tarde, aí no hotel.

— Como diabo sabiam isso? Perguntou Locke.

— Não sei. Foi o que me disseram. Nada mais.

— Bem, o que você deseja?

— Escute, disse Mason, eu sei que o senhor não quer falar de negócios pelo telefone. Mas este assunto precisa ser tratado com rapidez. Os senhores não trabalham por divertimento. Eu sei disso, e todos o sabem. Eu também não estou no negócio para brincar.

— Escute, disse Locke em voz cautelosa. — Não sei quem é você, mas é melhor que venha falar comigo pessoalmente. A que distância está do hotel?

— Não estou muito perto. Agora ouça. Posso lhe dar uma informação valiosa. Não vou dar essa informação pelo telefone, e, se o senhor a não quiser, tenho outra pessoa que a quer. Eu só desejo saber se o senhor está interessado. Gostaria de saber o nome da mulher que estava com Harrison Burke ontem à noite? Houve no telefone uma pausa de cinco segundos.

— O nosso jornal publica notícias humorísticas, informações sobre pessoas de destaque, disse Locke. — E sempre gostamos de receber qualquer informação que represente uma boa notícia.

— Nada de enrolações, disse Mason. — O senhor sabe o que aconteceu. Eu também sei. Fez-se uma lista, e o nome de Harrison não estava na lista. Também faltava o nome da mulher que estava com ele. Muito bem, o senhor dá mil dólares pela prova absoluta da identidade da mulher?

— Não, disse Locke, firme e decisivamente.

— Está bem, está bem, continuou Mason rapidamente. — E quinhentos dólares?

— Não.

— Bem, insistiu Mason, dando à voz um tom lamuriento. — Escute. Dou-lhe a informação por quatrocentos dólares. Este é absolutamente o último preço. Tenho outro mercado que me oferece trezentos e cinquenta dólares. Já tive muito trabalho para encontrar o senhor e isto não lhe pode custar menos de quatrocentos dólares.

— Quatrocentos dólares é muito dinheiro.

— A informação que eu tenho é muita informação, disse Mason.

— Você precisa me dar mais alguma coisa além da informação, respondeu Locke. — Precisamos de alguma coisa que possamos usar como prova no caso de que nos intentem um processo.

— Certamente. O senhor me dá os quatrocentos dólares e eu lhe dou a prova. Locke ficou em

silêncio por alguns instantes.

— Está bem, disse ele, depois. — Tenho que refletir um pouco. Eu lhe telefono depois dando a resposta.

— Vou esperar aqui neste número. Ligue para aqui, e desligou o aparelho.

Perry Mason pediu um sorvete ao balcão e bebeu um copo de água gasificada, sem pressa e sem mostrar emoção nenhuma. Os seus olhos estavam pensativos, mas a sua atitude era de calma. Ao cabo de seis ou sete minutos o telefone tilintou novamente, e Mason atendeu a ligação.

— É Smith quem fala, gemeu ele. Disse a voz de Locke:

— Sim, pagamos o preço, uma vez que recebemos a prova.

— OK. Esteja no seu escritório amanhã. Irei procurá-lo. Mas não falte, porque recusei a oferta de trezentos e cinquenta dólares.

— Escute, eu gostaria de vê-lo hoje à noite e deixar tudo esclarecido. Havia um certo tremor nervoso na voz de Locke.

— Não é possível. Posso lhe dar a informação hoje à noite, mas é só amanhã que posso fornecer a prova.

— Bem, insistiu Locke. — Você podia me dar a informação esta noite, eu lhe pagaria amanhã quando me trouxesse a prova. Mason deu uma risada de troça.

— Nada disso. Já estou muito velho para essas coisas, disse ele. Irritado, Locke respondeu:

— Muito bem, faça como quiser. Mason tornou a rir.

— Obrigado, disse ele. — Acho que seguirei o conselho, e desligou o aparelho.

Perry Mason voltou ao automóvel e nele ficou sentado durante uns vinte minutos. Passado esse tempo, Frank Locke saiu do hotel acompanhado por uma jovem. Bem barbeado, a sua pele mostrava uma mancha vermelha por baixo do seu bronzeado peculiar, devido à massagem. Tinha o ar elegante e complacente de um homem do mundo que sabe onde pisar e gosta disso.

A jovem que vinha com ele não tinha mais que vinte e um ou vinte e dois anos, a julgar-se pelo seu rosto. O corpo era bem feito, e exibido sem grande parcimônia; rosto perfeitamente inexpressivo; roupas caras. Era bonita de maneira muito violenta.

Perry Mason esperou até que ambos tivessem tomado um táxi, depois foi ao hotel e se dirigiu para a telefonista. A jovem ergueu os olhos com certa ansiedade, meteu discretamente a mão no seio e tirou um pedacinho de papel. Nesse papel estava escrito um número de telefone: Freyburg 629803. Perry Mason fez um aceno com a cabeça e enfiou o papel no bolso.

— A conversa não foi a respeito de pagar tanto por certa informação? Perguntou ele.

— Não posso divulgar o que se diz na linha.

— Sei disso. Mas você me diria se a conversa não fosse essa? Diria?

— Talvez.

— Muito bem. Então disse alguma coisa diferente?

— Não!

— Era só o que eu queria saber, disse ele, e sorriu.

Quatro

PERRY MASON entrou na Seção de Detetives da Polícia Central.

— Drumm está por aí? Perguntou ele. Um dos homens acenou com a cabeça e virou um polegar para a porta interna. Perry Mason entrou. — Sidney Drumm, disse ele para um dos detetives que estava diante de uma mesa, a um canto, fumando. Alguém ergueu a voz e gritou: — Eh! Drumm, venha cá. Abriu-se uma porta e Sidney Drumm olhou em volta até ver Perry Mason. Sorriu.

— Alô, Perry, disse ele.

Era um homem alto, magro, com os maldades proeminentes, olhos aguados. Parecia mais natural com uma viseira verde, caneta na mão, sentado num banco alto de escritório, do que na Seção de Detetives da polícia Central, motivo pelo qual, talvez, o homem fosse tão bom detetive. Mason fez um sinal com a cabeça dizendo:

— Acho que tenho qualquer coisa para nós.

— O.K., fez Drumm. — Daqui a pouco falo contigo. Mason se retirou para o corredor. Sidney Drumm foi encontrá-lo cinco minutos depois.

— Então? Perguntou o detetive.

— Ando atrás de uma testemunha de qualquer coisa que pode ser de valor para você, disse Mason. — Ainda não sei bem onde é que a coisa vai dar. Atualmente, trabalho para um cliente, e quero descobrir um número de telefone.

— Qual é o número?

— Freyburg 629803. Se for de quem eu penso que é, ele é tão esperto como uma dúzia de macacos velhos, e não servirá de nada tentar o “golpe do engano”. Acho que provavelmente o número não figura na lista. Você precisaria obtê-lo nos próprios registros da companhia telefônica, e eu acho que é melhor fazer isso pessoalmente.

— Caramba, tens um topete! Perry Mason pareceu magoado.

— Eu já disse que trabalho para um cliente, disse ele. — No negócio há vinte e cinco dólares para você. Pensei que valesse a pena dar um pulo na companhia telefônica por vinte e cinco dólares. Drumm sorriu.

— Por que diabo não disse isso em primeiro lugar? Espera que vou buscar o meu chapéu. Vamos no meu ou no seu carro?

— É melhor irmos com os dois, disse Mason. — Você vai no seu, e eu vou no meu. Eu talvez não volte para esta área.

— O.K., disse o detetive. — Encontro-me consigo lá na Telefônica. Mason desceu à rua, apanhou o seu automóvel e se dirigiu para o edifício principal da companhia telefônica. Drumm,

num carro da polícia, tinha chegado em primeiro lugar.

— Achei melhor que você não estivesse comigo quando subi para ver a coisa. O número já está deslindado.

— De quem é?

— George C. Belter, informou Drumm. — E o endereço é Elmwood 556. Tinha razão, o número não figurava na lista. É um telefone secreto... No Centro não podem informar o número. Assim, esqueça como foi que o consegui.

— Claro, disse Mason, tirando do bolso duas notas de dez e uma de cinco. Os dedos de Drumm se fecharam sobre o dinheiro.

— Menino, exclamou ele. — Estes papeizinhos têm boa cara depois daquele pôquer de ontem à noite. Dê um pulo na Central quando tiver outro cliente como esse.

— Este cliente talvez fique comigo algum tempo, observou Mason.

— Será ótimo.

Mason entrou no seu automóvel. Tinha o rosto sombrio quando apertou o acelerador e pôs o carro em movimento para Elmwood Drive. Elmwood Drive era o bairro residencial mais exclusivo da cidade. As casas, que ficavam bastante retiradas da rua, tinham trepadeiras na frente, e os jardins eram ornamentados com cercas vivas e árvores. Mason parou o carro antes do n.º 556. Era uma casa pretensiosa, que ficava no topo de uma pequena elevação de terreno. Não havia outras casas no espaço de setecentos metros, mais ou menos em ambos os lados, e a elevação tinha sido ajardinada de maneira a destacar a magnificência da casa. Mason não entrou com o carro na avenida particular; deixou-o na rua e foi a pé até à porta principal da casa. No portal havia uma lâmpada acesa. A noite estava quente, e miríades de insetos esvoaçavam em torno da luz, batendo com as asas no grande globo de vidro opaco que escondia a lâmpada. Quando o advogado tocou a campainha pela segunda vez, a porta foi aberta por um criado de libré. Perry Mason tirou do bolso um dos seus cartões de visita e entregou-o.

— Mr. Belter, disse ele, — Não está à minha espera, mas me receberá. O criado relanceou os olhos pelo cartão e se afastou para o lado.

— Perfeitamente, cavalheiro. Quer ter a bondade de entrar? Perry Mason entrou no salão de recepção, e o criado lhe indicou uma cadeira. Mason ouviu-o subir a escada. Depois, ouviu vozes num andar superior e o som de pés do criado descendo novamente as escadas. O criado aproximou-se do advogado, dizendo:

— Com sua licença, mas Mr. Belter não parece conhecer o cavalheiro. O senhor não poderia me dizer qual o assunto que o traz aqui? Mason olhou-o nos olhos e disse firmemente:

— Não.

O criado esperou um momento, pensando que Mason acrescentasse mais alguma coisa, e depois, como o advogado nada dissesse, se voltou e tornou a subir as escadas. Desta vez, se demorou uns três ou quatro minutos. Quando voltou, tinha o rosto imperturbável.

— Acompanhe-me, por obséquio, disse ele. — Mr. Belter vai recebê-lo.

Mason seguiu o homem pelas escadas até uma sala de estar, que ocupava uma ala inteira, e evidentemente era uma das salas que partiam do átrio. A sala de estar se achava mobilada de acordo

com o conforto e não com o estilo. As cadeiras eram sólidas e confortáveis. Ali não haviam procurado obedecer a nenhum plano de decoração, e a sala irradiava uma masculinidade que não deixava sentir o menor toque feminino. Abriu-se uma porta e apareceu um homenzarrão. Perry Mason pôde olhar para trás do homem, vendo a sala de onde ele saía. Estava provida de prateleiras de livros nas paredes, como um estúdio, tinha uma mesa maciça e uma cadeira giratória; mais atrás, por uma porta entreaberta, se via parte de um banheiro em mosaico. O homem entrou na sala de estar e fechou a porta atrás de si.

Era corpulento, de rosto gordo e pastoso. Tinha bolsas debaixo dos olhos. O peito acentuado e os ombros muito largos. Os quadris eram estreitos e Mason teve a impressão de que as pernas seriam talvez delgadas. Os olhos é que chamavam a atenção. Eram duros como diamantes e inteiramente frios. Por um instante o homem ficou à porta, olhando para Mason. Quando avançou, o seu andar corroborou a impressão de que as pernas estavam carregadas até o limite com o grande peso do tronco. Mason calculou que o homem devia ter quarenta e tantos, quase cinquenta anos, e havia no seu porte algo que indicava ser ele muito cruel e impiedoso na sua maneira de proceder. Em pé, Mason era umas boas quatro polegadas mais baixo do que este homem, embora os seus ombros tivessem a mesma largura.

— É Mr. Belter? Perguntou ele. O homem acenou, plantou os pés no chão, muito separadamente, e encarou Mason.

— O que quer? Perguntou ele sem introdução alguma.

— Lamento precisar vir à sua casa, mas eu desejava conversar sobre certo assunto.

— Que assunto?

— É a respeito de determinada notícia que o Spicy Bits ameaça publicar. Eu não quero que ela seja publicada. Os olhos de diamante não mudaram de expressão. Miravam fixamente Perry Mason.

— Porque veio aqui? Perguntou Belter.

— Porque acho que o senhor é a pessoa com quem quero falar.

— Pois não sou.

— Acho que é.

— Não sou. Não sei coisa nenhuma sobre o Spicy Bits. Leio esse jornal uma vez por outra. É um jornaleco chantagista, se é que me pergunta alguma coisa sobre ele. Os olhos de Mason se fizeram ásperos. O seu corpo pareceu se erguer levemente sobre os quadris.

— Muito bem, disse ele. — Não perguntei nada. Estou-lhe dizendo.

— Dizendo o quê? Perguntou Belter.

— Que sou advogado e represento um cliente que o Spicy Bits procura explorar, e que não gosto disso. Digo ainda mais que não pretendo pagar o preço exigido. Nem um tostão! Não vou pagar anúncios no seu jornal, e o seu jornal não vai publicar a notícia a respeito do meu cliente. E era isto o que eu tinha a dizer. Ouça e guarde! Belter sorriu, dizendo:

— Isto é bem feito, por eu ter recebido o primeiro maltrapilho que vem bater à minha porta. Era melhor que eu tivesse mandado o criado pô-lo no olho da rua. Você está bêbedo ou louco. Pessoalmente, acho que são as duas coisas. Então, sai, ou quer que eu chame a polícia?

— Vou embora, disse Mason — Quando tiver terminado. Você é o verdadeiro dono desse jornal de chantagens. Locke é um simples testa de ferro. Você fica aqui escondido e vai recolhendo o dinheiro. Recebe dividendos que são frutos de chantagens. Muito bem. Pois neste negócio você arranjou um dividendo passivo. Belter continuou olhando para Mason, sem nada dizer. — Não sei se

você sabe quem eu sou, ou se sabe o que quero, prosseguiu Mason, — Mas poderá sabê-lo muito depressa se pondo em comunicação com Locke. Aviso-o que se o Spicy Bits publicar uma só linha a respeito do meu cliente, eu desmascaro o homem que é dono desse pasquim! Entendeu?

— Perfeitamente, observou Belter. — Você já fez a sua ameaça. Agora vou fazer a minha. Não sei quem você é, e isso não me interessa. Talvez a sua reputação seja suficientemente imaculada para que você possa fazer ameaças. Mas também, pode não ser. Talvez fosse melhor você cuidar do seu telhado antes de lançar pedras no do vizinho. Mason fez um leve movimento com a cabeça.

— Naturalmente, eu esperava por essa.

— Melhor, disse Belter. — Então não ficará desapontado. Mas não pense que isto é admitir que eu tenha alguma coisa a ver com o Spicy Bits. Nada sei a respeito desse jornal. E tampouco desejo saber. Agora caia fora! Mason se encaminhou para a porta. O criado se achava no portal, e se dirigiu a Belter, dizendo:

— Com sua licença, Mr. Belter, mas a sua esposa quer vê-lo antes de sair. Belter caminhou para a porta.

— Está bem, disse ele. — Cuide bem desse homem, Digley. E se ele tornar a aparecer por aqui, jogue-o no olho da rua. Se quiser, chame um policial. Mason se voltou e olhou para o criado.

— É melhor chamar dois, Digley, observou ele. — Talvez você possa precisar.

Perry Mason desceu as escadas, sabendo que os dois homens desciam imediatamente atrás dele. Quando o advogado chegou ao rés-do-chão, uma mulher saía de um recanto junto à porta.

— Espero que não esteja interrompendo, George, mas... Os seus olhos se encontraram com os de Mason.

Tratava-se da mulher que visitara o advogado no seu escritório, e dera o nome de Eva Griffin. O seu rosto empalideceu. Os seus olhos azuis fizeram-se escuros pelo alarme súbito. Então com um esforço, Mrs. Belter recompôs a expressão do rosto, e os olhos azuis se arredondaram e aumentaram, assumindo o olhar infantil por ela empregado quando visitara Mason. O rosto do advogado não traiu a mínima emoção. Olhou para a mulher com olhos que eram perfeitamente calmos e serenos.

— Então? Perguntou Belter. — Que foi?

— Nada, disse ela. A sua voz soava um tanto aguda e assustada. — Eu não sabia que estava ocupado. Lamento haver interrompido.

— Não se importe com esse sujeito. É um vagabundo que entrou aqui com subterfúgios... E que sairá depressa. Mason fez meia volta.

— Ouça, chimpanzé, disse ele. — Fique sabendo que... O criado lhe segurou o braço.

— Por aqui, cavalheiro, disse ele.

Os poderosos ombros de Mason executaram um movimento semelhante ao golpe de um profissional do golfe. O criado se viu arremessado através do rés-do-chão e foi bater contra a parede com uma força que fez tremer os quadros ali pendurados. Perry Mason caminhou diretamente para a forma sólida de George Belter.

— Eu tinha resolvido lhe oferecer uma oportunidade, disse ele, — Mas agora mudei de ideia. Você publica uma palavra a respeito do meu cliente ou a meu respeito, no seu jornal, e vai passar na

cadeia os próximos vinte anos. Ouviu?

Os olhos duros como diamantes fitaram-no com o brilho frio de uma serpente que encara um homem armado de porrete. A mão direita de Belter estava no bolso do paletó.

— A sorte é que você ficou aí, disse ele. — Faça um movimento na minha direção, e eu lhe furo os miolos! Tenho testemunhas para provar que foi em legítima defesa, e não sei se isso não seria uma coisa boa.

— Não se incomode, disse Mason serenamente. — Por essa forma, você não pode nada comigo. Há outras pessoas que sabem quem eu sou, onde estou e porque motivo eu vim. Belter mordeu os lábios.

— O seu defeito, é vir sempre com a mesma cantiga. Você já representou o seu papel. Se pensar que eu me assusto com qualquer coisa que um vagabundo venha dizer está muito enganado. Mando-o sair, pela última vez! Mason rodou nos calcanhares.

— Perfeitamente. Vou embora. Já disse tudo o que queria dizer. O comentário sarcástico de Belter lhe chegou aos ouvidos quando ele transpunha a porta:

— Pelo menos duas vezes. E com mais algumas coisas, são três.

* * *

Cinco

EVA BELTER, no escritório particular de Perry Mason, soluçava silenciosamente. Mason, sentado atrás da mesa, sem o paletó, observava-a com olhos cansados e com inteira ausência de simpatia.

— O senhor não devia ter feito aquilo, disse ela, fungando.

— E como podia eu saber disso?

— Ele é absolutamente impiedoso. Mason acenou com a cabeça.

— Eu também não tenho grande afabilidade, observou ele.

— Porque não pôs o anúncio no Examiner?

— Eles queriam muito dinheiro. Pensavam talvez que eu ia buscar dinheiro com o Papai Noel.

— Eles sabiam que era importante, soluçou ela. — Há muita coisa que depende disso. Mason nada disse. A mulher continuou a soluçar em silêncio durante um instante, e depois ergueu os olhos para o advogado em muda angústia.

— O senhor nunca devia tê-lo ameaçado, disse ela. — Nunca deveria ter ido lá. O senhor não consegue nada com ele por meio de ameaças. Sempre que fica encurralado, ele costuma lutar para abrir caminho. Nunca pede desculpas, e também não dá.

— Bem, o que ele vai fazer?

— Arruiná-lo, soluçou ela. — Vai examinar todos os processos em que o senhor trabalhou como advogado e acusá-lo de subornar o júri, de induzir ao perjúrio, de conduta não profissional. Vai atizar a cidade contra si.

— No momento em que ele publicar alguma coisa a meu respeito nesse jornal, disse Mason seriamente, — Instauro um processo contra ele, e sempre que o meu nome for mencionado irei aos tribunais. Eva Belter balançou o rosto molhado de lágrimas.

— O senhor não poderá fazer tal coisa. Ele é muito esperto. George dispõe de advogados que lhe dizem como proceder e como não proceder. Ele andará sempre em volta de si. Assustará os juízes encarregados dos seus casos. Fará os juízes dar sentenças contrárias. Ele ficará escondido e vai combatê-lo em cada volta de esquina. Perry Mason tamborilava com os dedos na superfície da mesa.

— Bagatelas, disse ele.

— Oh! Gemeu ela. — Porque o senhor foi lá? Porque não publicou simplesmente o anúncio combinado? Mason se pôs em pé.

— Agora, ouça, disse ele. — Já estou farto desta choradeira. Fui a sua casa porque achei que era bom negócio ir lá. Esse raio de jornal procurou me anular, e eu não serei anulado por ninguém. O seu marido pode ser desalmado, mas eu também sou bastante desalmado. Eu até agora nunca pedi quartel. E não darei nenhum. Deteve-se para encará-la acusadoramente: — Se tivesse sido franca comigo quando veio aqui, isto não teria acontecido. Você teve de mentir em tudo, e aí está o motivo desta complicação toda. A responsabilidade é sua e não minha.

— Não fique zangado comigo, Mr. Mason, implorou ela. — O senhor é agora a única pessoa que pode me ajudar. É uma complicação terrível, e o senhor precisa me tirar dela. O advogado se sentou mais uma vez e disse:

— Então, não minta. Eva Belter olhou para os joelhos, ajustou a barra do vestido por cima das meias e ajeitou as pequenas dobras com a ponta dos dedos enluvados.

— Que faremos? Perguntou ela.

— Uma das primeiras coisas a fazer é começar pelo princípio e pôr isto em pratos limpos.

— Mas o senhor sabe tudo o que é preciso saber.

— Pois muito bem. Diga-me então o que sei eu, para ver se as coisas se ajustam. Ela franziu a testa.

— Não compreendo.

— Diga tudo. Conte-me toda a história.

Quando ela começou a falar, tinha a voz aguda e desamparada. Pôs-se outra vez a ajeitar o vestido sobre as pernas cruzadas. E enquanto falava, não levantava os olhos para o advogado:

— Nenhuma pessoa sabia da ligação de George Belter com o Spicy Bits. Ele escondia-a tão bem que ninguém suspeitava disso. Na redação, exceto Frank Locke, ninguém sabia de nada. E George podia subjugar Locke. Ele sabe qualquer coisa de terrível contra Frank Locke. Não sei bem o que seja. Talvez um crime de morte. De qualquer maneira, nenhum dos nossos amigos teve a menor suspeita. Todos pensam que George ganha o seu dinheiro jogando na bolsa. Casei-me com George Belter há sete meses. Sou a sua segunda mulher. Acho que estava fascinada por ele e pelo seu dinheiro mas nunca nos demos bem. Durante os últimos dois meses as nossas relações pioraram. Eu ia impetrar uma ação de divórcio. Parece-me que ele sabia disso. Eva Belter parou para procurar os olhos de Mason, e neles não encontrou simpatia alguma. — Eu era amiga de Harrison Burke, prosseguiu ela. — Conheci-o há cerca de dois meses. Era apenas amizade, nada mais. Saímos juntos, e aconteceu aquele assassinato. Naturalmente, se Harrison Burke tivesse que divulgar o meu nome, isso arruinaria a sua carreira política, pois George faria processo de divórcio contra mim e apontá-lo-ia diretamente como meu cúmplice. Só me restava o silêncio.

— Talvez o seu marido nunca viesse a descobri-lo, observou Mason. — O comissário do Distrito é um cavalheiro. Burke poderia ter revelado os fatos ao comissário, e o comissário não a teria citado a menos que você tivesse visto alguma coisa que tornasse o seu testemunho absolutamente necessário.

— O senhor não compreende como eles trabalham. Eu também não sei tudo. Mas têm espíões em toda a parte. Compram pequenas informações e remexem tudo quanto é íntimo. Sempre que um homem se destaca o bastante para atrair a atenção, eles se dão ao trabalho de conseguir toda a informação que possam obter a seu respeito. Harrison Burke é politicamente eminente, e se habilita para a reeleição. Eles não gostam de Burke, e Burke não o ignora. Ouvei meu marido telefonar para Locke e percebi que estavam na pista da informação. Foi por isso que vim falar com o senhor. Eu queria comprá-los antes que eles soubessem quem era a pessoa que estava em companhia de Harrison Burke.

— Se a sua amizade com Burke era inocente, disse Mason — Porque não explicou a situação ao seu marido? Afinal de contas, ele estaria enlameando o próprio nome. Eva Belter balançou a cabeça com veemência.

— O senhor não sabe coisa alguma a esse respeito. O senhor não entende o carácter de meu

marido. A sua maneira de tratar, ontem à noite, mostrava isso. Ele é selvagem e cruel. É um lutador. E ainda mais, é doido por dinheiro. Ele sabe que, se eu impetrar uma ação de divórcio, conseguirei provavelmente uma boa mesada e muito dinheiro para as custas e honorários. Tudo o que ele quer é me arrancar algum dinheiro. Se ele pudesse conseguir alguma coisa contra mim, e ao mesmo tempo arrastar o nome de Harrison Burke aos tribunais, isso seria para ele um grande negócio. Perry Mason franziu a testa pensativamente.

— Há alguma coisa de esquisito quanto ao elevado preço que eles fixaram, observou ele. — Parece-me dinheiro demais para uma chantagem de carácter político. Você acha que o seu marido ou Frank Locke suspeitam de quem seja a pessoa por eles procurada?

— Não, respondeu ela. Houve um breve silêncio.

— Bem... Que fazemos? Pagamos o preço? Perguntou Mason.

— Não haverá preço algum para George, que irá para frente a todo o custo e achará que não pode ceder. Cedendo, acha ele que vai ser perseguido por si até à morte. Ele é assim, e é por esse padrão que julga os outros. Simplesmente não pode ceder a ninguém. Isso não está na natureza dele.

— Pois bem, afirmou Mason, — Se ele pretender lutar, eu estou pronto para sair à arena. Uma das primeiras coisas que farei será processar o Spicy Bits na primeira vez em que mencionarem o meu nome. E eu tomarei o depoimento de Frank Locke. Vou forçá-lo a declarar quem é o verdadeiro dono do jornal. Do contrário processo-o por perjúrio. Há muita gente que gostaria de ver esse pasquim desmascarado.

— Oh! O senhor não compreende, exclamou ela falando rapidamente. — O senhor não compreende a maneira por que eles costumam lutar. Não compreende George. Iria lhe custar muito transformar a denúncia em processo. Ele, pelo contrário, trabalharia rapidamente. E além disso, o senhor precisa se lembrar que me representa. Sou eu quem o senhor deve proteger. E antes que acontecesse qualquer coisa, eu estaria arruinada. Agora vão se lançar com unhas e dentes a esse assunto do Harrison Burke. Mason tornou a tamborilar na mesa, e depois disse:

— Ouça. Você comentou sobre certa informação que seu marido tem contra Locke para mantê-lo dentro dos eixos. Pois eu acho que você sabe qual é essa informação. Poderia me inteirar do assunto e eu, de posse disso, descarregaria um bom golpe contra Frank Locke. O rosto de Eva Belter empalideceu ainda mais ao olhar para o advogado.

— O senhor sabe o que está dizendo? Disse ela. — Sabe o que está fazendo? Eles matam-no! Não seria a primeira vez que assassinam. Dispõem de ligações na arraia-miúda, com gângsteres e pistoleiros. Mason ergueu os olhos para a sua cliente.

— Que sabe você a respeito de Frank Locke? Insistiu ele. Ela tremeu e baixou os olhos. Depois de um intervalo, respondeu em voz cansada:

— Nada. Mason se impacientou.

— Sempre que vem aqui, mente. É o tipo de mulher que sabe mentir com jeito de criança e sempre se sai bem. Só por ser bonita é que você se tem arranjado até agora. Iludiu todos os homens que gostaram de si, todos os homens de quem você gostou. Agora está em dificuldades e ainda procura me iludir. A jovem olhou para Mason com indignação fremente, natural ou fingida.

— O senhor não tem o direito de falar dessa maneira!

— Diabos se eu o não tiver! Disse Mason. Ambos se encararam por um ou dois segundos.

— Foi qualquer coisa lá pelo Sul, disse ela humildemente.

— Que coisa?

— A confusão em que Locke se meteu. Eu não sei o que foi. Sei apenas que houve alguma coisa complicada, nalgum lugar do Sul. Uma história com uma mulher. Foi assim que a coisa começou.

Não sei como terminou. Pode ter sido um crime de morte. Não sei. Sei que há qualquer coisa, e que daí vem o domínio que George exerce sobre ele. Esta é a única maneira pela qual George lida com as pessoas. Consegue saber alguma coisa contra elas e explora esse conhecimento, obrigando-as a fazer o que ele deseja. Mason olhou para a sua cliente, dizendo:

— É assim que ele lida com você?

— Procura fazê-lo.

— Foi desse modo que ele a fez casar com ele? Perguntou Mason.

— Não sei, disse ela. — Não. Perry Mason riu sombriamente. — E que diferença faz isso?

Perguntou a mulher.

— Talvez nenhuma. Talvez muita. Preciso de mais dinheiro. Mrs. Belter abriu a bolsa.

— Não tenho muito mais, disse ela. — Posso lhe dar trezentos dólares. Mason balançou a cabeça.

— Você tem uma conta corrente. Eu tenho que dispor de mais dinheiro. Precisarei fazer algumas despesas com este assunto. Agora luto tanto por mim como por si.

— Não posso lhe dar um cheque. Não tenho nenhuma conta corrente. Ele não me permite isso. Essa é outra maneira que ele tem de manter as pessoas sob o seu controle, pelo dinheiro. Sou obrigada a lhe pedir dinheiro em papel, ou consegui-lo de algum outro modo.

— Que outro modo? A jovem não respondeu. Tirou da bolsa um maço de notas.

— Aqui estão quinhentos dólares. É todo o dinheiro que tenho.

— Muito bem, disse Mason. — Guarde vinte e cinco dólares e me dê o resto. O advogado apertou um botão ao lado da mesa. A porta da sala fronteira se abriu. Apareceu Della Street em atitude interrogadora.

— Faça outro recibo para esta senhora, disse Mason. — Faça-o da mesma maneira que o outro, com referência a uma página do nosso livro. São quatrocentos e setenta e cinco dólares.

Eva Belter passou o dinheiro para Mason. Este apanhou-o e deu-o a Della Street. As duas mulheres se mostraram mutuamente esse ar de hostilidade que caracteriza dois cães a rondarem um em volta do outro. Della Street, de queixo levantado, apanhou o dinheiro, e voltou para a sua sala.

— Ela vai lhe dar um recibo, disse Mason — Quando você sair. Como eu posso entrar em contato consigo? A resposta de Mrs. Belter foi pronta:

— Não é difícil. Telefone para minha casa. Chame a minha criada e lhe diga que é o tintureiro e não conseguiu encontrar o vestido que procurei. Explicarei à criada, e ela me dá a mensagem. Depois ligo. Mason riu.

— Isso já estava preparado, disse ele. — Você deve ter usado esse recurso muitas vezes. Eva Belter ergueu para o advogado os olhos azuis, arredondados num olhar de chorosa inocência.

— Não compreendo absolutamente nada do que o senhor quer insinuar. Mason afastou a sua cadeira, se levantou, e deu uma volta à mesa.

— No futuro, disse, — Pode me poupar esse olhar de bebê, se quiser. Acho que nos entendemos perfeitamente. Você está metida numa complicação e eu estou tentando safá-la. A jovem se pôs em pé vagarosamente, olhou o advogado nos olhos, e bruscamente lhe colocou as mãos aos ombros.

— Não sei como, disse ela, — O senhor me inspira confiança. Foi o senhor o único homem que vi enfrentar o meu marido. Tenho a impressão de que posso ficar junto de si e me protegerá.

Eva Belter levantou o rosto, de maneira que os seus lábios ficaram próximos dos dele, e os seus

olhos mergulharam nos de Mason. O seu corpo estava bem perto do corpo dele. O advogado lhe segurou o cotovelo com os seus dedos longos e fortes e afastou-a de si, voltando-a.

— Protejo-a, disse ele — Enquanto pagar à vista. A jovem executou um movimento sinuoso e novamente ficou voltada para Mason.

— Você não pensa noutra coisa a não ser em dinheiro? Perguntou ela.

— Nestes assuntos, não.

— Você é a única pessoa de quem eu dependo, gemeu ela. — A única pessoa em todo o mundo. É tudo que há entre mim e a ruína.

— Essa é a minha obrigação profissional. É para isso que estou aqui, disse ele friamente. Enquanto falava, Mason se dirigia com ela para a porta da sala fronteiria. No momento em que ele pôs a mão direita na maçaneta, ela se torceu e se libertou da mão que a segurava.

— Muito bem. Fico-lhe muito grata.

A sua voz era formal, quase gelada. Eva Belter deixou a sala. Perry Mason fechou a porta. Foi até à mesa, pegou no telefone e, quando ouviu a voz de Della Street, ordenou:

— Dê-me uma linha para fora, Della. Mason pediu o número do Escritório de Detetives de Paul Drake e chamou-o ao telefone. — Escute, Paul. É Perry quem fala. Tenho um trabalho para você. Precisaré agir rapidamente. Frank Locke, do Spicy Bits, é o diabo com as mulheres. Tem uma amante no Wheelright Hotel e anda por aí com ela. Ela mora no hotel. De vez em quando ele vai à barbearia do hotel e se enfeita todo antes de sair com a jovem. Esse tal Locke veio de algum lugar do Sul. Não sei donde. E estava metido em alguma coisa quando saiu de lá. Frank Locke provavelmente não é o seu verdadeiro nome. Quero que ponha no encalço dele os homens que forem necessários e deslinde a coisa rapidamente. Quanto isto me vai custar?

— Duzentos dólares, respondeu Drake. — E outros duzentos dólares no fim da semana, se o trabalho ficar terminado.

— Não sei se posso passar essa despesa ao meu cliente, disse Mason.

— Então fica por trezentos e vinte e cinco. E se mais tarde puder passar a conta ao seu cliente, adicione o restante a meu favor.

— Está bem. Pode começar.

— Espere. Eu ia mesmo telefonar para aí. Vi um enorme Lincoln parado diante do edifício. O motorista está no carro. Tenho um palpite de que esse automóvel é o mesmo que serviu para a nossa amiga misteriosa escapar naquele dia. Quer que eu a siga? Anotei o número da placa do carro quando subi.

— Não, disse Mason. — Isso já está resolvido. Descobri o que queria. Esqueça-se dela e começa a trabalhar no assunto Locke.

— Muito bem, concordou Drake, e desligou o aparelho. Perry Mason colocou o auscultador no lugar. Della Street estava à porta.

— Ela já foi embora? Perguntou Mason. Della Street acenou com a cabeça.

— Essa mulher vai lhe trazer complicações, disse ela.

— Você já me disse isso.

— E repito agora.

— Porquê? Perguntou Mason.

— Não gosto do tipo dela. E também não gosto da maneira como ela trata uma jovem que

trabalha. É dada a grandezas.

— Há muita gente assim.

— Eu sei, mas ela é diferente. Não sabe o que significa honestidade. Ela gosta de embustes. É bem capaz de se voltar contra si, se levar alguma vantagem nisso. O rosto de Perry Mason estava pensativo.

— Mas não terá vantagem nenhuma, observou ele, com voz preocupada.

Della Street olhou para o advogado durante um momento, e depois fechou suavemente a porta, deixando-o só.

* * *

Seis

HARRISON BURKE era um homem alto, de aparência distinta. A sua ação no Congresso tinha sido medíocre, mas havia se identificado como “O Amigo do Povo” ao servir de padrinho para certos projetos organizados por um grupo de políticos, sabendo que semelhante legislação jamais passaria pela câmara, ou, se passasse, seria prontamente vetada pelo presidente. Burke estava planejando a sua campanha para o Senado procurando habilmente interessar a classe mais poderosa de cidadãos e impressioná-la com o fato de que era conservador de coração. Procurava fazer isto sem de modo algum sacrificar a sua simpatia ou a sua reputação de ser um amigo do povo. Tal era o homem que olhava para Perry Mason, com os seus olhos argutos e perscrutadores, observando:

— Mas eu não sei onde o senhor quer chegar.

— Muito bem, disse Mason. — Se for preciso uma franqueza rude, lhe digo que me refiro à noite agitada do Beechwood Inn, e à sua presença nesse lugar com uma mulher casada. Harrison Burke se sobressaltou como se tivesse recebido um golpe. Respirou fundo, isto é, inspirou a sua exclamação, e compôs uma fisionomia que ele sem dúvida julgava impenetrável.

— Acho, disse ele na sua voz cheia e sonora, — Que o senhor está mal informado. E como estou muitíssimo ocupado esta tarde, quero lhe pedir que me desculpe. A expressão de Perry Mason era um misto de nojo e ressentimento. Deu um passo na direção do político e olhou-o no rosto.

— Você está em apuros, disse ele lentamente, — E quanto mais depressa deixar essa história da surpresa e de não-sei-coisa-nenhuma, mais depressa podemos falar a respeito de como sair deles.

— Mas, protestou Burke, — Eu não sei nada a seu respeito. O senhor não tem nenhuma credencial, não tem nada.

— Neste caso, respondeu Mason, — Não é preciso ter outra credencial além do conhecimento das suas dificuldades. Eu tenho esse conhecimento. Represento a mulher que estava consigo naquela ocasião. O Spicy Bits vai publicar tudo e pedir que você seja citado perante a justiça do distrito e a justiça municipal para dizer o que sabe e declarar quem estava em sua companhia. O rosto de Harrison Burke se fez cor de cinza. Inclinou-se por cima da mesa como se necessitasse apoio para os ombros e braços.

— Como? Exclamou ele.

— Você ouviu perfeitamente.

— Mas eu não sei nada disso. Ela não me disse. Isto é, a primeira coisa que sei a esse respeito é o que o senhor me diz. Estou certo de que deve haver algum engano.

— Ora, ora. Pense outra vez. Não há engano nenhum.

— E como é que sou informado disto por seu intermédio?

— Provavelmente, é porque a dama não quer tratar sozinha do assunto. Começou a pensar a esse respeito, e procura se arranjar como pode. Faço tudo o que posso, e isso custa dinheiro. Ela talvez não pertença ao tipo que costuma apelar para uma campanha pelo levantamento de fundos. Mas eu

sou.

— O senhor quer dinheiro? Perguntou Burke.

— E que diabo mais havia de querer? Harrison Burke pareceu compreender a plena significação da sua situação numa série de ondas que lhe atingiam a consciência uma de cada vez.

— Deus do céu! Exclamou ele. — Isso me arruinaria. Perry Mason nada disse. — O Spicy Bits pode ser comprado, continuou o político. — Não sei bem como é que se faz. Parece que o negócio é fazer um contrato de publicidade e romper o contrato. Há uma cláusula apenas que estipula a quantia, segundo me parece. O senhor é advogado. Deveria saber disso. E também como proceder em tal circunstância.

— O Spicy Bits já não pode ser calado com dinheiro, disse Mason. — Em primeiro lugar, exigem uma grande quantia. E em segundo, agora estão dispostos a lutar e querem sangue. É uma questão de não dar nem pedir quartel. Harrison Burke se empertigou.

— Meu caro senhor, disse ele, acho que está completamente enganado. Não vejo razão para o jornal adotar essa atitude. Mason sorriu, perguntando ironicamente.

— Não vê?

— Não.

— Bem, acontece que o poder oculto, o homem que realmente é dono do jornal, é George C. Belter. E a mulher que estava consigo era a esposa dele, que pensava impetrar uma ação de divórcio. Pense nisto. O rosto de Burke ficou novamente cinzento.

— Mas isso é impossível, disse ele. — Belter não se meteria numa coisa dessas. Ele é um gentleman.

— Pode ser um gentleman, mas é o dono do jornal disse Mason.

— Isso é impossível! Protestou Burke.

— É o dono do jornal, repetiu Mason. — Aqui fica a informação. Aceite ou recuse. O enterro não é meu. É seu. Se você conseguir sair desta complicação, será porque jogou limpo comigo e aceitou alguns bons conselhos. Estou pronto a aconselhá-lo. Harrison Burke torceu os dedos.

— Exatamente, disse ele — O que o senhor quer?

— Que eu saiba, só há um meio de enfrentar esse bando: é preciso usar as armas que eles usam. Eles são chantagistas e eu também vou fazer algumas chantagens. Obtive certa informação e esclareço o assunto. Isso custa dinheiro. A dama está sem dinheiro, e eu não pretendo financiar a coisa. Todas as vezes que o ponteiro desse relógio completa uma volta indica que eu gastei mais tempo no caso, e que outras pessoas gastaram também. As despesas correm sempre. Segundo me parece, não vejo motivo para que você não contribua com a sua parte. Harrison Burke pestanejou.

— Quanto dinheiro acha que será necessário? Perguntou ele cautelosamente.

— Preciso agora de mil e quinhentos dólares, e se o tirar desta complicação, cobrarei mais alguma coisa. Burke humedeceu os lábios com a ponta da língua.

— Tenho que refletir um pouco, disse ele. — Para tirar dinheiro do banco, preciso tomar certas providências. Volte amanhã de manhã e falaremos.

— Esta coisa anda depressa, observou Mason. — Entre hoje e amanhã muito tempo vai correr.

— Então volte dentro de duas horas. Mason olhou para o político e disse:

— Muito bem. Escute, você vai fazer o seguinte: vai tentar saber quem sou. Digo-lhe desde já o que poderá saber. Que sou um advogado especializado em formação de processo e no crime. Todos os que estão nesta profissão têm alguma especialidade. Sou um especialista em tirar pessoas de dificuldades. Vêm a mim quando se encontram em toda a sorte de complicações e eu tiro-as da embrulhada. Se você perguntar por mim para algum advogado de família ou algum advogado de

companhia, ele provavelmente dirá que eu sou um advogado de porta de xadrez. Se perguntar por mim para algum sujeito da repartição do Comissário Distrital, ele lhe dirá que sou um adversário perigoso mas que não sabe grande coisa a meu respeito. E se quiser saber quem eu sou por intermédio de um banco, não saberá a mínima coisa.

Burke abriu a boca para falar, mas depois achou melhor guardar silêncio.

— Esta informação poderá lhe poupar o tempo que iria gastar tentando saber quem eu sou, continuou Mason. — Se telefonar para Eva Belter, ela provavelmente ficará zangada porque eu vim aqui. Ela quer se desembaraçar sozinha. Ou então nunca pensou em si. Não sei qual das duas é a razão aceitável. Se você quiser telefonar chame a criada dela e deixe um recado qualquer a respeito de vestidos ou qualquer outra coisa parecida. Depois ela vai lhe telefonar. Harrison Burke pareceu surpreso.

— Como o senhor sabia isso? Perguntou ele. — É assim que recebe as mensagens pelo telefone. Para mim é falar em vestidos. E para si?

— É sobre entrega de sapatos, respondeu Burke sem demora.

— O sistema não é ruim, desde que ela não misture as peças de roupa. Não sei se a criada está no embrulho. A atitude reservada de Burke pareceu se dissipar.

— A criada, disse ele, — Não sabe coisa alguma. Ela simplesmente dá os recados. Eva tem o código. Eu não sabia que ela usava esse tipo de código com mais alguém. Perry Mason riu, dizendo:

— Não esqueça que você é um homem do mundo.

— Aliás, disse Harrison Burke com dignidade, — Mrs. Belter me chamou pelo telefone há questão de uma hora. Disse que estava em sérias dificuldades e precisava conseguir mil dólares imediatamente. Pediu-me que a ajudasse. Não me disse para que era o dinheiro. Mason soltou um assobio.

— Ah! Fez ele. — Assim a coisa muda de figura. Eu receava que ela não o fizesse entrar com a sua parte. Não sei como é que você vai se arranjar, mas acho que devia contribuir com a sua quota e ajudar a sustentar a carga. Trabalho tanto para si como para ela, e esta luta custa dinheiro. Burke fez um aceno com a cabeça, dizendo:

— Volte dentro de meia hora e falaremos. Mason se dirigiu para a porta.

— Está bem, observou ele. — Trate de se arranjar em meia hora. E é melhor trazer o dinheiro em papel. Porque você não quererá ter nenhum cheque contra a sua conta-corrente no banco, no caso de que haja alguma publicidade sobre o que estou fazendo ou sobre quem represento. Burke fez recuar a cadeira e esboçou um gesto de Político para estender a mão. Perry Mason não viu a mão, ou, se viu, não se quis dar ao trabalho de apertá-la, e caminhou para a porta. — Em meia hora, disse ele, da porta, e bateu com ela atrás de si.

Quando Mason pôs a mão no fecho da porta do automóvel, um homem lhe bateu no ombro.

— Desejo uma entrevista, Mr. Mason, disse ele.

— Entrevista? Repetiu o advogado. — Quem diabo é você?

— Chamo-me Grandall, disse o homem. — Sou repórter do Spicy Bits. Temos interesse em publicar notícias sobre pessoas de destaque, Mr. Mason. E eu gostaria de uma entrevista do senhor a respeito do que esteve conversando com Harrison Burke. Premeditadamente, Perry Mason soltou o trinco do carro, rodou nos calcanhares e encarou o homem.

— Então, disse ele — É essa a tática que vocês vão usar não é? Grandall continuava a fixá-lo com olhos atrevidos.

— Não fique zangado porque isso não lhe adiantará nada, Mr. Mason.

— No inferno é que não adianta, respondeu Mason, medindo a distância e descarregando um bom esquerdo na boca arreganhada.

A cabeça de Crandall foi atirada para trás. O repórter cambaleou um pouco e depois caiu como um saco de farinha. Alguns transeuntes pararam para olhar e formaram um pequeno grupo. Mason não lhes prestou atenção. Voltando-se, abriu a porta do carro, entrou, bateu a porta, apertou o acelerador e colocou o automóvel no trânsito. De um café das proximidades, Mason telefonou para o escritório de Harrison Burke. Quando Burke atendeu, lhe disse:

— É Mason quem fala, Burke. É melhor não sair agora. E é melhor ainda arranjar alguém que lhe sirva de guarda-costas. O jornal de que falamos tem um par de tipos, prontos para entrarem à força no seu negócio, causando o maior prejuízo possível. Quando arranjar o dinheiro, mande-o ao meu escritório por alguém que possa merecer a sua confiança e não diga o que há no pacote. Ponha-o dentro de um envelope fechado, fazendo com que pareça que contém documentos. Harrison Burke disse qualquer coisa.

Perry Mason pousou o auscultador no descanso, deixou a cabine telefônica e entrou no automóvel.

* * *

Sete

UMA TEMPESTADE se aproximava pelo sudeste. Nuvens vagarosas e pesadas vogavam no céu noturno, e bombardeavam o chão com grandes cogumelos de água. O vento uivava nos cantos da casa onde morava Perry Mason. Uma das janelas tinha uma fresta de apenas meia polegada, mas por essa abertura entrava vento suficiente para agitar as cortinas e fazê-las esvoaçar. Mason se sentou na cama e tateou às escuras pelo telefone. Encontrou o aparelho, colocou-o no ouvido e disse:

— Alô! A voz de Eva Belter soou aterrada na outra extremidade do fio:

— Graças a Deus que o encontrei! Entre no seu automóvel e venha imediatamente. É Eva Belter quem fala. Perry Mason ainda estava meio adormecido.

— Ir aonde? Perguntou ele. — O que aconteceu?

— Acontece uma coisa horrível, disse ela. — Não vá a minha casa. Não estou lá.

— Onde está você?

— Estou numa drogaria da Avenida Griswold. Passe pela avenida e verá as luzes da casa. Estarei na frente. Perry Mason ia despertando e reunindo as suas faculdades.

— Ouça, disse ele. — Já recebi telefonemas noturnos de gente que procurava me levar para a rua. É preciso ficar certo que não há nada de esquisito neste telefonema. Eva Belter quase berrou ao telefone.

— Oh! Não seja estupidamente cauteloso! Venha aqui imediatamente. Você pode reconhecer a minha voz. Mason disse calmamente:

— Sim, sei de tudo isso. Qual foi o nome que você me deu quando estive pela primeira vez no meu escritório?

— Griffin! Guinchou ela.

— Muito bem. Já vou.

Perry Mason enfiou as calças, meteu um revólver no bolso traseiro, vestiu um impermeável curto e um gorro que lhe caía sobre a testa, apagou a luz e saiu do quarto. O automóvel estava na garagem. Mason ligou o motor e, antes que este se achasse bem aquecido, saiu com o carro para a rua. Na entrada da esquina o motor começou a falhar. Mason acionou a bomba de ar e apertou o acelerador.

A chuva fustigava o para-brisa. Grossos pingos ressaltavam do chão e brilhavam à luz dos letreiros luminosos. Mason ignorava a possibilidade de tráfego nas transversais e dirigia com velocidade cada vez maior. Entrou na Griswold Avenue e percorreu milha e meia antes de diminuir a marcha do carro e começar a ver os letreiros luminosos. Avistou Eva Belter diante da drogaria. Estava sem chapéu e vestia casaco comprido. Não prestava a menor atenção à chuva que já lhe tinha ensopado completamente os cabelos. Os seus olhos estavam enormes e assustados. Perry Mason

dobrou a esquina e parou o carro.

— Pensei que não vinha, disse ela, quando ele lhe abriu a porta. A jovem entrou e Perry viu que ela usava vestido e sapatos de noite, e um sobretudo de homem. Estava ensopada: a água escorria sobre a borracha do carro.

— Que há? Perguntou Mason. Eva Belter voltou para ele o rosto branco e molhado, e disse:

— Vamos para minha casa, já.

— Que há? Repetiu ele.

— Meu marido foi assassinado, gemeu ela. Mason acendeu a luz interna do carro. — Não faça isso! Exclamou ela. O advogado olhou-a.

— Conte-me, disse ele calmamente.

— Mas você não vai seguir com o carro?

— Só depois de saber o que aconteceu, replicou ele, quase sem prestar atenção.

— Precisamos chegar lá antes da polícia.

— Por que motivo?

— Por que temos. Mason sacudiu a cabeça.

— Não, disse ele, não vamos falar com a polícia antes que eu saiba exatamente o que aconteceu.

— Oh! Exclamou ela. — Foi horrível.

— Quem é que o matou?

— Não sei.

— Então, o que você sabe?

— Não quer apagar esse diabo da luz? Gritou ela.

— Depois de você acabar de me contar o que aconteceu, insistiu ele.

— E para que quer a luz?

— Para vê-la melhor, minha querida, disse ele, sem humorismo na voz. A sua expressão era de seriedade. Mrs. Belter suspirou de cansaço.

— Não sei o que aconteceu. Acho que foi alguém que sofrera uma chantagem da parte dele. De vez em quando eu ouvia as vozes dos dois lá em cima. Estavam furiosos. Fui até à escada para escutar.

— Pôde ouvir o que diziam?

— Não, só uma ou outra palavra e o tom de voz. Entendi que discutiam. A todo o momento se ouvia uma palavra. Meu marido falava com a voz sarcástica usada por ele quando lutava como um doido. O outro homem tinha levantado a voz, mas não gritava. Interrompia o meu marido a todo o instante.

— E então?

— Então, subi a escada porque desejava ouvir o que diziam. A jovem parou para tomar alento.

— Bom, insistiu Mason, — Adiante.

— E então ouvi o tiro e o som de um corpo que caía.

— Só um tiro?

— Só um tiro, e o ruído do corpo. Oh! Foi horrível. Retumbou por toda a casa.

— Bom, e depois? Daí em diante, que fez você?

— Dei a volta e corri, doida de medo.

— Correu para onde?

— Para o meu quarto.

— Alguém a viu?

— Não, acho que não.

— E depois, que fez?

— Esperei um instante no quarto.

— Ouviu alguma coisa?

— Sim, ouvi o homem que tinha dado o tiro descer as escadas correndo e sair de casa.

— Muito bem, disse Mason insistentemente. — E a seguir, que aconteceu?

— Então resolvi que devia subir e ir ver se era possível fazer alguma coisa por George. Entrei no escritório. Lá estava ele. Tinha saído do banho e estava vestido apenas com o roupão. Estava estendido... Morto.

— Estendido onde? Perguntou Mason impiedosamente.

— Oh! Não me faça dizer tantos pormenores, retrucou ela. — Não sei dizer. Nalgum lugar perto do banheiro. Ele acabava de sair do banho. Devia estar na porta do quarto quando houve a discussão.

— Como sabe que estava morto?

— Bastava olhar para ele. Isto é, eu pensei que estivesse morto. Oh! Não tenho certeza. Por favor, venha comigo e me ajude. Se ele não estiver morto, tudo se arranja. Não haverá nenhuma complicação. Mas se ele estiver morto, nós todos ficamos numa complicação dos diabos.

— Porquê?

— Porque agora vai aparecer tudo. Não compreende? Frank Locke sabe tudo a respeito de Harrison Burke, e naturalmente pensará que foi Harrison Burke quem o matou. Isto levará Burke a mencionar o meu nome, e então tudo pode acontecer. A suspeita até é capaz de me atingir.

— Oh! Esqueça-se disso. É certo que Locke sabe tudo a respeito de Burke. Mas Locke é um peso pluma, um testa de ferro. Assim que ele perder o impulso que lhe vem do seu marido, não poderá ficar em pé. E não pense nem de longe que Harrison Burke era o único homem que tinha uma vantagem dessas com seu marido.

— Não, insistiu ela. — Mas Harrison Burke tinha o motivo, mais do que qualquer dos outros. Os outros não sabiam quem era o verdadeiro dono do jornal. Harrison Burke sabia. Você mesmo o informou disso.

— Então ele lhe contou, hem?

— Sim, me contou. Porque você foi procurá-lo?

— Porque, respondeu Mason gravemente — Eu não estava para levá-lo a passear de graça. Ele recebia muito serviço da minha parte, e eu queria fazer com que ele me pagasse. Não ia deixar que você arcasse com todas as despesas.

— Não acha que me competia a mim decidir semelhante coisa?

— Não. A jovem mordeu os lábios, ia dizer qualquer coisa, mas depois mudou de ideia. — Muito bem, disse Mason. — Agora escute e compreenda. Se ele estiver morto, haverá muitas investigações. Você precisa de manter a calma. Não tem nenhuma ideia a respeito de quem se achava lá?

— Não. Com certeza, não. Apenas pude reconhecer de longe o tom de voz do homem.

— Muito bem, isso já é alguma coisa. Você disse que não pôde ouvir o que diziam?

— Não pude, disse ela lentamente, — Mas pude ouvir o som das vozes. Reconheci os tons. Ouvi a voz do meu marido, e a voz do outro homem.

— Já tinha ouvido alguma vez a voz desse outro?

— Já.

— Sabe quem ele era?

— Sei.

— Bem, pois então não seja tão estupidamente misteriosa. Quem era ele? Eu sou o seu advogado. Você precisa me dizer. Eva Belter se voltou para Mason.

— Você sabe quem era, disse ela.

— Eu sei?

— Sabe.

— Escute, um de nós dois está maluco. Como iria saber quem era o homem?

— Porque, disse ela vagorosamente — Era você! Os olhos de Perry Mason fizeram-se frios, duros e firmes.

— Eu?

— Sim, você! Oh! Eu não queria dizer! Eu não deixaria que você pensasse que eu sabia. Ia proteger o seu segredo! Mas você me arrancou. Mas eu não o direi a ninguém, nunca, nunca, nunca! É um segredo entre nós. Mason olhou para ela. Os seus lábios estavam cerrados.

— Então você é capaz de guardar um segredo como camarada? Ela baixou os olhos e inclinou a cabeça lentamente.

— Sim, Mason, eu sou capaz de guardar um segredo como camarada. Eu nunca o vou trair. O advogado respirou fundo, e depois suspirou.

— Oh! Diabos! Exclamou ele. — Não adianta nada! Houve um momento de silêncio. Depois, numa voz inteiramente sem expressão, Perry Mason perguntou:

— Ouviu um carro sair de casa... Depois? Mrs. Belter hesitou um momento, e disse:

— Sim, acho que ouvi, mais a chuva fazia muito barulho. As árvores arranhavam a parede. Um inferno. Mas acho que ouvi um motor.

— Ouça. Você está nervosa e esgotada. Mas se começar a falar desse modo diante de um punhado de detetives, é quase certo que vai se meter em dificuldades. Ou você finge um abalo completo e consegue um médico que proíba qualquer interrogatório, ou então decore bem a sua história. Ouviu ou não ouviu o ruído de um motor? Ouviu não é verdade?

— Sim, disse ela, em desafio. — Ouvi o ruído de um motor.

— Muito bem. Assim é melhor. Diga-me, agora, quantas pessoas ficam na casa?

— Que quer dizer?

— Criados, todos. Quem mora lá? Quero saber quem são todos.

— Bem, há Digley, o mordomo.

— Já sei. Fui apresentado. Conheço. Quem mais? Quem dirige a casa?

— Mrs. Veitch. Tem uma filha que está com ela agora. Há poucos dias que está em casa.

— Está certo. E os homens? Vamos enumerar os homens. É só Digley, o mordomo?

— Não, há Carl Griffin.

— Griffin, hem? A jovem corou.

— Sim.

— Foi por isso que você usou o nome “Griffin” quando foi ao meu escritório pela primeira vez?

— Não, não foi. Dei o primeiro nome que me veio à cabeça. Não diga nada dessas coisas.

— Eu não disse coisa nenhuma. Foi você quem disse. Eva Belter começou a conversar rapidamente.

— Carl Griffin é sobrinho do meu marido. Só muito raramente é que passa as noites em casa. Leva uma vida bastante alegre. Acho que é um sujeito bem despreocupado. Dizem-me que na maioria das vezes anda bêbado. Eu não sei nada disso. Mas sei que ele é muito chegado ao meu marido. George tinha por Carl o que nele é o que mais se aproxima de uma afeição por qualquer mortal vivo. Você deve saber que o meu marido era um tipo esquisito. Na realidade ele não gostava

de ninguém. Desejava ter, possuir, dominar e esmagar, mas era incapaz de gostar. Não tinha nenhum amigo íntimo e bastava inteiramente a si mesmo.

— Sim, disse Mason, — Já sei essa história. Não é no carácter do seu marido que eu estou interessado. Diga-me mais alguma coisa a respeito desse Carl Griffin. Ele estava em casa esta noite?

— Não, saiu cedo. Acho que nem jantou em casa. Parece-me que foi ao clube de golfe e esteve jogando toda a tarde. Quando começou a chover?

— Pelas seis horas, acho eu. Porquê?

— Porque é assim que eu me lembro. A tarde estava agradável, e Carl foi jogar golfe. Parece-me que depois ouvi George dizer que ele havia telefonado avisando que jantaria no clube e só voltaria tarde.

— Você está certa de que ele não voltou?

— Certíssima.

— Está certa de que não foi a voz dele a que ouviu? Ela hesitou por um momento.

— Não, foi a sua. Mason resmungou uma exclamação de desagrado.

— Isto é, ajuntou ela rapidamente — Parecia a sua. Era um homem que falava como você. Tinha o mesmo modo tranquilo de dominar uma conversa. Podia elevar a voz e contudo fazê-la serena e controlada, como você, mas eu nunca direi a ninguém, nunca! Podem me torturar, mas eu não mencionarei o seu nome. Mrs. Belter arredondou os olhos com esforço, e fixou de frente o rosto de Mason, com aquele olhar de estudada inocência. Perry Mason encarou-a e encolheu os ombros.

— Muito bem, disse ele, — Depois falaremos a respeito. Enquanto isso, você precisa se recompor. Seu marido e esse outro homem brigavam por sua causa?

— Oh! Não sei. Não sei! Você não compreende que eu não sei o que eles diziam? Só sei que preciso voltar para casa. O que acontecerá se alguém descobrir o corpo e eu não estiver em casa?

— Está bem, mas você já esperou tanto tempo que agora um ou dois minutos não fazem grande diferença. Quero saber uma coisa antes de irmos.

— Que é? Voltando-se, Mason lhe tomou o rosto nas mãos e virou-o até que a luz da lâmpada interna do carro incidiu em cheio contra ele. Depois, perguntou lentamente: — Era Harrison Burke que estava na sala com ele quando foi dado o tiro?

— Deus do céu! Não! Balbuciou ela.

— Harrison Burke esteve lá nesta noite?

— Não.

— Ele lhe telefonou à tarde ou à noite?

— Não me telefonou. Não sei nada a respeito de Harrison Burke. Não o vi nem falei com ele desde aquela noite no Beechwood In, e nem quero. Ele só me trouxe complicações na vida! Mason falou severamente, dizendo:

— Então como você sabia que eu o tinha informado da ligação do seu marido com o Spicy Bits? Ela desviou os olhos, e procurou livrar a cabeça das mãos do advogado. — Vamos, continuou ele impiedosamente, — Responda à pergunta. Ele lhe disse isso quando esteve lá, esta noite?

— Não, resmungou ela numa voz intimidada. — Foi quando me telefonou à tarde.

— Então ele lhe telefonou?

— Telefonou.

— Quanto tempo depois de eu ter saído do escritório dele?

— Acho que foi logo que você saiu.

— Antes dele mandar o dinheiro por um mensageiro?

— Sim.

— Porque não me disse isso antes? Porque disse que não havia falado com ele?

— Esqueci. Eu já tinha lhe dito que ele telefonara. Se eu quisesse lhe mentir, não teria dito que sabia da sua visita por intermédio dele.

— Queria mentir, sim. Você acabou por dizer a verdade porque não considerava a possibilidade de que eu suspeitasse da presença dele na sala, com o seu marido, quando foi dado o tiro.

— Isso não é verdade. Mason moveu a cabeça lentamente.

— Você é simplesmente uma mentirosa, disse ele, judiciosa e serenamente. — Não consegue dizer a verdade. Não é honesta com ninguém nem consigo mesma. Neste momento mente para mim. Você sabe quem era o homem que estava na sala. Mrs. Belter sacudiu a cabeça.

— Não, não, não, não, disse ela. — Não quer compreender que eu não sei quem era? Pensei que fosse você. Foi por isso que não liguei de casa. Desci até a drogaria para lhe telefonar. É quase uma milha.

— Porque fez isso?

— Porque eu queria lhe dar tempo para chegar a sua casa. Não compreende? Eu queria poder dizer que tinha telefonado e o encontrara no seu quarto, se me perguntassem. Teria sido horrível lhe telefonar e não o encontrar em casa, depois que tinha reconhecido a sua voz.

— Você não reconheceu a minha voz, disse ele serenamente.

— Eu pensei que tivesse reconhecido.

— Não há nada que pensar. Havia duas ou três horas que eu estava na cama, mas não poderia apresentar nenhum álibi. Se a polícia pensasse que eu tinha estado em sua casa, seria o diabo para esclarecer a minha situação. Você calculou tudo isso. A jovem olhou para Mason e subitamente atirou-lhe os braços ao pescoço.

— Oh! Perry, disse ela. — Por favor, não me olhe assim. Está claro que eu não vou denunciá-lo. Está agora metido nisto tanto como eu. Fez o que fez para me salvar. Estamos juntos. Eu vou ficar ao seu lado e você ao meu. Mason se desenvencilhou dela, lhe apertando o braço molhado até que ela desfez o abraço. Depois lhe virou o rosto até poder olhá-la nos olhos.

— Nós não estamos metidos em coisa nenhuma! Disse ele. — Você é minha cliente, e eu defendo-a. Isso é tudo. Compreendeu?

— Sim.

— De quem é esse sobretudo que você tem aí?

— Do Carl. Encontrei-o no corredor. Estava chovendo e percebi que ficaria ensopada. Havia um sobretudo no corredor e vesti-o.

— Está certo. Vá refletindo sobre as coisas enquanto eu dirijo o carro até sua casa. Não sei se a polícia estará lá ou não. Não sabe se alguém mais ouviu o tiro?

— Não, não sei se ouviram.

— Muito bem. Você tem uma oportunidade de pensar sobre o assunto antes que a polícia chegue lá. Esqueça essa história de vir até à drogaria e telefonar de lá. Diga que me telefonou da sua casa, e que depois desceu até à rua para me esperar. E que foi por isso que se molhou. Não podia ficar em casa. Tinha medo. Compreende?

— Sim, disse ela humildemente.

Perry Mason apagou a luz interna do carro, deu marcha-a-ré, se desviou do poste, e partiu a grande velocidade através da chuva. A jovem se aproximou dele, se encostou, lhe passou o braço esquerdo pelo pescoço, e descansou o direito sobre a perna de Mason.

— Oh! Gemeu ela. — Tenho tanto medo. Sinto-me tão sozinha.

— Cale a boca e pense, ordenou ele.

Mason dirigia o carro a toda a velocidade; entrou na Elmwood Drive, e passou para segunda enquanto subia a elevação onde ficava a casa. Entrou pelo caminho interna e parou o carro mesmo diante do portal.

— Escute, disse Mason em voz baixa, ao ajudá-la a descer. — A casa está quieta. Ninguém mais ouviu o tiro. A polícia ainda não chegou. Você precisa usar os miolos. Se você esteve mentindo, isso significa que se vai meter em sérias dificuldades.

— Eu não menti nada, disse ela. — Perante Deus, afirmo que só falei a verdade.

— Está bem, disse ele, e ambos atravessaram o portal.

— A porta não está fechada. Eu deixei-a aberta, observou ela. — Você pode ir entrando. E ficou para trás a fim de que Mason fosse o primeiro a entrar.

— Não, disse ele. — Está fechada. A lingueta se encaixou na fechadura. Tem a chave? Eva Belter olhou para ele estupefata.

— Não. Deixei a chave na minha bolsa.

— Onde está a bolsa? A jovem olhou-o com olhos vagos, mas a sua atitude era a de quem está hirta de terror.

— Deus do céu! Exclamou ela. — Acho que deixei a bolsa no quarto onde está... O corpo do meu marido!

— Você tinha-a consigo quando subiu as escadas?

— Tinha, sim. Mas me parece que a deixei cair em qualquer lugar. Não me lembro de tê-la trazido comigo quando saí.

— Precisamos entrar, disse Mason. — Há alguma outra porta que esteja aberta? Ela sacudiu a cabeça, e depois subitamente, informou:

— Sim, há uma porta traseira por onde entram os criados. Há uma chave que fica pendurada debaixo da beira do telhado da garagem. Poderemos abrir a porta e entrar.

— Vamos lá.

Desceram os degraus do portal e deram a volta pelo caminho gramado que circundava a casa. Esta estava escura e silenciosa. O vento agitava os arbustos, e a chuva batia contra os flancos da casa, mas do interior da residência não vinha ruído algum.

— Não faça barulho, pediu ela. — Quero entrar sem que os criados ouçam. Se ninguém estiver acordado, quero dispor de alguns momentos para raciocinar depois de ver se tudo está calmo. Mrs. Belter abaixou a cabeça, estendeu a mão para a beira do telhado, encontrou a chave e abriu a porta.

— Está bem, disse Mason. — Você entra com cuidado e vai abrir a porta da frente. Eu vou fechar esta novamente e pôr a chave onde estava. A jovem fez um sinal e desapareceu na escuridão da casa. Mason fechou a porta, deu volta à chave e foi colocá-la no seu lugar. Depois, se dirigiu para frente da casa.

Oito

PERRY MASON chegou à porta principal e ali ficou, esperando no portal durante um tempo que lhe pareceu de três ou quatro minutos, antes de ouvir os passos de Eva Belter e o estalido na fechadura. A jovem abriu a porta e sorriu para Mason. A luz estava acesa no hall da entrada, uma luz noturna que iluminava as coisas vagamente, mostrando o lance escuro das escadas que levavam ao andar superior, a mobília do salão de festas, um par de cadeiras de espaldar reto, um espelho ornamental, um cabide e um bengaleiro. Havia um casaco de mulher no cabide, duas bengalas e três guarda-chuvas no lugar competente. Um fio de água havia escorrido desse lugar e formado uma pequena poça que refletia os raios da luz noturna.

— Ouça, cochichou Mason. — Você não apagou a luz quando saiu?

— Não, estava assim quando eu saí.

— Quer dizer que o seu marido recebeu alguém por esta porta sem acender outras luzes além dessa?

— Sim, respondeu ela. — Talvez.

— Como costume, não fica acesa uma luz mais forte até que a família se recolha?

— Às vezes, sim. Mas George ocupava sozinho todo o andar de cima. Ele não nos incomodava, nem nós o incomodávamos.

— Está bem. Vamos subir. Acenda a luz. Ela deu volta ao interruptor, e a escadaria ficou iluminada.

Mason subiu à frente e entrou na sala de visitas onde vira George Belter pela primeira vez. A porta pela qual Belter havia entrado nessa ocasião se encontrava agora fechada. Mason girou a maçaneta, abriu a porta e entrou no escritório. Era uma sala vasta, decorada quase no mesmo estilo da sala de jantar. As cadeiras eram enormes e amplamente estofadas. A mesa tinha duas vezes o tamanho de uma mesa comum. A porta que dava para o banheiro estava aberta. Havia também uma porta do dormitório para o banheiro.

O corpo de George Belter jazia no chão, no limiar da porta para a sala. Estava envolto num roupão felpudo, aberto na frente, mostrando que, afora esse roupão, o corpo se achava inteiramente nu. Eva Belter soltou um pequeno grito e agarrou o braço de Mason. O advogado se desvencilhou dela, caminhou até o corpo e se ajoelhou. O homem estava morto. Fora disparada apenas uma bala, e esta penetrara diretamente no coração. Aparentemente, a morte tinha sido instantânea. Mason tateou no piso do banheiro e sentiu que o mesmo se achava húmido. Depois, puxou o roupão sobre o cadáver, passou por cima do braço estendido, e entrou no quarto. Como as outras divisões da casa, esta era construída em ampla escala, própria para um homem corpulento. A banheira embutida tinha três ou quatro pés de largura e quase oito de comprimento. Uma enorme pia ocupava o centro.

Havia toalhas dobradas nas prateleiras. Mason olhou para elas, e depois se voltou para Eva Belter.

— Ouça, disse ele. — Seu marido estava tomando banho, e alguma coisa fez com que ele saísse como estava. Note que enfiou o roupão sem se enxugar sequer numa única toalha. Ainda estava molhado quando pôs o roupão. As toalhas estão todas dobradas e não foram usadas. Eva Belter aquiesceu lentamente com a cabeça.

— Não acha melhor humedecermos uma toalha e a deixarmos como se ele a tivesse usado? Perguntou ela.

— Porquê?

— Oh! Não sei. Foi apenas uma ideia.

— Olhe, se nós começarmos a forjar provas aqui, vamos nos meter em sérias dificuldades. Ouça e compreenda! Aparentemente, ninguém a não ser você sabe o que aqui aconteceu. A polícia não vai gostar de não ter sido avisada imediatamente. Também quererá saber por que você foi telefonar para um advogado antes de telefonar para ela. Isso representa uma circunstância suspeita no que lhe diz respeito. Compreende? A jovem tornou a concordar. No escuro os seus olhos estavam dilatados. — Muito bem, disse ele. — Entenda agora o que vou dizer e mantenha a cabeça no seu lugar durante todo o tempo. A coisa é assim: você vai dizer exatamente a verdade, conforme me disse, com uma exceção. A de ter subido aqui, depois que o homem deixou a casa. Esse é o ponto que não me agrada na sua história, e é desse ponto que a polícia não gostaria. Se você teve presença de espírito suficiente para subir as escadas e ver o que havia acontecido, também teria tido suficiente presença de espírito para chamar a polícia. O fato de querer chamar um advogado antes de chamar a polícia, fará esta pensar que tinha a consciência culpada.

— Mas, disse ela, — Podemos explicar que eu o havia consultado sobre o outro assunto, e que tudo estava de tal modo misturado que eu quis falar consigo antes de falar à polícia, não podemos? Mason riu.

— Que linda trapalhada sairia disso. A polícia quererá então saber tudo a respeito do outro assunto. E antes que você terminasse de falar, os detetives descobririam a existência de um motivo bastante forte para que você matasse o seu marido. O outro assunto de forma alguma pode vir à baila. Precisamos encontrar Harrison Burke e fazer com que ele não diga uma palavra.

— Mas, protestou ela, e o jornal? E o Spicy Bits?

— Ainda não lhe ocorreu que, com a morte do seu marido, você é a dona do jornal? Pode assumir a batuta e controlar a polícia.

— E se ele deixou um testamento, me deserdando?

— Nesse caso, iniciaremos uma demanda contestando o testamento, e procuraremos fazer com que você seja nomeada administradora especial enquanto a demanda estiver pendente.

— Muito bem, disse ela. — Eu corri para fora de casa, e depois?

— Depois? Diga exatamente o que me disse. Estava de tal modo aterrorizada que saiu correndo. E se lembre de que saiu para a rua antes que o homem que estava na sala com o seu marido tivesse descido as escadas. Você atravessou o hall correndo e saiu na chuva, apanhando o primeiro casaco que encontrou ao passar pelo cabide. Estava tão assustada que nem viu que um dos seus casacos estava ali, e apanhou um sobretudo de homem.

— Muito bem, disse ela, falando no mesmo tom de voz, rápida e impaciente. — E depois?

— Depois, continuou Mason, — Você saiu para o parque à chuva, e avistou um automóvel parado na avenida interna, mas nervosa como estava não viu bem o carro e não sabe se era fechado ou aberto. Simplesmente começou a correr. Então um homem saiu de casa atrás de si, entrou no

automóvel e acendeu os faróis. Você se escondeu debaixo do telhado da garagem porque teve medo que o homem fosse em sua perseguição. O carro passou por si e desceu para a rua. Você correu atrás dele, procurando ver o número da placa, porque nessa altura já tinha percebido que era importante saber quem era o homem que estivera com o seu marido quando foi disparado o tiro.

— Sim, sim. E depois?

— Depois, da mesma maneira que me contou. Estava com medo de voltar para casa sozinha, e foi ao telefone mais próximo. Lembre-se de que durante todo esse tempo você não sabia que o seu marido tinha sido assassinado. Sabia, apenas, que ouvira um tiro e ignorava quem o havia disparado, não sabendo se fora o seu marido que atirara contra o homem e este, ferido, fugira de automóvel, ou se o homem tinha matado o seu marido. Não sabia se o tiro tinha acertado ou errado o alvo, se o seu marido estava ferido, levemente, gravemente, ou morto, ou se o seu marido havia disparado contra si próprio ou quando o homem ainda estava na sala. Pode se lembrar de tudo isto?

— Sim, acho que posso.

— Muito bem. Isso explica o motivo por que me chamou pelo telefone. Eu lhe respondi que iria imediatamente. Lembre-se que ao telefone você não tinha feito referência ao tiro. Simplesmente me disse que havia acontecido qualquer coisa, que estava assustada e queria a minha presença.

— E por que motivo eu haveria de querer que fosse você que viesse? Perguntou ela. — Que desculpa há para isso?

— Eu sou um velho amigo seu, respondeu Mason. — Parece-me que você e seu marido não andavam frequentemente em par.

— Não.

— Ótimo. Você já me chamou pelo primeiro nome uma ou duas vezes. Comece a fazê-lo com regularidade, principalmente quando houver gente por perto. Eu vou ser um velho amigo seu, e você vai me tratar como um amigo, não como advogado.

— Compreendo.

— A questão está em você se lembrar de tudo isto. Poderá? Responda!

— Sim, disse ela. Mason olhou em volta.

— Disse que tinha deixado a sua bolsa aqui. Trate de encontrá-la. Eva Belter caminhou até à mesa e puxou uma das gavetas. A bolsa se encontrava ali. Apanhou-a.

— E quanto ao revólver? Perguntou ela. — Não será melhor dar um jeito no revólver? Mason seguiu os olhos da jovem, e viu no chão uma automática, quase debaixo da mesa, onde a sombra não a deixava plenamente visível.

— Não, disse ele. — Isso é uma oportunidade para nós. A polícia pode examinar a pistola e descobrir o dono. Mrs. Belter franziu o sobrolho, dizendo:

— Parece esquisito que um homem dê um tiro e depois abandone o revólver aqui. Não sabemos a quem pertence esse revólver. Não acha que é melhor fazermos alguma coisa com ele?

— Fazer o quê?

— Escondê-lo nalgum lugar.

— Faça isso e veja como terá alguma coisa que explicar. É só a polícia achar a pistola.

— Eu tenho muita confiança em si, Perry, replicou ela. — Mas eu prefiro o contrário. O corpo, por exemplo.

— Não, disse ele imperiosamente. — Pode se lembrar de tudo o que eu lhe disse?

— Posso, sim. Mason pegou no telefone:

— A polícia, por favor.

Nove

BILL HOFFMAN, chefe do Departamento de Homicídios, era um homenzarrão paciente, de olhos perscrutadores e vagarosos, que costumava pensar e repensar as coisas antes de chegar a uma conclusão positiva. Achava-se na sala de estar do andar térreo da casa dos Belter, sentado, olhando para Perry Mason através da fumaça do seu cigarro.

— Os papéis que encontramos indicam que ele era o verdadeiro dono do Spicy Bits, esse jornal de chantagem que nos vem incomodando há uns cinco ou seis anos. Perry Mason, falou, lenta e cautelosamente, dizendo:

— Eu sabia isso, Sargento.

— Há quanto tempo? Perguntou Hoffman.

— Não há muito tempo.

— Como veio a saber?

— É uma coisa que não posso lhe dizer.

— Porque você estava aqui, esta noite, antes da polícia chegar?

— Já ouviu o que disse Mrs. Belter. É a verdade. Ela me telefonou. Pensava que o marido talvez tivesse perdido a cabeça e disparado um tiro contra o homem que o visitava. Ela não sabia o que tinha acontecido e tinha medo de ir vê-lo.

— Quais as razões desse medo? Perry Mason encolheu os ombros.

— Você já viu o homem, disse ele, — E sabe que tipo de homem seria necessário para dirigir o Spicy Bits. Eu diria, sem cerimônia, que o homem era difícil de lidar. Talvez não fosse um perfeito cavalheiro ou muito delicado ao tratar com senhoras. Bill Hoffman refletiu sobre o assunto.

— Bem, disse ele, — Poderemos dizer muito mais coisas quando tivermos seguido a pista da arma.

— Poderá segui-la? Perguntou Mason.

— Acho que sim. Os números estão bem claros.

— É verdade. Eu vi quando anotaram o número. Uma pistola Colt automática, calibre 32, hem?

— Isso mesmo. Houve um período de silêncio. Hoffman fumava pensativamente.

Perry Mason, também sentado, estava perfeitamente imóvel, sem mover um só músculo, na atitude de um homem que está absolutamente descansado ou teme ceder ao menor movimento com receio de que este o traia. Uma ou duas vezes, Bill Hoffman levantou os olhos plácidos e olhou para Perry Mason. Finalmente, disse:

— Há algo de esquisito em todo este assunto, Mason. Eu não sei bem como explicar.

— Bem, esse é o seu trabalho, disse Mason. — Geralmente, eu começo a acompanhar os casos

de assassinato muito tempo depois da polícia já ter terminado o seu trabalho. Esta experiência é nova para mim. Hoffman lhe deu um olhar de soslaio.

— Sim, não é muito comum que um advogado esteja no local antes que chegue a polícia, não é?

— É verdade, respondeu Mason sem compromissos. — Acho que posso concordar com a sua expressão “muito comum”. Hoffman continuou a fumar, em silêncio. — Ainda não encontraram o sobrinho? Perguntou Mason.

— Não. Já visitamos a maioria dos lugares que ele costuma frequentar. Um pouco mais cedo, e quase o encontramos. Estava num clube noturno com uma jovem. Encontramos a jovem. Declarou que ele tinha saído antes da meia-noite. Calculava ela que às onze e quinze.

Subitamente, se ouviu o ruído de um carro subindo pelo caminho interno. A chuva tinha cessado, e a lua aparecia por entre as nuvens. Acima do ruído do motor, podia-se ouvir uma pancada rítmica e surda: tan... Tan... Tan... Tan... O carro parou; soou a buzina.

— Que diabo será isso? Disse Bill Hoffman, e se pôs vagarosamente em pé. Perry Mason, que tinha a cabeça inclinada para um lado, ouvindo, respondeu:

— Parece um pneu furado, Sargento. Bill Hoffman se dirigiu para a porta, e Perry Mason foi atrás dele. O sargento Hoffman abriu a porta da frente.

Havia quatro ou cinco automóveis da polícia estacionados no caminho. O automóvel que acabava de chegar estava fora do círculo dos carros estacionados. Era um cupê de cortinas levantadas. Ao volante, se via um vulto indefinido olhando para a casa. O brilho vago do rosto branco era visível através dos vidros laterais. O vulto estava com uma das mãos sobre a buzina, que fazia uma zoadá contínua. O sargento Hoffman saiu para o portal e a buzina cessou. Abriu-se uma porta do carro, e uma voz gritou em tom meio pastoso:

— Digley. Furou... Um pneu... Não posso trocar... Não me arrisco a descer... Não me sinto bem... Venha trocar... O carro... O pneu... Perry Mason observou despreocupadamente:

— Provavelmente é o sobrinho, Carl Griffin. Vamos ver o que ele tem a dizer.

— Se é que posso julgar a esta distância, acho que não está em condições de dizer grande coisa, resmungou Hoffman. Os dois homens avançaram juntos para o automóvel.

O rapaz se arrastou no assento, procurou o estribo com o pé, desajeitadamente, e caiu para frente. Teria ido ao chão se não se tivesse segurado a um dos suportes da parte dianteira. Ali ficou, oscilando incertamente para cá e para lá.

— Pneu furado, disse ele. — Quero Digley... Você não é o Digley. Aí estão dois... Nenhum é o Digley. Quem diabo são vocês? Que querem a esta hora da noite? A hora não é própria... Para visitas... Bill Hoffman se aproximou.

— Você está bêbado, disse ele. O homem lhe lançou um olhar de coruja, meio vesgo.

— Claro que estou bêbado... Para que fiquei na rua? Claro que estou bêbado. Com paciência, Hoffman perguntou:

— Você é Carl Griffin? :

— Claro que sou Carl Griffin.

— Muito bem, disse Hoffman. — Vá descendo. O seu tio foi assassinado.

Houve um momento de silêncio. O homem que se apoiava ao suporte do carro balançou a cabeça duas ou três vezes, como se procurasse dissipar um nevoeiro mental que o subjugava. Quando voltou a falar, a sua voz era mais tensa.

— O que você está dizendo? Perguntou ele.

— O seu tio, disse o sargento. — Isto é, presumo que seja seu tio, George C. Belter. Foi assassinado há uma hora ou hora e meia. O cheiro da bebida cercava o homem. Ele forcejava por recuperar o domínio próprio. Respirou fundo, duas ou três vezes, e depois disse:

— Estão bêbados. O sargento Hoffman sorriu.

— Não, Griffin, nós não estamos bêbados, disse ele pacientemente. — Você é que está bêbado. Você andou andando por aí e bebeu uns goles. É melhor entrar em casa e tratar de se recompor.

— Você disse “assassinado”? Perguntou o rapaz.

— Sim, assassinado, repetiu o sargento Hoffman. O rapaz começou a caminhar em direção a casa. Levava a cabeça ereta e os ombros meio atirados para trás.

— Se ele foi assassinado, disse ele, — Quem o assassinou foi aquela mulher.

— Que mulher? Perguntou o sargento Hoffman.

— Essa carinha de criança, essa ordinária com quem ele se casou. Hoffman segurou o braço do rapaz e se voltou para Perry Mason.

— Mason, disse ele, — Quer desligar o motor desse carro e apagar as luzes? Carl Griffin parou, e se voltou inseguramente:

— Mude o pneu, também... O pneu direito da frente... Andou assim durante milhas... E milhas... Mude... Perry Mason desligou o motor e as luzes, bateu a porta do cupê e caminhou rapidamente para alcançar os dois homens que iam à sua frente.

Chegou a tempo de abrir a porta principal a Bill Hoffman e ao homem que ele segurava pelo braço. Visto sob a luz do hall de entrada, Carl Griffin era um rapaz bastante simpático, mas o seu rosto estava vermelho pela bebida e trazia as marcas de uma vida dissipada. Os seus olhos eram turvos e vermelhos, mas havia nele uma certa dignidade inata, um porte de classe que se evidenciava na maneira por que ele procurava se ajustar à emergência. Bill Hoffman encarou-o, estudando-o conscienciosamente.

— Acha que a cabeça lhe permite falar conosco, Griffin? Perguntou ele. Griffin acenou afirmativamente.

— Um momento... Estarei em condições. O rapaz se soltou do braço do sargento Hoffman e cambaleou para uma fonte que abria a sala de recepção, no andar térreo. Hoffman olhou para Mason.

— Está bastante bêbado, disse o advogado.

— Não há dúvida, replicou Hoffman. — Mas isso não é bebedeira de amator. Ele está habituado. Guiou o carro durante todo o caminho com as ruas molhadas e, além disso, com um pneu furado.

— Sim, concordou Mason, — Ele soube guiar até aqui.

— Aparentemente, não há muito desperdício de afeição entre ele e Eva Belter, observou o sargento Hoffman.

— Refere-se ao que ele disse a respeito dela?

— Claro. Que mais haveria de ser? Retrucou Hoffman.

— Ele estava bêbado, disse Mason. — Você suspeitaria de uma mulher baseado na observação impensada de um bêbado?

— Sem dúvida estava bêbado, mas, mesmo assim, guiou o carro até aqui. Talvez ele pudesse pensar corretamente ainda que estivesse bêbado. Mason encolheu os ombros.

— Pense como quiser, disse ele despreocupadamente. Do banheiro, onde Carl Griffin já estava, se ouvia o ruído de fortes jatos de água.

— Aposto que ele se recompõe, disse o sargento Hoffman, olhando para Mason com olhos cautelosos, — e vai dizer a mesma coisa a respeito da mulher.

— Aposto que ele estará bêbado como uma cabra, quer pareça recomposto ou não, retrucou Mason. — Alguns tipos são bastante enganosos quando se trata de aparentar sobriedade. Ficam de tal modo que podem proceder tão sobriamente como juízes, mas não têm grande ideia do que fazem ou dizem. Os olhos de Bill Hoffman quase piscaram.

— Uma forma de descontar adiantadamente o que ele possa dizer, não, Mason?

— Eu não disse isso. Hoffman riu.

— Não, você não disse. As suas palavras não foram exatamente essas.

— E se lhe arranjassemos um pouco de café? Perguntou Mason. — Acho que posso encontrar a cozinha e fazer um pouco de café.

— A governanta deve estar por lá, disse Hoffman. — Eu não o quero ofender, Mason, mas realmente desejo falar a sós com esse homem. Não sei exatamente qual a sua posição neste caso. Você parece ser um amigo da família e ao mesmo tempo advogado.

— Não há dúvida, sargento, concordou Mason sem titubear. — Compreendo a sua situação. Acontece que eu estava por aqui e fui ficando. Hoffman fez um sinal de assentimento.

— Você encontrará a governanta na cozinha. Parece-me que o nome dela é Mrs. Veitch. Já a interrogamos lá em cima, a ela e à filha. Veja se elas podem fazer café. Bastante café forte. Acho que os rapazes que estão lá em cima gostarão de tomar uma xícara assim como este Griffin.

— OK.

Mason, passando pela sala de jantar, empurrou uma porta de vaivém, e entrou numa copa, de onde passou à cozinha. A cozinha era enorme, bem iluminada, e bem equipada. Duas mulheres estavam sentadas a uma mesa. Ocupavam cadeiras de espaldar reto e se achavam lado a lado. Falavam em voz baixa quando Perry Mason entrou. Ao verem-no, cessaram bruscamente a conversa, e ergueram os olhos para o advogado. Uma delas, mulher nos últimos anos da casa dos quarenta, tinha o cabelo repuxado para trás, meio grisalho aqui e ali, sem brilho; os olhos eram negros e pareciam ter sido puxados para dentro das órbitas por meio de cordões, de sorte que era difícil lhes perceber a expressão. Semelhantes olhos se escondiam nas órbitas ensombradas. Tinha um rosto comprido e magro, boca delgada e firme, e malares proeminentes. Estava vestida de preto.

A outra mulher era muito mais jovem; não teria mais que vinte e dois ou vinte e três anos. O seu cabelo era lustroso e da cor do azeviche. Os olhos eram vivos e negros e o seu fulgor acentuava o tom baço dos olhos cavados da outra mulher. O rosto havia recebido cuidadosa atenção de rouge e pó. As sobrancelhas eram finas, negras e arqueadas; as pestanas, longas.

— A senhora é Mrs. Veitch? Perguntou Perry Mason, se dirigindo à mulher mais velha. Sem descerrar os lábios, a interrogada fez um sinal afirmativo com a cabeça. A jovem que estava ao seu

lado falou com uma voz sonora, gutural, dizendo:

— Sou Norma Veitch, filha dela. Que deseja o senhor? A mãe está muito abalada.

— Sim, compreendo, disse Mason, se desculpando. — Não será possível conseguir um pouco de café? Carl Griffin acaba de voltar para casa e acho que precisará de uns goles. Lá em cima há um grupo de homens trabalhando no caso e eles também queriam um cafezinho. Norma Veitch se pôs em pé.

— Sim, senhor. Está bem, não é, mãe? A jovem olhou para a mulher mais velha e esta acenou novamente com a cabeça. — Vou fazer o café, disse Norma Veitch.

— Não, disse a outra, falando numa voz que era áspera como o atrito de palhas de milho.

Empurrou a cadeira para trás e, atravessando o pavimento, se dirigiu a um armário. Fez correr uma porta de vidro e tirou uma avantajada máquina de café, acompanhada de uma lata. O seu rosto era absolutamente inexpressivo, mas ela se movia como se estivesse muito cansada. Mrs. Veitch tinha o busto chato e os quadris sumidos, e caminhava como um fantoche. Toda a sua atitude era de abatimento. A jovem se voltou para Mason com um sorriso nos lábios carnudos e vermelhos.

— O senhor é detetive? Perguntou ela. Mason sacudiu a cabeça.

— Não, disse ele. — Eu estava aqui com Mrs. Belter. Fui eu quem chamou a polícia.

— Ah, sim, ouvi falar no senhor, disse Norma Veitch. Mason voltou para a mãe.

— Eu posso fazer o café, mãe, se a senhora não se sente bem disposta.

— Não, respondeu ela na mesma voz seca e inexpressiva. — Estou bem. Posso fazê-lo.

Mrs. Veitch colocou o pé na cafeteira, colocou água, foi até o fogão, acendeu o gás, ficou olhando para a vasilha, e depois, no seu modo peculiar de andar, pousando todo o pé chato no assoalho, voltou para a sua cadeira, se sentou, cruzou as mãos sobre o regaço, e baixou os olhos, de sorte que ficou olhando para a superfície da mesa. Continuou olhando com fixa intensidade. Norma Veitch procurou os olhos de Perry Mason, exclamando:

— Nossa Senhora! Foi horrível, não foi? Mason acenou e observou despreocupadamente:

— Você não ouviu o tiro, não é? A jovem sacudiu a cabeça.

— Não, eu estava ferrada no sono. Só acordei quando chegaram os detetives. Eles fizeram a mãe se levantar, e acho que não sabiam que eu dormia no quarto ao lado. Desconfio que queriam revistar o quarto da mãe enquanto ela estivesse lá em cima. De qualquer modo, a primeira coisa que vi, quando acordei, foi um homem olhando para mim ao lado da cama. Baixando os olhos, a jovem reprimiu o riso. Deduzia-se que a experiência não lhe fora desagradável.

— E então? Perguntou Mason.

— O modo dele era de quem tinha achado um negro numa pilha de lenha. Fizeram-me vestir a roupa e nem ao menos quiseram sair enquanto eu enfiava o vestido. Levaram-me lá para cima e me interrogaram cem por cento, como eles dizem.

— E o que disse você?

— Disse a verdade, que fui para a cama, adormeci, e, quando acordei, um deles estava ao lado da cama, olhando para mim. A jovem pareceu satisfeita quando acrescentou: — Não acreditaram. Mrs. Veitch continuava sentada à mesa, mãos cruzadas no regaço, olhar fixo no centro do móvel.

— E você não ouviu nem viu qualquer coisa? Perguntou Perry Mason.

— Nada.

— Tem alguma ideia a respeito do que aconteceu? A jovem balançou a cabeça, dizendo:

— Nenhuma que possa declarar. O advogado relanceou rapidamente os olhos para ela.

— Tem alguma ideia que não possa ser declarada? Inquiriu ele. Norma Veitch acenou com a cabeça.

— É verdade que estou aqui apenas há uma semana, mais ou menos, mas nesse tempo...

— Norma! Disse a mãe, numa voz que subitamente perdera a secura e soava agora como uma chicotada. A jovem caiu num silêncio brusco. Perry Mason voltou os olhos para a mulher mais velha. Esta, ao falar, nem sequer desviara o olhar que tinha fixo na mesa.

— E a senhora ouviu alguma coisa, Mrs. Veitch?

— Eu sou apenas uma criada. Não ouço nem vejo nada.

— Isso é coisa muito recomendável para uma criada, desde que se trate de pequenos assuntos, observou Mason. — Mas a senhora verá que a lei tem pontos próprios sobre o assunto, e será obrigada a ver e ouvir.

— Não, disse ela, sem mover um só músculo do rosto. — Não vi nada.

— E ouviu alguma coisa?

— Não ouvi nada. Perry Mason franziu a testa. Sem saber por quê, lhe pareceu que a mulher estava escondendo alguma coisa.

— A senhora respondeu a estas perguntas da mesma maneira, quando a interrogaram lá em cima?

— Acho que o café já está pronto, disse ela. — O senhor pode apagar o gás assim que estiver; senão, se derramará. Mason se aproximou do fogão. A cafeteira era especialmente feita para ferver um máximo de água no menor tempo possível, e o fogo que a aquecia era uma chama azul de enorme calor. O vapor começava a subir da cafeteira.

— Vou cuidar do café, disse ele, — Mas estou interessado em saber se a senhora respondeu exatamente dessa maneira às perguntas que lhe fizeram quando estava lá em cima.

— Que maneira? Interpôs Mrs. Veitch.

— Da mesma que a senhora respondeu aqui.

— Eu disse a mesma coisa. Disse que não ouvi nem vi nada. Norma Veitch riu.

— É isso que ela diz, e não muda nem uma palavra.

— Norma! Rosnou a mãe. Mason olhava para ambas as mulheres; na aparência, o seu rosto pensativo era absolutamente plácido. Somente os olhos é que eram duros e calculistas.

— A senhora sabe, disse ele... — Eu sou advogado. Se tiver alguma coisa a me dizer, esta ocasião seria excelente.

— Sim, respondeu Mrs. Veitch numa voz sem eco.

— Então acha que sim?

— Eu simplesmente concordei que seria uma excelente ocasião. Houve um momento de silêncio.

— Então? Perguntou Mason.

— Mas eu não tenho nada para dizer, disse ela, sempre com os olhos fixos sobre o centro da mesa. Neste momento o café começou a subir na cafeteira. Mason apagou o fogo.

— Vou buscar as xícaras, disse Norma, se erguendo.

— Sente-se, Norma, ordenou Mrs. Veitch. — Eu vou buscá-las. Empurrou a cadeira para trás, foi até um dos armários, e trouxe as xícaras. — Tomarão café nestas.

— Mãe, disse Norma. — Mas essas xícaras são para os motoristas e os criados.

— O café é para a polícia, respondeu Mrs. Veitch. — Não há diferença nenhuma.

— Há sim, mãe, insistiu Norma.

— Sou eu quem faz isto, disse Mrs. Veitch. — Sabe que o patrão teria dito a mesma coisa se estivesse vivo. Ele nem lhes daria café.

— Sim, mas ele não está vivo, retrucou Norma. — É Mrs. Belter quem passou a mandar aqui. Mrs. Veitch se voltou e olhou firmemente para a filha com os seus olhos baços e encovados.

— Não tenha tanta certeza nisso, observou ela. Perry Mason acabou de fazer o café e serviu-o.

— Dê-me uma bandeja, pediu ele. — Vou levar o café para o sargento Hoffman e Carl Griffin. A senhora servirá os outros, lá em cima.

Sem dizer uma palavra, Mrs. Veitch lhe entregou uma bandeja. Perry Mason colocou três xícaras e se dirigiu para a sala de estar, passando pela de jantar. O sargento Hoffman estava de pé, com os ombros para trás, os pés separados. Com a face congestionada e os olhos muito vermelhos, Carl Griffin se achava estirado numa poltrona. O sargento Hoffman estava falando quando Perry Mason entrou com o café.

— Não foi assim que você falou a respeito dela quando chegou de automóvel, dizia o sargento Hoffman.

— Eu estava bêbado, disse Griffin. Hoffman encarou-o.

— Muitas vezes uma pessoa diz a verdade quando está bêbada e esconde o que pensa quando está lúcida, observou ele. Carl Griffin ergueu o sobrolho numa expressão de surpresa bem educada.

— Ah, sim? Fez ele. — Pois eu nunca havia notado. Bill Hoffman ouviu que Mason entrava, se voltou e mostrou os dentes quando viu as xícaras fumegantes.

— Ótimo, exclamou Hoffman. — Isto vem a calhar. Tome uma xícara de café, Griffin, que se sentirá melhor.

— Está com bom aspecto, disse Griffin, fazendo um movimento com a cabeça, — Mas eu agora me sinto perfeitamente bem. Mason lhe passou uma xícara de café.

— Sabe alguma coisa a respeito do testamento? Perguntou o sargento Hoffman.

— Se não faz diferença, prefiro não responder, disse o rapaz. Hoffman se serviu de uma xícara de café.

— Mas acontece que faz diferença, comentou ele. — Quero que você responda à minha pergunta.

— Sim, há um testamento, admitiu Carl Griffin.

— Onde está esse testamento? Inquiriu o sargento.

— Não sei.

— E como sabe da existência do testamento?

— Foi ele mesmo quem me mostrou o documento.

— A propriedade fica toda para a mulher dele? Griffin balançou a cabeça.

— Acho que ela não vai ficar com coisa alguma, exceto a soma de cinco mil dólares. O sargento Hoffman ergueu o sobrolho e soltou um assobio.

— Ah! Fez ele. — Mas isso dá novo aspecto à coisa.

— Que coisa? Perguntou Griffin.

— Toda a situação. A esposa era mantida numa posição de dependência quase total: dependia de que ele continuasse a viver. No momento em que ele morresse, ela era deixada virtualmente sem nada. Griffin, por si mesmo, declarou à guisa de explicação:

— Não creio que eles se dessem muito bem.

— Não é disso que se trata, disse pensativamente o sargento Hoffman. — Usualmente, em qualquer dos casos, precisamos procurar um motivo. Mason, mostrando os dentes, perguntou para Hoffman:

— Você insinua que Mrs. Belter disparou o tiro que matou o marido? O advogado formulou a pergunta como se tal ideia fosse altamente humorística.

— Eu faço uma investigação rotineira, Mason, a fim de descobrir quem poderia tê-lo assassinado. Em tais casos, procuramos sempre encontrar um motivo. Também procuramos descobrir qualquer pessoa para a qual a morte de Belter traga vantagens.

— Neste caso, observou Griffin, seriamente, — Presumo que eu ficarei sendo suspeito.

— O que quer dizer? Perguntou Hoffman.

— Sob os termos do testamento, disse Griffin lentamente, — Eu fico virtualmente com toda a propriedade. Não sei se isto é um segredo particular. Acho que o tio George tinha mais afeição por mim do que por qualquer outra pessoa no mundo. Isto é, tinha tanta afeição quanta podia ter, considerando o seu gênio. Duvido que ele fosse capaz de ter afeição por alguém.

— Quais são os seus sentimentos para com ele? Perguntou Hoffman.

— Respeito-lhe a memória, respondeu Griffin, escolhendo cuidadosamente as palavras. — E também acho que de certa maneira lhe apreciava o carácter. Meu tio vivia à parte, bem à parte, porque não podia tolerar nenhum subterfúgio ou hipocrisia.

— E por que motivo isso o levava a viver assim? Perguntou Hoffman. O rapaz fez um ligeiro movimento com os ombros.

— Se o senhor tivesse um temperamento desses, não faria tal pergunta, disse ele. — Meu tio tinha uma admirável capacidade intelectual. Possuía o dom de ver através das pessoas e perceber a hipocrisia. Era um desses homens que nunca alimentam amizades. Bastava-se a si mesmo de modo completo e nunca se apoiava em quem quer que fosse. Sendo assim, não tinha base nenhuma para estabelecer amizades. A sua única tendência era lutar. Lutava contra tudo e contra todos.

— Evidentemente, ele não lutou contra si, observou o sargento Hoffman.

— Não, admitiu Griffin. — Não lutou contra mim porque eu não me interessava absolutamente nada por ele nem pelo dinheiro que ele tinha. Eu de maneira nenhuma andava a lhe lambendo os pés e além disso não o enganava. Dizia-lhe o que pensava e tratava-o com a maior franqueza. O sargento Hoffman semicerrou os olhos, perguntando:

— Quem o enganava?

— Como? O que quer dizer?

— Você disse que não o enganava e que por isso ele gostava de si.

— Sim, disse.

— Disse, e carregou no pronome.

— Não foi intencionalmente.

— E a respeito da mulher dele? Ele gostava dela?

— Não sei. Não discutia esses assuntos comigo.

— Ela não era sincera com ele? Insistiu o sargento Hoffman.

— Como posso saber disso? O sargento Hoffman encarou o rapaz.

— Não há dúvida de que você sabe guardar as coisas para si mesmo, observou ele. — Mas já que não quer falar nada resta a fazer.

— Mas eu quero falar, sargento, protestou Griffin. — Quero lhe dizer tudo o que sei. O polícia suspirou e disse:

— Pode me dizer exatamente onde se encontrava quando foi cometido o assassinato? O rosto

de Griffin ficou vermelho.

— Lastimo, sargento, mas não posso.

— Porquê?

— Porque, em primeiro lugar, não sei quando foi cometido o assassinato, e, em segundo, eu não saberia onde estava. Receio que estivesse muito bêbado. Saí com uma garota, cedo, e depois que a deixei andei por aqui e por ali em muitas casas de bebidas. Quando resolvi voltar para casa, o diabo do pneu estourou e eu estava bêbado demais para trocá-lo. Não pude encontrar uma garagem aberta e, além disso, chovia muito, de maneira que trouxe o carro conforme foi possível. Acho que demorei horas para chegar aqui.

— A câmara-de-ar estava furada, observou o sargento Hoffman. — E, a propósito, alguém mais sabia da existência do testamento do seu tio? Alguém o tinha visto?

— Oh, sim, respondeu Griffin. — O meu advogado viu.

— Ah! Exclamou o sargento. — Então você também tinha um advogado?

— Naturalmente que tinha um advogado. E porque não o teria?

— Quem é ele?

— Artur Atwood. Tem escritório no Mutual Building. O sargento Hoffman se voltou para Mason.

— Não conheço esse Atwood. Você conhece-o, Mason? Perguntou ele.

— Sim conheço. Falei com ele uma ou duas vezes. É um sujeito careca; especializado em casos de ofensas pessoais. Dizem que ele soluciona sempre as suas questões sem recorrer aos tribunais, e consegue bons acordos.

— Como você viu o testamento na presença do seu advogado? Perguntou Hoffman a Carl Griffin. — Não é muito comum isso de um homem chamar o beneficiário do seu testamento, em companhia do advogado do beneficiário, a fim de lhes mostrar como está elaborado o documento! Griffin apertou os lábios.

— Essa pergunta tem o senhor que fazê-la ao meu advogado. Simplesmente me recuso a entrar nela. É um assunto complicado que eu prefiro não discutir.

— Muito bem. Vamos esquecer essa história. Adiante, me diga de que se trata, afinal de contas.

— Não entendi.

Bill Hoffman se voltou, encarou diretamente o rapaz e não afastou o olhar, que vinha de cima para baixo. O seu queixo avançava levemente e os olhos pacientes tinham ficado subitamente ásperos.

— A questão é esta, Griffin, disse ele sombria e lentamente: — Você não pode continuar nessa posição. Você procura proteger alguém, procurando ser um cavalheiro ou coisa parecida. Ou me diz agora mesmo tudo o que sabe, ou vai para a cadeia como testemunha perjura. Uma onda de sangue subiu ao rosto do rapaz.

— Diga-me... Protestou ele. — Isso não é um tanto arbitrário?

— Pouco se me dá que seja ou não, replicou Hoffman. — Trata-se de um homicídio, e você está pulando daqui para ali, procurando me enrolar... Ora esta, ninguém faz isso comigo. Vamos, diga o que sabe. O que foi dito na ocasião, e como o testamento foi mostrado na presença do seu advogado? Griffin respondeu com relutância.

— Compreende o senhor que eu vou responder sob protesto?

— Perfeitamente. Adiante. Fale.

— Bem, disse Griffin, falando vagarosamente e com evidente relutância. — Insinuei que o tio

George e a mulher não eram grandes amigos. O tio George desconfiava que ela fosse lhe propor uma ação de divórcio, no caso de que pudesse conseguir as provas necessárias. O tio George e eu tínhamos alguns negócios, e numa ocasião em que eu e Atwood discutíamos com ele certo negócio foi que ele, subitamente, trouxe este assunto à baila. Eu ficaria em situação embaraçosa, de sorte que não quis continuar a discutir semelhante coisa, mas Atwood tratou dele como o faria um advogado profissional. Carl Griffin se voltou para Perry Mason.

— Acho que o senhor entende melhor destes assuntos, disse ele. — Consta-me que também é advogado. Hoffman não deixou de olhar para Griffin.

— Deixe-o de lado. Continue. E depois?

— Bem, o tio George, nessa ocasião, sem explicar o assunto, deu a entender que ele e a esposa não se entendiam bem. Mostrou um papel escrito pelo seu próprio punho, segundo parecia, e perguntou a Mr. Atwood, como advogado, se um testamento escrito inteiramente pelo punho da pessoa que testava era válido, sem testemunhas, ou se era necessária a presença de testemunhas. Disse que havia feito o seu testamento e achava que talvez houvesse uma contestação porque ele não deixava grande coisa à esposa. Com efeito, me parece que ele mencionou a soma de cinco mil dólares, e declarou que todos os seus bens passariam para mim.

— Você não leu o testamento? Perguntou Hoffman.

— Precisamente, não. Isto é, não o li como quem examina palavra por palavra. Relanceei os olhos sobre o papel, e vi que a letra era do punho de meu tio. Afora isso, ouvi o que ele disse a esse respeito. Atwood, creio eu, leu-o mais cuidadosamente.

— Muito bem. Adiante. E depois?

— É só isto, respondeu Griffin.

— Não, não é só isso, insistiu Hoffman. — Que mais? Griffin encolheu os ombros.

— Oh! Fez ele. O tio George continuou a dizer não sei o quê... Esses comentários próprios de quem acaba de fazer o seu testamento. Não prestei atenção.

— Isso não nos serve, insistiu o sargento Hoffman. — Que disse ele?

— Disse, respondeu Griffin, de rosto vermelho, — Que queria deixar tudo determinado para que, na eventualidade de lhe acontecer alguma coisa, a esposa não tivesse vantagem nenhuma. Disse que ela não haveria de ficar com coisa alguma dos seus bens, se apressasse o seu fim, no caso de não conseguir bom dinheiro com o processo de divórcio. E agora o senhor sabe tudo o que eu sei. E acho que nada disto é da sua conta. Faça-lhe estas declarações sob protesto, e não gosto da sua atitude.

— Não nos interessam os comentários à margem, disse Hoffman. — Suponho que foi esse o motivo do seu comentário quando estava bêbado, logo que você foi informado do assassinato. Para o efeito da... Griffin interrompeu-o, erguendo a mão.

— Por favor, sargento, não venha com isso. Se eu disse, não me lembro, e de qualquer maneira, não houve semelhante intenção da minha parte.

— Talvez você não tenha tido a intenção, mas arranhou maneira de o dizer... Bill Hoffman se virou rapidamente para o advogado.

— Basta, Mason! Exclamou ele. — Sou eu que estou fazendo o interrogatório... Você está aqui como ouvinte. Cale-se ou saia.

— O senhor não me assusta nem um pouco, sargento. Encontro-me na casa de Mrs. Eva Belter, como seu advogado, e ouço um homem fazer declarações que podem prejudicar a reputação dela, sem falar em coisa pior. Quero ver se tais declarações são consubstanciadas ou retiradas.

A expressão de paciência desaparecera completamente dos olhos de Hoffman. O sargento olhou

para Mason com mau humor.

— Bem, disse ele. — Defenda os seus direitos como quiser. Mas você também precisa explicar alguma coisa. É muitíssimo curioso que a polícia seja chamada para um caso de homicídio, chegue aqui e o encontre tratando do assunto com uma senhora. E ainda é mais curioso que uma senhora, descobrindo que o seu marido foi assassinado, saia para telefonar ao seu advogado antes de fazer qualquer outra coisa. Mason observou acaloradamente:

— Isso não é uma afirmação justa, e você não ignora. Sou amigo de Mrs. Belter.

— É o que parece, disse Hoffman, secamente. Mason lançou os ombros para trás, plantou os pés no chão e disse:

— Vamos deixar isto bem definido. Eu represento Eva Belter. Não há razão nesta terra de Deus para atirar lama contra ela. A morte de George Belter não lhe trás nenhum benefício. Trás, sim, a este rapaz. Este camarada chega aqui ziguezagueando, vem com um álibi que não fica de pé, e começa a jogar pedras à minha cliente. Griffin protestou com veemência. Mason continuou olhando para Hoffman. — Bolas, você não pode condenar uma mulher só por insinuações. Isso é da alçada do júri. E os jurados não a podem condenar sem que a sua culpa fique razoavelmente provada. O homenzarrão olhou perscrutadoramente para o advogado.

— E você procura uma prova razoável, Mason? Perry Mason apontou para Carl Griffin.

— E você não levante muito a grimpá, meu rapaz, disse ele. — No caso de a minha cliente ter que comparecer a um tribunal, não pense que serei tão tolo que vá deixar de lado a vantagem de trazê-lo a si e a este testamento à baila.

— Acha então que ela é responsável pelo crime? Perguntou Hoffman.

— Não sou detetive, respondeu Mason. — Sou advogado. Sei que o júri não pode condenar ninguém enquanto não houver uma prova razoável. E se você começar a tramar alguma coisa contra a minha cliente, está aí nessa cadeira, a minha prova razoável. Hoffman fez um movimento com a cabeça.

— Era o que eu esperava, disse ele. — Eu não o devia ter deixado se meter no assunto. E agora pode sair daqui!

— Imediatamente, replicou Mason.

* * *

Dez

ERAM QUASE três horas da manhã quando Perry Mason chamou Paul Drake ao telefone.

— Paul, disse ele. — Tenho outro assunto para você. É um trabalho que requer pressa. Tens mais alguns homens que possas colocar no caso? A voz de Paul era sonolenta:

— Nunca fica satisfeito?

— Escute, disse Mason. — Levante-se e começa a trabalhar agora mesmo. Tenho um serviço que precisa de ser feito com rapidez. Precisa agir antes da polícia.

— Como diabo é que posso agir antes da polícia?

— Pode, sim. Eu sei que você tem acesso a certos registros. Você representa a Associação Protetora dos Comerciantes. A Associação tem um registro em duplicado de todas as armas de fogo vendidas na cidade. Ouve, quero saber agora o que consta na ficha de uma pistola Colt, automática, calibre 32, n.º 127 337. A polícia vai tratar disso como um assunto de rotina, mais uma série de tomadas de impressões digitais, e provavelmente só terminarão as pesquisas lá pelo meio da manhã. Sabem que isso é importante, mas não acham que haja pressa. E eu quero que você me dê a ficha da arma antes que a polícia a tenha. Precisa agir antes que ela entre em ação.

— O que houve com a arma? Perguntou Paul Drake.

— Um sujeito recebeu um tiro. Em pleno coração. Drake soltou um assobio.

— Isso tem relação com o outro assunto de que eu estava tratando?

— Acho que não, respondeu Mason, — Mas a polícia pode ser de opinião diferente. Preciso ficar em situação de defender o meu cliente. Quero que consiga a informação, e isso antes da polícia.

— Ok, disse Drake. — Para onde posso telefonar?

— Nada disso. Eu mesmo telefono depois.

— Quando?

— Dentro de uma hora.

— É muito pouco tempo, protestou Drake. — Não terei conseguido coisa alguma.

— Precisa conseguir, insistiu Mason. — De qualquer modo, telefono-o dentro desse prazo. Perry Mason desligou o telefone e depois discou o número do aparelho da residência de Harrison Burke. Não houve resposta. Mason telefonou para Della Street e a jovem, com a voz sonolenta, respondeu quase imediatamente.

— Aqui é Perry Mason, Della. Acorde e vá lavar o rosto. Temos trabalho.

— Que horas são? Perguntou ela.

— Três horas ou três e quinze.

— Muito bem, disse ela. — O que aconteceu?

— Você está bem acordada?

— Claro. Acha que sou uma sonâmbula?

— Nada de brincadeira, Della. Este assunto é sério. Pode se vestir rapidamente e vir agora

mesmo ao escritório? Mandarei um táxi para aí quando já estiver vestida.

— Já estou me vestindo, respondeu ela. — Tenho tempo para ficar bonita ou vou assim mesmo?

— É melhor ficar bonita, mas não gaste muito tempo com isso.

— É só um instante. E desligou.

Mason telefonou para um posto de táxis e mandou um esperá-la. Depois, saiu do café cujo telefone utilizara, apanhou o seu carro e se dirigiu rapidamente para o escritório. Assim que chegou, acendeu as luzes, fechou as cortinas e começou a caminhar de cá para lá. Tinha as mãos atrás das costas e não cessava de andar, de cá para lá, de lá para cá; a cabeça levemente curvada, avançava um pouco para frente. Na sua atitude havia qualquer coisa de tigre enjaulado. Parecia impaciente, mas de uma impaciência controlada. Era um lutador encurralado, selvagem, e que não ousava dar um bote em falso. Ouviu-se na porta o ruído de uma chave e Della Street entrou na sala.

— Bom dia, chefe! Disse ela. — O senhor sabe chegar cedo! Mason lhe fez sinal para que se sentasse.

— Isto é o começo de um dia atarefado, disse ele.

— O que aconteceu? Perguntava ela, olhando-o preocupadamente.

— Homicídio.

— Você representa apenas um cliente? Inquiriu a jovem.

— Não sei. Talvez estejamos metidos na coisa.

— Metidos na coisa?

— Sim.

— É a tal mulher, observou ela calorosamente. Mason balançou a cabeça com impaciência.

— Eu queria que deixasse essas ideias, Della.

— Continua sendo a mesma coisa, ela insistiu. — Sabia que dela só se podia esperar uma coisa dessas. Sabia que essa mulher ia trazer complicações. Nunca tive confiança nela.

— Está bem, disse Mason. — Esqueça-se disso agora, e receba as minhas instruções. Não sei o que vai acontecer aqui, e você talvez tenha que continuar se acontecer alguma coisa e eu não puder ir em frente.

— Que o senhor quer dizer com isso? Que já não pode continuar?

— Não se importe com isso.

— Mas acontece que eu me importo, disse ela, com um olhar apreensivo. — O senhor está em perigo! Mason ignorou a observação.

— Essa mulher apareceu aqui como Eva Griffin. Procurei segui-la, mas nada pude descobrir. Mais tarde, comecei uma luta com o Spicy Bits, e procurei descobrir quem era o verdadeiro dono desse jornal. Vim a saber que era um sujeito chamado Belter, que morava em Elmwood Drive. Você vai ler a notícia sobre o homem e a casa nos jornais da manhã. Fui ver Belter e verifiquei que era homem difícil de lidar. Quando eu estava lá, me encontrei por acaso com a mulher dele. Não era outra pessoa senão a nossa cliente. O seu verdadeiro nome é Eva Belter.

— O que ela queria fazer? Perguntou Della Street. — Alguma trapalhada?

— Não, disse Mason. — Ela estava em complicações. Tinha visitado clubes noturnos com um homem e o marido andava na sua pista. Ele não sabia quem era a mulher. O negócio dele era com o homem. O jornal faria escândalo em torno do homem, e eventualmente surgiria a identidade da mulher.

— Quem é esse homem?

— Harrison Burke, respondeu Mason lentamente. A jovem arqueou as sobrancelhas e ficou silenciosa. Mason acendeu um cigarro.

— E ele, Harrison Burke, que tem a dizer a respeito? Perguntou ela depois de um instante. Perry Mason fez um gesto com as mãos.

— Foi ele quem mandou o envelope com dinheiro. O envelope que um mensageiro nos trouxe ontem à tarde.

— Ah! Houve mais alguns instantes de silêncio. Ambos estavam pensando. — Bem, disse ela por fim. — Continue. O que vou ler nos jornais da manhã? Mason respondeu, falando num tom de voz átono:

— Eu dormia, e Eva Belter me telefonou pouco depois da meia-noite. Cerca da meia hora, acho eu. Chovia bastante. Ela queria que eu fosse buscá-la em uma drogaria. Disse que estava em dificuldades. Fui, e ela me contou que um homem tivera uma discussão com o seu marido e o matara.

— Ela conhecia o homem? Perguntou Della Street sem precipitação.

— Não, não o conhecia. Ela não o viu. Apenas ouviu a voz dele.

— E conhecia a voz?

— Julgava conhecer.

— Achava ela que a voz era de quem?

— Minha. A jovem olhou firmemente, sem que nem de leve se alterasse a expressão dos seus olhos.

— E era?

— Não. Eu estava em casa, dormindo.

— Pode provar isso? Perguntou Della Street sem alterar a voz.

— Ora, Deus do céu, respondeu ele com impaciência. — Eu não costumo ir para a cama com um álibi.

— Ah! Que mulherzinha mentirosa! Mais calma, a jovem perguntou: — E depois, que aconteceu?

— Fomos para a casa dela e encontramos o marido morto. Uma Colt Calibre 32. Automática. Tenho o número. Um tiro em pleno coração. O homem estava tomando banho, e alguém disparou contra ele. Os olhos de Della Street se arredondaram.

— Então ela levou-o lá antes de avisar a polícia?

— Exatamente. A polícia não sabe disso. O rosto da jovem estava pálido. Tomou alento para dizer alguma coisa, mas reconsiderou e permaneceu em silêncio. Perry Mason continuou na mesma voz monótona: — Tive um pequeno atrito com o sargento Hoffman. Há lá um sobrinho lá de quem eu não gostei. O homem é muito cavalheiro. A governanta esconde alguma coisa, e acho que a filha dela mente. Não tive a oportunidade de falar com os outros criados. A polícia me fez ficar no andar térreo enquanto a investigação era conduzida no andar superior. Mas eu tive tempo de olhar um pouco antes que a polícia chegasse.

— E esse atrito com o sargento Hoffman não passou um pouco da medida?

— Mais ou menos, respondeu Mason. — Você sabe como são essas coisas.

— Quer dizer que você ficou ao lado da sua cliente? Perguntou Della Street, com uma certa suspeita nos olhos. — O que vai acontecer agora?

— Não sei. Acho que a governanta vai dizer alguma coisa. Evidentemente, eles não a apertaram muito. Mas vão apertar. Acho que ela sabe qualquer coisa que até agora escondeu. Não sei o que seja.

Tampouco estou certo de que Eva Belter tenha feito uma descrição completa e verídica do caso.

— Se ela falou a verdade, disse a secretária com violência, — Foi a primeira vez desde que estive aqui. E isso de arrastá-lo para o caso! Bah! Que vadia! Eu seria capaz de matá-la. Mason ergueu a mão pedindo calma.

— Não pense nessas coisas. Agora estou metido no caso.

— Harrison Burke sabe desta história do assassinato? Perguntou ela.

— Procurei lhe telefonar. Não estava em casa.

— Linda hora para ele não estar em casa! Exclamou a secretária. Mason sorriu, dizendo:

— Pois não é? Secretária e advogado se entreolharam. Della Street, respirando forte, começou a falar impulsivamente.

— Ouça. Você permitiu que essa mulher o colocasse em maus lençóis. Você teve uma alteração com o homem que foi morto. Combatia o jornal dele, e quando você combate, não o faz com muita gentileza. Essa mulher fez isto e aquilo e acabou por levá-lo para a casa onde houve o crime. Ela queria que você estivesse lá antes que a polícia chegasse. Está pronta a atirá-lo às feras no momento que as suas ricas mãozinhas começarem a ficar manchadas. E você vai deixar que ela leve adiante esse jogo.

— Se eu puder, não; mas só a abandonarei quando for obrigado a isso. O rosto de Della Street empalideceu. Os seus lábios apertaram-se quase em linha reta.

— Ela é uma... Parou.

— Ela é uma cliente, completou Perry Mason, — E paga muito bem.

— Paga muito bem para quê? Para que você a represente num caso de chantagem? Ou para que responda por um homicídio? Havia lágrimas nos olhos da secretária. — Perry, ela continuou, Por favor não tenha um coração assim tão grande. Mantenha-se fora disso, e deixe que os outros vão adiante e façam o que quiserem. Não foi nessas condições que você começou a trabalhar neste caso. Tudo está alterado agora. Trata-se de crime, assassinato, e não de combater este ou aquele jornal a favor desta ou daquela pessoa.

— Agora já é bastante tarde para isso, não é, Della?

— Não, não é. Você ainda pode sair disto! Mason sorriu pacientemente:

— Ela é uma cliente, Della.

— Pois muito bem. Então espere o momento de ir para a sala do tribunal e defendê-la.

— Não, Della, o Promotor do Distrito não espera esse momento. Os seus representantes já estão trabalhando, agora mesmo, falando com as testemunhas e pondo na boca de Griffin as palavras que esta manhã vão aparecer no cabeçalho de todos os jornais. Dessa maneira, prejudicam as testemunhas em favor da ré na hora do julgamento, se ré houver. Ela reconheceu que seria inútil continuar argumentando.

— Acha que vão prender a mulher? Perguntou ela.

— Não sei o que eles vão fazer.

— Mas acharam algum motivo?

— Não, respondeu Mason, — Não encontraram nenhum motivo. Começaram a procurar os motivos convencionais, e por isso nada acharam e tiveram que parar. Mas qualquer coisa que descobrirem a respeito do outro assunto, da história do jornal, fornecerá um pretexto para uma ordem de prisão.

— E vão descobrir isso?

— Forçosamente. Os olhos de Della Street se arredondaram subitamente.

— Acha, perguntou ela, — Que era Harrison Burke o homem que estava lá quando foi dado o

tiro?

— Procurei falar com Burke pelo telefone, e não pude encontrá-lo. Além disso, nada sei que me leve a pensar tal coisa. Vá ao telefone. Ligue outra vez para casa dele. Telefone de dez em dez minutos até que ele ou alguém atenda.

— Muito bem.

— E telefone também para Paul Drake. Ele provavelmente estará no seu escritório. Se não estiver, ligue para aquele número de emergência que temos. Ele está ocupado com um trabalho para mim. Della Street era outra vez uma simples secretária.

— Perfeitamente, Mr. Mason, disse ela, e saiu da sala. Perry Mason retomou o seu caminhar, de um lado para outro. Depois de alguns instantes o telefone tocou. Mason levantou o fone.

— Paul Drake, disse a voz de Della Street.

— Alô, Mason. Exclamou a voz do detetive.

— Conseguiu alguma coisa? Perguntou Mason.

— Sim, consegui uma boa informação a respeito da arma.

— Não haverá mais ninguém nesta linha?

— Não, este telefone não tem extensão.

— Então vamos ouvir o que descobriu.

— Acho que não se interessa pelo vendedor do revólver, não é assim? Perguntou Drake. — Quer saber quem foi o comprador?

— Exatamente.

— Pois o revólver foi comprado por um tal Peter Mitchell, que deu o seguinte endereço: West, Rua Sessenta e Nove, n.º 1322.

— Muito bem. E não conseguiu nada sobre o outro aspecto do caso? Sobre Frank Locke?

— Não, ainda não recebi informações da nossa agência no Sul. Reconstituí os passos dele, o Estado é o de Geórgia, mas lá, parece se perder a pista. Tudo indica que ele tenha mudado de nome.

— Ótimo, disse Mason. — Isso foi onde aconteceu qualquer coisa com ele. E sobre o resto? Soube alguma coisa a respeito dele?

— Segui a pista da jovem do Hotel Wheelright, disse Drake. — Chama-se Esther Linten. Mora no hotel, no quarto 946 alugado por mês.

— O que ela faz? Perguntou Mason. — Descobriram alguma coisa?

— Faz o que calha ou o que pode, segundo me parece. Ela ainda não representa uma pista completa. Precisa me dar tempo, e agora me deixe dormir um pouco. A gente não pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo, nem trabalhar sem dormir.

— Você vai se habituar a isso, respondeu Mason, gracejando. — Principalmente se continuar a trabalhar neste caso. Fica aí no escritório mais cinco minutos. Telefone daqui a pouco.

— Está bem, suspirou Drake, e desligou. Perry Mason se dirigiu à sala da secretária.

— Della, disse ele — Você lembra de quando toda essa história da política estava no auge? Há um par de anos? Havia fichas.

— Sim. Fizemos um arquivo com isso. Nunca pude saber para que fim.

— Referências, explicou ele. — Deve haver por aí uma ficha “Burke no Congresso”. Encontre depressa essa ficha.

Della Street se precipitou para os armários que cobriam uma parede da sala. Perry Mason se sentou diante da mesa da secretária e esperou. Apenas os seus olhos denotavam uma alta concentração de ideias, que abrangia uma dúzia de aspectos diferentes do complicado problema. A jovem voltou

com uma ficha na mão.

— Ótimo, disse ele.

Numa coluna impressa, sobre a margem direita, viu uma lista de vice-presidentes da organização chamada “Burke para o Clube do Congresso”. Havia mais de uma centena de nomes. Mason percorreu a lista. Acompanhava os nomes lidos com a unha do polegar. O décimo quinto nome era o de P. J. Mitchell, e o endereço mencionado era West, Rua Sessenta e Nove, n.º 1322. Mason dobrou a ficha bruscamente e meteu-a no bolso.

— Telefone novamente para Paul Drake, disse ele, voltando para o seu gabinete e fechando a porta. Quando Paul Drake atendeu, o advogado lhe disse:

— Ouça, Paul, quero que me faça uma coisa.

— Outra?

— Sim. Você ainda nem começou.

— Vai dizendo.

— Então escute, disse Mason, falando devagar. — Quero que pegue um automóvel, vá até o 1322 na Rua Sessenta e Nove, West, e tire Peter Mitchell da cama. É preciso que faça isto com todo o cuidado que é para não se meter em complicações nem a mim. Precisa pôr em xeque o detetive que fala demais. Não faça nenhuma pergunta a Mitchell senão depois de tê-lo informado de tudo, compreendeu? Diga que és um detetive, e que George Belter foi assassinado na sua casa esta noite, e que você veio a saber que o número do revólver que fez esse serviço é o mesmo número de um revólver que foi vendido a ele, Mitchell. Dirá então acreditar que se trate de um engano, que ele deve ter consigo o revólver com esse número, mas que em todo o caso, tenha ou não tenha o revólver, quer saber por onde ele andou esta noite, cerca da meia-noite, ou um pouco mais tarde. Pergunta-lhe se ele ainda tem o revólver ou se lembra do que fez com ele. Mas tome cuidado em prestar inicialmente todas as informações. Só depois disso é que começará a fazer as perguntas.

— Passar à frente do pai dos trouxas, não é isso?

— Exatamente. O pai dos trouxas. E depois da entrevista, quero que tenha a memória mais perfeita do mundo.

— Entendido, disse Drake. — Preciso tratar do assunto sem entrar muito nele, não é?

— Faz exatamente como eu disse, nem mais nem menos.

Mason colocou de novo o aparelho no lugar. Ouviu um estalido na porta e levantou os olhos. Della Street entrou no escritório. Estava pálida e tinha os olhos quase esgazeados. Fechou a porta atrás de si, e se dirigiu a Mason.

— Tem aí um homem dizendo que o conhece, disse ela. — Chama-se Drumm. É um detetive da Central.

A porta se abriu, e Sidney Drumm colocou o rosto sorridente para dentro. Os seus olhos aguados pareciam inteiramente sem vida, e ele mais do que nunca dava a impressão de um empregado de escritório que naquele momento havia descido do seu banco alto e estava à procura de informações.

— Perdoe-me a intrusão, disse ele, — Mas eu queria falar consigo antes que você tivesse tempo de pensar muito.

— Já estamos habituados à falta de maneiras por parte da polícia, respondeu Mason sorrindo.

— Não sou um grilo, protestou Drumm. — Sou apenas um policial. Os grilos não gostam de mim. Sou um pobre policial mal pago.

— Entre e sente, convidou Mason.

— Linda hora de trabalhar, observou Drumm. — Eu andava à sua procura e notei que a luz estava acesa.

— Não, você não notou isso, corrigiu Mason. — As cortinas estão fechadas.

— Isto é, tive um palpite de que você estaria aqui. Você trabalha muito...

— Bem, disse Mason, — Deixemo-nos de introduções. Suponho que a sua visita seja profissional.

— Com toda a certeza, respondeu Drumm. — Eu tenho certa curiosidade. Sou um pássaro que se alimenta de curiosidade gratificada. Neste momento, sinto curiosidade a respeito de um número telefônico. Você me procurou e conseguiu por meu intermédio o número de um certo telefone. Até me agradeceu muito, e delicadamente. Depois, apareceu no endereço desse telefone, ao lado de uma mulher e de um sujeito assassinado. A pergunta é: será coincidência?

— E qual é a resposta? Perguntou Mason.

— Não, disse Drumm, — Não posso fazer conjecturas. Você é quem deve responder.

— Respondo que eu estava lá a pedido da esposa do referido sujeito.

— É esquisito que você conhecesse a mulher e não conhecesse o homem, insistiu Drumm.

— É, não é? Retrucou Mason sarcasticamente. — Naturalmente, essa é a pior forma de trabalhar com um escritório de advocacia. Às vezes aparece uma mulher e nos pede qualquer coisa, principalmente se for um problema doméstico, e não traz o marido consigo a fim de que a gente saiba que cara ele tem. Com efeito, ouvi falar de dois ou três casos de senhoras que procuram advogados e não querem que os maridos saibam de coisa alguma. Mas está claro que isso é pura conversa, mexerico, e eu não diria que você acredita na minha palavra só com essas informações. Drumm continuava sorrindo.

— Bem, disse ele, quer dizer que este caso pertence a esse tipo?

— Não quero dizer coisa alguma. Drumm deixou de sorrir. Inclinou a cabeça para trás. Os seus olhos ficaram sonhadores enquanto ele fitava o teto.

— Isso fornece um aspecto muito interessante, disse ele. — A mulher vem procurar um advogado cuja habilidade reconhecida é tirar as pessoas de complicações. O advogado não conhece o telefone particular do marido. O advogado começa a trabalhar no caso para a mulher. O advogado descobre o número do telefone e vai ao endereço. Mulher lá, marido assassinado.

— Acha você que chega a alguma conclusão, Sidney? Perguntou Mason. Drumm sorriu novamente.

— Ignoro completamente, Perry. Mas procuro saber.

— Assim que tiver descoberto alguma coisa, quer me avisar? Drumm se levantou.

— Oh! Fez ele. — Saberá isso bem depressa. E sorriu de Mason para Della Street. — Suponho, continuou ele — Que a sua última observação foi a deixa para eu ir embora.

— Oh! Não seja tão apressado, disse Mason. — Você sabe que viemos ao escritório às três horas da madrugada somente para receber os amigos que quiserem fazer perguntas tolas. Não temos nenhum trabalho a fazer. É um hábito nosso. Gostamos de nos levantar cedo. Drumm encarou o advogado.

— Você sabe, Perry, que se jogar franco comigo eu sou capaz de ajudá-lo. Mas se você continuar assim, preciso sair por aí e fazer umas pesquisas.

— Claro, admitiu Mason. — Compreendo isso. Você tem a sua profissão e eu tenho a minha.

— Então não temos franqueza, não é?

— Você precisa é de descobrir os fatos pelo lado de fora.

— Passe bem, Perry.

— Passe bem, Sidney. Apareça de vez em quando.

— Não se incomode que eu apareço.

Sidney Drumm se retirou e fechou a porta. A jovem se aproximou impulsivamente de Perry Mason. O advogado deteve-a com um gesto, dizendo:

— Veja primeiro se ele foi embora. Della Street caminhou para a porta, mas, antes que ela empunhasse a maçaneta, Sidney Drumm abriu a porta e colocou novamente o rosto na sala. Olhou em volta e fez uma careta.

— Bem, disse ele, — Desta vez não caíram. Agora não tenha mais cuidado. Vou embora de verdade.

— Ok, fez Mason. — Adeusinho! Drumm fechou a porta, e um momento depois se ouvia bater a porta da sala de fora.

Eram cerca de quatro horas da manhã.

* * *

Onze

PERRY MASON enfiou o chapéu e a capa, que ainda estava húmida e tinha um cheiro de lá molhada.

— Vou percorrer uma ou duas pistas, disse ele a Della Street. — Cedo ou tarde eles começarão a apertar o círculo, e então já não poderei andar aqui e ali. Preciso fazer tudo o que for possível enquanto ainda possuo liberdade. Você continua aqui e defenda o forte. Não posso dizer onde serei encontrado porque receio ser chamado por si. Mas eu, de momento a momento, telefono para cá perguntando se Mr. Mason está. Direi que o meu nome é Johnson, que sou um velho amigo dele, e perguntarei se ele não deixou nenhum recado. Você poderá me dizer o que for acontecendo sem dizer que sou eu.

— Acha que eles vigiarão a linha do telefone?

— É possível. Não sei exatamente aonde isto vai parar.

— Então haverá uma ordem de prisão?

— Não. Mas com certeza quererão me fazer novas perguntas. Della Street olhou-o com simpatia, ternamente, e não disse palavra. — Tenha cuidado, disse Mason, e saiu do escritório.

Ainda estava escuro quando o advogado entrou no hall do Hotel Ripley, e pediu um quarto com banheiro. Registrou-se sob o nome de Fred B. Johnson, de Detroit, e ocupou o quarto 5188, que foi obrigado a pagar adiantadamente, pois não trazia bagagem consigo. Perry Mason entrou no quarto, puxou as cortinas, e pediu quatro garrafas de gengibre, bastante gelo, e um quarto de uísque. Depois, se sentou numa cadeira superestofada, colocou os pés sobre a cama e se pôs a fumar. A porta não estava fechada à chave. Esteve fumando por mais de meia hora, acendendo cigarro sobre cigarro, quando a porta do quarto foi aberta. Eva Belter entrou sem bater. A jovem fechou a porta atrás de si, deu volta à chave, e sorriu para o advogado.

— Oh! Estou tão satisfeita por você estar aqui. Perry Mason continuou sentado.

— Está certa de que não foi seguida?

— Estou. Ninguém me seguiu. Disseram-me que eu ia ser uma testemunha importante e que não podia deixar a cidade, ou fazer coisa alguma sem avisar a polícia. Diga-me, acha que vão me prender?

— Isso depende.

— Depende de quê?

— Depende de muitas coisas. Eu quero falar consigo.

— Muito bem, disse ela. — Encontrei o testamento.

— Onde?

— Na mesa dele.

— Que fez com o documento?

— Trouxe-o comigo.

— Deixe-me ver.

— É exatamente como eu pensava que fosse. Acontece apenas que eu não figuro tão bem como julgava. Pensei que ele me deixasse o suficiente para um passeio na Europa... E arranjar um certo reajustamento.

— Encontrar outro marido?

— Eu não disse semelhante coisa!

— Não falo sobre o que disse. Falo sobre a sua intenção, respondeu Mason, sempre no mesmo tom de voz calmo e alheio. O rosto de Mrs. Belter se encheu de dignidade.

— Com efeito, Mr. Mason. Acho que esta conversa está muito fora de propósito. Aqui está o testamento. Mason olhou pensativamente para a sua cliente.

— Se você quiser me arrastar para casos de homicídio, é melhor abandonar esses recursos teatrais. Isso não pega. Eva Belter se aprumou com insolência, mas depois, subitamente, riu.

— Claro que a minha intenção era essa mesma. Arranjar outro marido. Porque não?

— Muito bem. E porque negou isso?

— Não sei. Não pude deixar de fazê-lo. Fico ressentida com as pessoas saberem muita coisa a meu respeito.

— Quer dizer, ajuntou ele — Que você detesta a verdade. Você construiria antes uma barreira de falsidade. Mrs. Belter corou.

— Isso não é justo! Exclamou ela. Mason estendeu a mão, sem dizer palavra, e apanhou o papel. Leu-o vagorosamente.

— Tudo isto é letra dele?

— Não, respondeu ela. — Não acho que seja. Mason lhe deu um olhar perscrutador.

— Tudo parece estar na mesma letra.

— Não acho que seja do punho dele. O advogado riu.

— Isso não a levará a parte nenhuma. O seu marido mostrou o testamento a Carl Griffin e Arthur Atwood, o advogado de Griffin, e lhes disse que era o testamento dele, escrito pelo seu próprio punho. A mulher balançou a cabeça impaciente.

— Você diz que ele mostrou um testamento e declarou que era escrito pelo seu punho. Nada impediria Griffin de rasgar esse primeiro documento e forjar um segundo. Havia alguma coisa que o impedisse? Mason olhou fria e apreciativamente para Mrs. Belter.

— Ouça, disse ele. — Você diz muitas palavras. Sabe o que elas significam?

— Naturalmente que sei.

— Bem, isso é fazer uma acusação perigosa, a menos que você tenha alguma coisa em apoio dela.

— Não tenho nada com que sustentar essa acusação... Ainda, respondeu ela vagorosamente.

— Pois então não a faça. Havia impaciência na voz dela quando observou:

— Você diz sempre que é meu advogado e que devo lhe contar tudo. E quando eu lhe conto tudo, você começa a zombar de mim.

— Esqueça-se disso, retrucou ele, devolvendo o testamento. — Você pode guardar esse gesto de inocência ofendida para o julgamento. Fale-me agora a respeito deste testamento. Como o conseguiu?

— Estava no escritório dele. O cofre não estava fechado. Tirei o testamento e depois fechei o cofre.

— Isso nem engraçado é.

— Não me acredita?

— Claro que não.

— Porquê?

— Porque a polícia deixaria um guarda na sala. E de qualquer maneira, se o cofre não estivesse fechado à chave, eles tê-lo-iam aberto e inventariado o conteúdo. Ela abaixou os olhos e disse lentamente:

— Lembra-se de quando voltamos para casa? Quando você estava olhando para o cadáver e examinava o roupão?

— Sim.

— Pois bem. Foi nesse momento que tirei o testamento do cofre. Ele estava aberto. Depois fechei-o. Você examinava o cadáver. Mason, cujos olhos estavam cerrados, pestanejou, exclamando:

— Sim, senhor! Acho que foi verdade. Você estava perto da mesa e do cofre. Porque fez isso? Porque não me disse o que fazia?

— Porque eu queria ver se o testamento era em meu favor, ou se podia destruí-lo. Acho que devo destruí-lo. A resposta de Mason foi explosiva:

— Não! Eva ficou silenciosa durante vários instantes.

— Bem, perguntou ela por fim. — Há mais alguma coisa?

— Sim, sente aí na cama onde eu possa olhar para si. Quero saber certas coisas. Não quis fazer essas perguntas antes de você ter falado com as autoridades por ter receio que ficasse muito abalada. Eu queria que mostrasse à polícia toda a pose de que é capaz. Mas agora a situação é diferente. Quero saber exatamente o que aconteceu. Eva Belter arredondou os olhos e chamou ao rosto a expressão de inocência sintética que costuma empregar.

— Eu já lhe disse o que aconteceu! Mason balançou a cabeça.

— Não, você não me disse nada.

— Acusa-me de mentir? O advogado suspirou.

— Por amor de Deus! Disse ele. — Deixe-se dessas coisas e desça à terra.

— Exatamente, o que deseja saber?

— A noite passada você estava com os seus trapos elegantes.

— Que quer dizer?

— Sabe o que eu quero dizer. Você estava toda embonecada num vestido de noite, sem costas, com sapatos de cetim, e meias finas.

— E então?

— E o seu marido tomava banho.

— E que tem isso?

— Você não se vestiu para o seu marido.

— Claro que não.

— Costuma se vestir dessa maneira todas as noites?

— Às vezes.

— Falando a verdade, você estava fora de casa ontem à noite e voltou apenas um pouco antes de o seu marido ter sido assassinado. Não é assim? Ela balançou vigorosamente a cabeça. Mais uma vez a sua atitude se tornou fria e digna.

— Não, disse ela. — Não saí de casa. Perry Mason olhou-a fria e perscrutadoramente.

— Quando eu estive na cozinha à procura de café, a governanta me disse que ouviu a sua criada lhe dizer que alguém havia telefonado dando um recado a respeito de sapatos, arriscou Mason.

Evidentemente, Eva Belter foi tomada de surpresa, mas se dominou com um esforço.

— Ora, que há contra isso?

— Diga-me em primeiro lugar, se a sua criada lhe deu ou não esse recado.

— Deu, sim, respondeu ela com um ar de despreocupação. — Acho que sim. Não posso estar certa. Eu tinha encomendado um par de sapatos, que a princípio não ficaram bem, e esperava-os ansiosamente. Acho que Marie recebeu algum recado a esse respeito e depois me disse o que era. O que aconteceu mais tarde me fez esquecer desse pormenor.

— Sabe como enforcam as pessoas? Perguntou Perry Mason bruscamente.

— O que quer dizer?

— Os culpados de homicídio, continuou ele. — Geralmente a coisa é de manhã. Chegam à cela e leem a sentença de morte. Depois, lhes amarram as mãos por trás, e prendem uma tábua nas costas, com tiras de couro, que é para o condenado não escapar nem se estorcer. Começam então a marchar para o cadafalso ao longo do corredor da prisão. Têm que subir treze degraus, e depois ficam em cima de uma espécie de alçapão. As autoridades policiais, que tratam dessas coisas, estão ao lado do alçapão; e num pequeno vão que fica atrás, estão três verdugos com facas afiadas. Há três cordas que passam por um tabuleiro. O carrasco põe o nó no pescoço do condenado, um saco preto na cabeça, e depois lhe passa umas tiras pelas pernas... A jovem deu um grito. — Pois muito bem. É exatamente isso o que lhe acontecerá se você não disser a pura verdade. O rosto de Eva Belter estava branco, os lábios trêmulos e pálidos, e os olhos negros de terror.

— Eu di... Disse a verdade. Ele balançou a cabeça.

— Ouça, você precisa aprender a ser franca e fazer jogo limpo se quiser sair desta complicação. Sabe, e eu também sei, que esse recado a respeito de sapatos era simplesmente um código. Queria dizer que Harrison Burke lhe pedia que se comunicasse com ele. O mesmo sistema foi usado por si para se comunicar comigo. Ela ainda estava branca e abalada. Obedientemente, baixou a cabeça. — Muito bem, continuou Mason. — Diga-me agora o que aconteceu. Harrison Burke mandou-lhe um recado. Ele queria falar consigo. Então você lhe telefonou dizendo que o encontraria em tal ou qual lugar, enfiou os seus trapos e foi. Não é verdade?

— Não. Ele foi lá em casa.

— Ele o quê?

— É verdade. Prosseguiu ela. — Eu lhe disse que não viesse, mas ele veio. Queria falar comigo. Respondi-lhe que não podia vê-lo. Mas ele teimou. Você lhe dissera que George era o dono do Spicy Bits. A princípio ele não queria acreditar. Finalmente acreditou. E foi falar com George. Ele pensava que podia explicar tudo ao George. Estava disposto a fazer tudo a fim de impedir o ataque do Spicy Bits.

— Você não sabia que ele ia lá?

— Não. Houve um momento de silêncio. Depois, ela perguntou: — Como você sabia?

— Sabia o quê?

— Que a história dos sapatos era o código usado por ele?

— Oh! Foi ele mesmo quem me contou.

— Ah! E depois a governanta lhe disse aquilo a respeito da criada? Também não o teria dito à polícia? Mason balançou a cabeça e sorriu.

— Não, ela não disse à polícia, nem disse a mim. Isso foi apenas um recurso que usei a fim de você dizer a verdade. Eu sabia que você devia ter se encontrado com Harrison Burke ontem à noite, e sabia também que ele era homem para tentar lhe falar. Quando ele está aborrecido, preocupado, quer dividir as suas preocupações com alguém. Assim, imaginei que ele tivesse deixado um recado

com a criada. Mrs. Belter pareceu ofendida.

— Acha que isso é uma maneira decente de me tratar? Acha que isso é ser justo comigo? Mason mostrou os dentes.

— Você é um anjinho. Vir sentar aqui e falar a um homem a respeito de retidão! Eva Belter se irritou.

— Não gosto disso. E também da sua maneira de me tratar por você. Retribuo esse tratamento mas não gosto. Agora já não posso impedi-lo.

— Nem eu pensava que gostasse. Antes que este assunto esteja terminado, haverá muita coisa de que não goste. E quanto a tratamento, não estamos na corte nem eu gosto de etiquetas. Então Harrison Burke foi a sua casa?

— Sim, respondeu ela, com voz fraca.

— Muito bem. E o que aconteceu?

— Ele insistiu em ver George. Eu lhe disse que se aproximar de George seria um ato suicida. Respondeu-me que não mencionaria o meu nome. Ele achava que se pudesse falar com George e lhe explicar as circunstâncias, e dizer que estava pronto a fazer o que ele quisesse depois da sua eleição, George ordenaria a Frank Locke que suspendesse a campanha.

— Muito bem. Agora é que chegamos a acordo. Ele queria falar com o seu marido, e você procurou impedi-lo de fazer isso. Não é assim?

— É.

— Porque não queria que ele falasse com o seu marido?

— Eu receava que ele mencionasse o meu nome, respondeu ela vagarosamente.

— E mencionou?

— Não sei, respondeu ela, e depois acrescentou subitamente: — Isto é, não; ele não falou com George. Falou comigo e eu o convenci de que não devia se encontrar com George. Depois disso, Harrison se retirou. Perry Mason riu.

— Você pensou na armadilha um pouco tarde, minha querida senhora. Então não sabe se ele mencionou ou não o seu nome, hem?

— Já lhe disse que ele não falou com George.

— Sim, sim, está bem, mas a verdade é que falou. Subiu as escadas, foi até o escritório e falou com o seu marido.

— Como sabe?

— Sei porque tenho uma teoria a respeito desta história e quero prová-la. Tenho uma ideia bem nítida do que aconteceu.

— Que foi que aconteceu? Mason tornou a rir dizendo:

— Você sabe o que aconteceu.

— Não, não sei. Quero saber. Que foi? Monótona, inexpressiva e firme, soou a voz de Mason:

— Harrison subiu as escadas e falou com o seu marido. Quanto tempo se demorou no escritório?

— Não sei. Não foi mais do que quinze minutos.

— Isso já é melhor. E você não o viu mais depois que ele desceu?

— Não.

— Falando a verdade, me diga agora se houve um tiro quando Harrison Burke estava lá em cima, e se ele, depois disso, não desceu as escadas correndo e saiu sem lhe dizer nada? Ela balançou a cabeça enfaticamente.

— Não. Burke saiu antes de o meu marido ter sido assassinado.

— Quanto tempo antes?

— Não sei. Talvez quinze minutos. Talvez mais. Talvez menos.

— E agora, disse Mason — Harrison Burke não pode ser encontrado.

— Como?

— Exatamente o que eu disse. Não pode ser encontrado. Ele não atende o telefone. Não está na sua residência.

— Como sabe?

— Telefonei para casa dele, e mandei detetives até lá.

— Porque fez isso?

— Porque eu sabia que ele ia ser envolvido no assassinato. Mrs. Belter tornou a arredondar os olhos.

— Mas de que forma? Ninguém sabe que ele esteve lá em casa exceto nós dois. E está claro que não vamos contar, porque isso tornaria a situação ainda pior, muito pior para todos. Ele se retirou antes de o homem chegar, o homem que disparou o tiro. Perry Mason encarou-a fixamente.

— Foi o revólver dele que deu o tiro, disse lentamente o advogado. Eva Belter se sobressaltou e os seus olhos bem o mostraram.

— Porque diz semelhante coisa? Perguntou ela.

— Porque o revólver tem um número. Esse número pode ser acompanhado da fábrica à casa de armas, da casa de armas aos armeiros, e dos armeiros à pessoa que comprou o revólver. Foi um sujeito chamado Peter Mitchell, que mora no 1322 da Rua Sessenta e Nove, West, e é um amigo íntimo de Harrison Burke. A polícia já está à procura de Mitchell, e quando ele for encontrado terá que explicar o que fez com a arma. Isto é, terá que dizer que a deu a Burke. A jovem levou a mão à garganta.

— Como podem saber essas coisas a respeito de um revólver?

— Há um registro de tudo. Muito em dia.

— Eu sabia que devíamos ter feito alguma coisa com aquele revólver, disse ela quase fora de si.

— Sim, e nesse caso você teria metido a cabeça dentro do nó. Precisa pensar nisso. A sua próxima posição não é muito boa. Você quer salvar Burke, mas isso é... Se conseguir. Acontece que eu procuro demonstrar que, se Burke foi o assassino, é melhor que você seja franca e me diga já. Então, se pudermos manter Burke à parte, manteremos. Mas o que eu não quero é que você, procurando proteger Burke, se exponha a ficar com a culpa toda. Eva Belter começou a andar de cá para lá, torcendo o lenço entre as mãos.

— Oh! Meu Deus! Exclamou ela. — Oh!, Meu Deus! Oh!, Meu Deus!

— Não sei se isto já lhe ocorreu ou não, disse ele, — Mas existe uma penalidade para quem esconde os fatos ou os deforma. Ora, nenhum de nós dois quer ficar nessa posição. Queremos descobrir quem é o verdadeiro culpado, e descobri-lo antes da polícia. Não quero que promovam um processo de homicídio contra si ou contra mim. Se Burke for o culpado, devemos procurá-lo e conseguir que ele se apresente e precipite um julgamento antes que o promotor tenha demasiadas provas à sua disposição. Vou tomar providências para ver se consigo deter Frank Locke e cancelar a chantagem do Spcy Bits. Eva olhou-o por um momento, e depois perguntou:

— Como você vai fazer isso? Mason sorriu.

— Neste jogo, disse ele, — Sou eu quem tem de saber tudo. Quanto menos se sabe, menos se tem a dizer.

— Você pode confiar em mim. Sou capaz de guardar um segredo.

— Você é uma boa mentirosa, disse ele judiciosamente. — Mas nisto você não terá que mentir, pois não sabe o que acontece.

— Mas não foi Burke, insistiu ela. Mason franziu o sobrolho.

— Ouça. Foi por essa razão que eu quis falar consigo. Se não foi Burke, quem foi? Ela desviou os olhos.

— Eu já lhe disse que houve um homem que teve um encontro com o meu marido. Não sei quem ele era. Pensei que fosse você. A voz parecia a sua. O advogado se levantou. O seu rosto estava sério.

— Ouça, disse ele, — Se começar com esse jogo outra vez, deixo-a sozinha. Já experimentou esse recurso uma vez. Agora chega. Ela começou a chorar.

— Que... Que... Eu vou... Fazer? Você... Perguntou. Nin-ninguém... Ouve... Eu já... Disse-lhe. Ovi... A... Sua voz. Não direi... Nada... À... Polícia... Nem que... Me torturem! Perry Mason agarrou-a pelos ombros e atirou-a contra a cama. Afastou-lhe as mãos do rosto e olhou-a nos olhos. Não havia neles o menor sinal de lágrimas.

— Você não ouviu a minha voz, porque eu não estive lá. E pare com essa representação de choro... A menos que tenha uma cebola no lenço!

— Então foi alguém que tinha uma voz parecida com a sua, insistiu ela. Mason foi sarcástico:

— Então ama o Burke a tal ponto que procura me deixar em maus lençóis se eu não o livrar de apuros?

— Não. Queria que eu dissesse a verdade, e eu disse.

— A vontade que tenho é de ir embora e deixá-la sozinha, metida até os olhos nesta complicação, ele ameaçou.

— Então, disse ela numa voz afetadamente terna, eu teria que dizer à polícia de quem era a voz que ouvi.

— Ah! Era esse o seu joguinho, hem?

— Não faço jogo nenhum. Digo a verdade. A sua voz era suave, mas ela não o olhava nos olhos. Mason suspirou.

— Eu nunca abandonei um cliente, fosse ele culpado ou inocente. Procuro sempre me lembrar disto. Mas, por Deus! É uma tentação deixá-la sozinha. Ela se sentou na cama e começou a torcer o lenço entre os dedos.

Mason, pouco depois, recomeçou a falar:

— Ao descer a calçada, depois de ter saído de sua casa, parei para falar com o empregado da drogaria de onde me telefonou. Ele olhava quando você entrou na cabine telefônica, o que era muito natural. Uma mulher em vestido de cerimônia, com um sobretudo de homem, ensopada, falando num telefone, numa drogaria, depois da meia-noite, naturalmente atrai as atenções. Pois bem. O empregado me disse que você telefonou para dois números, fez duas ligações, colocou por conseguinte duas moedas, entende? Com os olhos muito abertos, ela olhou para o advogado, mas não disse palavra. — Para quem mais você telefonou?

— A ninguém. O empregado se enganou. Perry Mason enfiou o chapéu e puxou-o sobre a testa. Voltou-se para Eva Belter e disse violentamente:

— De qualquer maneira, eu vou tirá-la desta complicação. Ainda não sei como. Mas vou tirá-la. E, Meu Deus! Isso vai lhe custar dinheiro.

Abriu a porta, desceu ao rés-do-chão e saiu para a rua, batendo a porta atrás de si. As primeiras luzes da alvorada coloriam o céu.

Doze

OS PRIMEIROS raios do sol nascente doiravam o topo dos edifícios quando Perry Mason encontrou a governanta de Harrison Burke. Era uma mulher de cinquenta e sete ou cinquenta e oito anos, corpulenta, cheia de animosidade. Os seus olhos fuzilavam de hostilidade.

— Pouco me importa quem seja o senhor, disse ela truculentamente. — Digo-lhe que ele não está aqui. Não sei aonde ele está. Ele veio perto da meia-noite, depois recebeu um telefonema e tornou a sair. Depois disso o telefone continuou chamando durante toda a noite. Eu não atendi, porque sabia que ele não estava em casa, e porque os meus pés esfriam quando levanto no meio da noite. E também não gosto de me levantar a essa hora!

— Quanto tempo depois dele chegar é que o telefone tocou pela primeira vez?

— Não foi muito depois, se é que isso é da sua conta.

— Acha que ele esperava um telefonema?

— Como vou saber? Ele me acordou quando chegou. Ouvi que abria e fechava a porta. Eu já ia adormecer outra vez quando o telefone tocou, e ouvi-o atender. Depois senti barulho no quarto, pensei que fosse se deitar, mas me parece que arrumava alguma coisa numa maleta, porque hoje de manhã faltava uma no quarto. Depois ouvi-o descer as escadas e bater com a porta da rua.

— Bem, acho que isso é tudo, então, disse Perry Mason.

— Pode crer que sim, disse ela, fechando a porta. Mason entrou no automóvel e desceu ao lado de um hotel a fim de telefonar para o escritório. Quando ouviu a voz de Della Street na extremidade da linha, perguntou:

— Mr. Mason está?

— Não, não está. Quem fala?

— É um amigo dele, Fred B. Johnson. Tenho grande necessidade de falar com Mr. Mason.

— Não posso lhe dizer onde ele está, mas espero que ele esteja aqui em breve. Há muitas pessoas que o procuram, e uma delas, um certo Mr. Paul Drake, me parece que tem hora marcada. Assim, acho que ele não demorará muito.

— Muito bem, respondeu Mason despreocupadamente. — Telefonarei mais tarde.

— O senhor não quer deixar algum recado?

— Não, respondeu ele. — Telefonarei depois, e desligou.

Discando outro número, Perry Mason dentro em pouco falava para o escritório de Drake, e este atendia:

— Paul, não facilite com essa história de telefone nem vá onde qualquer pessoa seja capaz de ouvir o que diz, pois muita gente gostaria de me fazer um punhado de perguntas a que eu não gostaria de responder. Sabe do que se trata.

— Sim, respondeu Drake. — Tenho uma boa informação para você.

— Diga.

— Fui a casa daquele camarada da Rua Sessenta e Nove. E descobri qualquer coisa de esquisito.

— Continua.

— O pássaro recebeu um telefonema de alguém pouco depois da meia-noite, e disse à mulher que seria obrigado a sair da cidade para atender a um negócio importante. Parecia muito assustado. Colocou umas roupas numa maleta e, cerca de quinze para a uma, veio buscá-lo um automóvel e saiu. Disse à mulher que se manteria em comunicação com ela e mandaria dizer onde estava. Esta manhã ela recebeu o seguinte telegrama: “Muito bem. Não se preocupe. Abraços.” E isso é tudo o que ela sabe. Naturalmente, a mulher está um tanto aborrecida.

— Ótimo! Exclamou Perry Mason.

— Isso lhe serve para alguma coisa?

— Acho que sim. Preciso raciocinar um pouco. Acho que essa informação significa muita coisa. Tem alguma novidade a respeito de Locke? A voz de Paul Drake se tornou animada:

— Ainda não descobri o que você quer saber, Perry. Mas acho que estou no bom caminho. Lembra da jovem do Hotel Wheelright? Uma tal Esther Linten?

— Sim. O que há com ela?

— Bem, disse Drake. — É esquisito, mas ela veio do Estado de Geórgia. Mason soltou um assobio. — Isso não é tudo, prosseguiu o detetive. — Recebe uns presentes regulares de Locke. De duas em duas semanas há um cheque, e é um cheque que não vem do próprio Locke. Vem de uma conta especial que o Spicy Bits tem num banco dos subúrbios. Conseguimos fazer com que o gerente do hotel desse com a língua nos dentes. A jovem tem descontado os cheques por intermédio do hotel, regularmente.

— Não poderá seguir a pista dela até o Estado de Geórgia e saber em que assunto andou metida? Perguntou Mason. — Talvez ela não tenha mudado de nome.

— É nisso que trabalhamos agora, disse Paul Drake. — A nossa agência da Geórgia se ocupa do assunto. Pedi que me mandassem um telegrama assim que descobrissem alguma coisa de positivo, sem esperar até que completassem a investigação.

— Ótimo. Pode me dizer onde Frank Locke esteve ontem à noite?

— Minuto por minuto. Tínhamos uma “sombriinha” com esse camarada. Quer uma informação completa?

— Sim. Agora mesmo.

— Aonde posso mandá-la?

— Toma cuidado em que o mensageiro não seja seguido, e que seja alguém em que possa confiar. Manda-o ao Hotel Ripley entregar o envelope no porteiro, para Fred B. Johnson, de Detroit.

— Muito bem, disse Drake. — Telefone de vez em quando. Posso querer falar contigo.

— Ok, fez Mason e desligou.

Dirigiu-se imediatamente para o Hotel Ripley, e perguntou no porteiro se havia alguma coisa para Mr. Johnson. Depois de ter sido informado que nada havia, subiu ao 518 e examinou a porta. Não estava fechada à chave. Abrindo-a, entrou. Eva Belter estava sentada à beira da cama, fumando. Ao seu lado, na mesinha-de-cabeceira, havia um copo de uísque. A garrafa estava mais adiante. Continha apenas dois terços do líquido. Na cadeira superestofada se sentava um homenzarrão de olhos piscos, que parecia estar em posição incômoda.

— Estou satisfeita por você ter vindo, disse Eva Belter. — Não me acreditaria, e por isso lhe trouxe uma prova.

— Prova de quê? Perguntou Mason. O advogado olhava para o homenzarrão, que havia se levantado da cadeira e se mostrava embaraçado com a presença de Mason.

— Prova de que o testamento foi falsificado, disse ela. — Este senhor é Mr. Dagget. É caixa do banco por intermédio do qual George tratava de todos os seus negócios. Mr. Dagget conhece muita coisa a respeito dos assuntos particulares de George. Afirma que a letra não é a do meu marido. Dagget se curvou e sorriu.

— O senhor é Mr. Mason, disse ele, — O advogado? Muito prazer e m conhecê-lo.

O advogado não lhe estendeu a mão. Perry Mason, com as mãos na cintura, fixou os olhos inquietos do homenzarrão.

— Deixemo-nos de rodeios, disse ele. — Ela tem alguma influência sobre você, do contrário não estaria aqui a esta hora da manhã. Provavelmente você telefonou para a criada e deixou um recado a respeito de um chapéu ou coisa parecida. Isso pouco me importa. Quero saber de fatos positivos. Não se incomode com o que ela quer que diga. Você ajudará muito mais se for franco e desembuchar já. Está compreendendo? O rosto do bancário mudou de cor. Deu meio passo na direção do advogado, parou, respirou fundo, e disse:

— Refere-se ao testamento?

— Ao testamento, sim.

— Examinei-o cuidadosamente, disse Dagget. — É falsificado. E o mais notável é que a falsificação não é muito boa. Se o senhor o examinar de perto, verá que o talhe da letra fraqueja umas duas vezes. Dá a impressão de que alguém procurou fazer uma falsificação apressada, e se cansou durante o trabalho.

— Deixe-me ver esse testamento. Eva Belter entregou-o.

— Não quer tomar outro copo, Charlie? Perguntou ela ao bancário, num riso contido. Dagget sacudiu a cabeça energicamente.

— Não, disse ele com veemência. Mason examinou cuidadosamente o testamento. Os seus olhos se faziam pequenos e penetrantes.

— Sim, senhor! Tem razão. Exclamou ele.

— Não pode haver a menor dúvida, disse Dagget. Mason se voltou vivamente para o interlocutor.

— Você está pronto a prestar esclarecimentos no banco das testemunhas?

— Deus do céu, não! Mas o senhor não precisa de mim! A falsificação é evidente por si mesma. Perry Mason olhou para o homenzarrão.

— Está bem. Era só isto. Dagget caminhou para a porta, abriu-a e saiu apressadamente do quarto. Mason cravou os olhos em Eva Belter. — Ouça, disse ele. — Eu lhe disse que você podia me encontrar aqui para tratarmos do caso, mas não quero que se meta neste quarto. Não vê qual seria a nossa posição se fôssemos descobertos aqui a esta hora da manhã? Ela encolheu os ombros.

— Precisamos correr alguns riscos, disse ela. — E queria que falasse com o Dr. Dagget.

— Como ele veio aqui?

— Chamei-o pelo telefone e lhe disse que viesse, que era assunto importante. E o que você lhe disse não foi gentileza nenhuma. Foi descortesia! A jovem riu. Um riso alcoólico.

— Você conhece-o muito bem, não?
— O que quer insinuar? Mason continuou a encará-la.
— Você sabe muito bem o que eu quero insinuar. Chamou-lhe Charlie.
— Então? É o nome dele. Ele é meu amigo, foi amigo de George.
— Compreendo. Mason se dirigiu ao telefone e discou o número do seu escritório.
— Aqui é Mr. Johnson, disse ele. — Mr. Mason ainda não chegou?
— Não, disse Della Street, não chegou. Acho que ele vai estar muitíssimo ocupado quando chegar, Mr. Johnson. Houve qualquer coisa ontem à noite. Não sei exatamente o que é, mas foi um caso de homicídio, e Mr. Mason representa a principal testemunha. Já estiveram aqui alguns repórteres procurando vê-lo, e há mais alguém que insiste em ficar na minha sala. Acho que é um detetive da polícia. Assim se o senhor pensa encontrar Mr. Mason aqui no escritório, esta manhã, me parece que vai ficar desapontado.

— Ora, que pena! Disse Mason. — Preciso ditar umas coisas que com certeza Mr. Mason gostaria de ver. São documentos. Provavelmente ele terá que assinar. A senhora não sabe de alguma taquígrafa que pudesse vir até aqui?

— Acho que sei.
— Pensava que a senhora talvez não pudesse sair do escritório com tanta gente aí.
— Deixe isso comigo, respondeu Della Street.
— Estou no Hotel Ripley, informou ele.
— Ok, fez ela, e desligou. Mason olhou seriamente para Eva Belter.
— Muito bem, disse ele. — Uma vez que você está aqui, e que já se arriscou tanto, ficará mais algum tempo.

— O que vai acontecer?
— Vou entrar com uma petição para efeitos de administração. Devido ao testamento, eles serão obrigados a se apresentar e a requerer o reconhecimento. Então nós contestaremos o processo probatório e entraremos com um recurso pedindo que você seja nomeada administradora especial.

— O que quer dizer isso tudo?
— Quer dizer que você daqui por diante vai serrar de cima e que vamos mantê-la nessa posição façam eles o que fizerem.

— E qual é a vantagem disso? Perguntou ela. — Se eu estou virtualmente deserddada no testamento, precisamos provar que o testamento é falsificado, e eu não posso conseguir coisa nenhuma sem um processo e um julgamento. Posso?

— Penso na administração da propriedade, disse Mason. — No Spicy Bits, por exemplo.
— Ah, sim; compreendo.
— Vamos ditar esses papéis imediatamente, e deixá-los com a minha secretária a fim de que ela os apresente, um de cada vez. Você precisa repor esse testamento no lugar. Provavelmente terão um guarda na sala, de forma que não lhe será possível colocar o documento no cofre. Pode deixá-lo em qualquer parte da casa. Ela riu, num riso contido, dizendo:

— Também posso fazer isso.
— Você pode fazer as piores coisas deste mundo. Não sei como você tirou esse testamento de lá. Se for encontrada com ele, o caso pode ser sério.

— Anime-se. Não serei encontrada com ele. Você nunca se arrisca, não é?
— Ora, Meu Deus! Arrisco-me desde que me meti neste negócio. Você é dinamite pura. Ela sorriu sedutoramente, dizendo:

— Acha? Conheço alguns homens que gostam de mulheres assim. Mason olhou severamente

para ela.

— Isso já é embriaguez. Deixe esse uísque.

— Ora... Você fala exatamente como o meu marido. O advogado foi até à mesinha, pegou na garrafa. Arrolhou-a, colocou-a na gaveta da mesa, deu volta à chave e guardou-a no bolso.

— Isso é justo? Perguntou ela.

— É.

O telefone tocou. Mason atendeu. O porteiro avisava-o de que tinha chegado um mensageiro com um pacote para Mr. Johnson. Mason pediu que fizessem subir o mensageiro e desligou. Quando o rapaz bateu à porta, Mason estava com a mão na maçaneta. Abriu a porta, lhe deu uma gorjeta, e recebeu um envelope. Era a informação da Agência de Detetives a respeito das atividades de Frank Locke durante a noite anterior.

— O que é isso? Perguntou Eva Belter.

Ele balançou a cabeça, se dirigiu para a janela, abriu o envelope e começou a ler o relatório datilografado. Era bem simples. Locke tinha ido a uma casa de bebidas, onde se demorara meia hora, fora depois ao barbeiro, ao Hotel Wheelright, ao quarto 946, ficara ali durante uns cinco ou dez minutos, e a seguir saíra para jantar com Esther Linten, a ocupante do quarto. Jantaram e dançaram até às onze e meia, voltando depois ao quarto do Hotel Wheelright. Os criados tinham levado gengibre e gelo, e Locke ficara no quarto até à uma e trinta da manhã, hora em que saiu. Mason enfiou o papel no bolso e começou a tamborilar na vidraça com as pontas dos dedos.

— Você me põe nervosa, disse Eva Belter. — Queria que me dissesse o que acontecerá.

— Já lhe disse o que vamos fazer.

— E esses papéis?

— Negócio.

— Que negócio? Mason riu.

— Sou obrigado a lhe explicar os negócios de todos os meus clientes só porque estou trabalhando para si? Ela franziu a testa.

— Você é terrível. Mason encolheu os ombros e continuou a tamborilar na vidraça da janela. Bateram à porta.

— Entre, disse ele. A porta se abriu e Della Street entrou. Empertigou-se ao ver Eva Belter na cama.

— Muito bem, Della, disse o advogado. — Precisamos preparar alguns papéis para qualquer emergência que possa surgir. Precisamos redigir uma petição para efeitos administrativos, um recurso contra o processo probatório de um testamento, uma ordem nomeando Mrs. Belter administradora especial, e um requerimento de aprovação e determinação. Depois as cópias serão assinadas e autenticadas pelas partes interessadas.

— Quer ditá-las agora? Perguntou Della Street friamente.

— Sim, e também quero comer alguma coisa. Foi ao telefone e pediu que lhe mandassem o almoço. Della Street se dirigiu para Eva Belter.

— Desculpe-me, mas vou precisar dessa mesa.

Eva Belter arqueou as sobrancelhas e retirou o copo da mesa, com um gesto de mulher que

segura as saias quando encontra um mendigo na rua. Mason retirou a garrafa de gengibre, o balde de gelo, limpou a humidade da mesa, e sentou numa cadeira, diante da secretária. Della Street puxou a cadeira de espaldar reto, cruzou as pernas, pôs o livro de notas sobre a mesa e preparou o lápis. Perry Mason ditou rapidamente durante vinte minutos. Decorrido esse tempo, veio o almoço. Os três comeram com apetite, e quase em silêncio. Eva Belter conseguiu dar a impressão de que estava comendo na companhia dos criados. Quando a refeição terminou, Mason mandou retirar o serviço, e continuou a ditar. As nove e trinta, já estava tudo pronto.

— Volte ao escritório e datilografe isso, disse ele a Della Street. — E prepare tudo para a assinatura. Mas não deixe ninguém ver o que faz. É melhor fechar a porta da sala. Para petições use as fórmulas impressas.

— Muito bem. Eu gostaria de falar a sós com o senhor. Eva Belter fez um gesto de indiferença.

— Não se incomode com ela, disse Mason. — Ela já vai embora.

— Oh! Não, não vou.

— Vai, sim, ordenou Mason. — Vai agora mesmo. Eu precisava de si aqui enquanto estava ditando os papéis, por causa das informações. Você agora vai voltar para casa e repor o testamento. Depois apareça nesta tarde no meu escritório para assinar os papéis. E quanto a isso guarde as suas ideias. Os repórteres vão fazer lhe perguntas. De qualquer maneira irão encontrá-la. Use o seu sex-appeal e se mostre abalada, esmagada pelo terrível infortúnio. Não lhe sendo possível dar uma entrevista coerente, faça com que eles acreditem na sua dor, no seu horrível sofrimento, na perda irreparável que sofreu. E sempre que aparecerem com uma máquina fotográfica mostre muita perna e muita lágrima. Compreende?

— Você é grosseiro, disse ela friamente.

— Sou prático. Qual é a utilidade de fazer essas cenas comigo, se eu não vou no embrulho?

Eva Belter pôs o chapéu e o casaco com dignidade e caminhou para a porta.

— Sempre que eu começo a gostar de si, disse ela, — Você se sai com uma destas. Mason lhe abriu a porta em silêncio, se curvou e bateu com a porta.

— Que é, Della? Perguntou ele se aproximando da secretária. A jovem tirou um envelope do seio.

— Um mensageiro trouxe isto.

— Que é?

— Dinheiro.

Mason abriu o envelope. Havia duas pequenas cadernetas de cheques de viagem, de cem dólares, num total de dois mil dólares. Todos os cheques estavam assinados e devidamente endossados. O nome do comitente fora deixado em branco. Inclusa, havia uma nota a lápis, escrita apressadamente. Mason desdobrou-a e leu:

Achei que seria melhor me afastar por algum tempo. Continue a trabalhar e me mantenha fora disto. Aconteça o que acontecer, me mantenha fora disto.

A nota estava assinada com as iniciais “H. B.”. Mason entregou os cheques a Della Street.

— O negócio está melhorando, disse ele. — Tenha cuidado quando for recebê-los. A secretária

fez um sinal afirmativo.

— Diga-me o que aconteceu. Para onde ela o arrastou?

— Para parte nenhuma, afora um par de bons honorários. E antes que ela esteja livre disto, vai me pagar ainda mais.

— Mas quem recebe muito é ela, insistiu a secretária. — Ela conseguiu envolvê-lo num caso de homicídio. Ouvi alguns repórteres conversando esta manhã. Ela o fez ir a casa dela antes de avisar a polícia, e arranjou as coisas de tal maneira que pode enredá-lo quando quiser. Tem algum motivo para pensar que ela não vai dizer à polícia que você era o homem que estava na sala quando ela ouviu o tiro?

— Nenhum. E mais cedo ou mais tarde ela falará.

— E você aguentará semelhante coisa? O advogado explicou pacientemente:

— Quando a gente representa clientes, Della, não é possível escolhê-los. É preciso aceitá-los como eles são. Nisto só há uma regra; quando a gente os aceita, é obrigado a fazer tudo por eles.

— Mas isso não o obriga a ficar sentado e deixar que o acusem de homicídio a fim de proteger uma namorada.

— Você está muito bem informada, observou Mason. — Com quem falou?

— Com um dos repórteres. Mas não falei, ouvi apenas. Mason sorriu.

— Vá fazer o que eu lhe pedi e não se preocupe comigo. Preciso trabalhar. Sempre que tiver de vir aqui, trate de fazer com que ninguém a siga.

— Esta é a última vez que me atrevo a isso. Passei um mau pedaço para chegar aqui. me seguir. Usei o mesmo recurso que Mrs. Belter empregou quando veio ao escritório pela primeira vez. Entrei numa loja e saí pela sala de vestir. Um homem fica sempre aborrecido em seguir uma dama até à sala das senhoras. Caíram uma vez, mas não duas.

— Muito bem. Eu já estive escondido o mais tempo possível. Hoje me encontrarão a qualquer hora.

— Eu odeio-a. Exclamou Della Street com calor. — Eu gostaria que nunca a tivesse visto. Ela não vale o dinheiro que paga. Ainda que ganhássemos dez vezes mais. Eu já lhe disse o que ela é: veludo e garras!

— Espere um pouco, minha querida. Ainda não viu o fim desta história. Della Street balançou a cabeça.

— Já vi o bastante. Os documentos ficarão prontos à tarde.

— Perfeitamente. Ela deve assiná-los, e trate de fazer com que tudo esteja em ordem. Talvez eu tenha que passar pelo escritório com muita pressa para apanhá-los, ou você tenha que levá-los a qualquer parte.

A jovem lhe deu um sorriso e se retirou muito correta, muito dona de si, leal e muito preocupada. Mason esperou cinco minutos, depois acendeu um cigarro e saiu do hotel.

* * *

Treze

MASON parou à porta do quarto 946, no Hotel Wheelright, e bateu levemente nos vidros. Nenhum ruído se ouviu lá dentro. O advogado esperou um momento e tornou a bater, um pouco mais alto. Depois de alguns instantes, ouviu um movimento no interior do quarto, um ruído de molas de cama, e a seguir uma voz de mulher que perguntava:

— Quem é?

— Telegrama, disse Mason. Uma chave girou na fechadura e a porta se abriu. Perry Mason empurrou a porta e entrou no quarto.

A jovem vestia um pijama de seda levíssima que lhe modelava nitidamente o corpo. Acordara naquele momento e tinha os olhos inchados. No rosto ainda havia traços da pintura, mas nele se via uma certa palidez. Vendo-a à luz da manhã, Mason observou que ela era mais velha do que a princípio lhe parecera. Contudo era bonita e o seu corpo arrebataria um escultor. Os olhos eram grandes e escuros. Na boca, uma expressão de mau humor. Ela não aparentava a menor atitude de pudor, mas apenas um certo desafio, amuado.

— Que ideia é essa de invadir o quarto?

— Eu queria falar consigo.

— Mas isso não é maneira de começar, retrucou ela. Mason fez um sinal afirmativo, dizendo:

— Volte para a cama. Apanhará um resfriado.

— Não volto. Dirigiu-se à janela, levantou a cortina e se voltou para o advogado.

— Bem. Diga o que quer.

— Lamento, mas está metida numa complicação.

— Isso você diz!

— Mas acontece que falo a verdade.

— E quem é você?

— Chamo-me Mason.

— É detetive?

— Não, advogado.

— Hum.

— Represento Mrs. Eva Belter, continuou ele. — Isto não lhe diz nada?

— Absolutamente nada.

— Bem. Não fique zangada. Você ao menos podia ser mais sociável. A jovem fez uma careta e atirou um comentário rápido:

— Não gosto que me tirem da cama a esta hora da manhã. E ainda menos que entrem assim no meu quarto. Mason ignorou a observação.

— Sabia que Frank Locke não era dono do Spicy Bits? Perguntou ele com ar despreocupado.

— Quem é Frank Locke e o que quer dizer Spicy Bits? Perry Mason riu.

— Frank Locke, disse ele, — É o homem que assina os cheques na conta do Spicy Bits, os cheques que você desconta de duas em duas semanas.

— Você é espertinho, não?

— Não é isso. Ando por aí e vejo.

— E então?

— Locke era apenas um testa de ferro. O jornal pertencia a um homem chamado Belter. Locke fazia o que Belter mandava. A jovem se espreguiçou e bocejou.

— E então? O que tem isso comigo? Tem aí um cigarro? Mason lhe deu um cigarro. Ela se aproximou enquanto ele acendia um fósforo. Depois foi se sentar na cama, e encolheu as pernas. — Continue, disse ela, se for do seu interesse. Não vou poder dormir enquanto não for embora.

— Você hoje não dorme mais.

— Não?

— Não. Há um jornal aí na porta. Não gostaria de lê-lo?

— Porquê?

— Traz a notícia do assassinato de George C. Belter.

— Não gosto de assassinatos antes do café.

— Mas de qualquer maneira pode ler a notícia.

— Está bem. Pegue o jornal. Mason balançou a cabeça.

— Não. Vá buscá-lo. Do contrário, quando eu abrir a porta pode acontecer alguma coisa e eu ficar do lado de fora.

A jovem se levantou, fumando placidamente, abriu a porta e apanhou o jornal. Os cabeçalhos berravam a notícia do assassinato. Ela voltou para a cama, se sentou de pernas cruzadas e leu toda a notícia fumando enquanto lia.

— Não encontrei nada que tenha que ver com a minha vida, disse ela. — Um sujeito qualquer levou um tiro. É uma pena, mas provavelmente ele mesmo foi ao encontro dela.

— Foi.

— Então, porque isso havia de interromper o meu belo sono?

— Você poderia usar os miolos, explicou Mason pacientemente. — Mrs. Belter passa a dirigir tudo quanto era do marido e eu represento Mrs. Belter.

— E então?

— Você tem feito chantagem contra Frank Locke, e Locke desviando fundos a fim de pagar a chantagem. Essa conta especial do Spicy Bits lhe foi dada para pagar informações. E ele tem desviado esse dinheiro para si.

— Não entendo nada, disse ela atirando o jornal ao chão. — Não sei coisa nenhuma a tal respeito. Mason riu.

— E a respeito da chantagem?

— Não sei do que está falando.

— Oh! Sim, sabe, Esther. Você explora o homem com aquele assunto da Geórgia. Esta observação atingiu o alvo. O rosto mudou de cor, e pela primeira vez apareceu nos olhos dela uma expressão de sobressalto. Mason continuou para aproveitar a vantagem: — Isso não é muito bonito. Não sabe que é um crime neste Estado? Esther Linten lhe deu um olhar examinador.

— Você não será um investigador? É só advogado?

— Só advogado.

— Ok. E que quer então?

— Isso já é falar inglês.

— Eu não falo, ouço.

— Esteve ontem à noite com Frank Locke.

— Quem lhe disse?

— Eu. Saiu com ele, depois voltou para aqui sempre na companhia dele, e ele só saiu daqui à uma e tal da manhã.

— Sou livre, branca, vacinada, tenho vinte e um anos e estou na minha casa. Acho que tenho o direito de receber quem eu quiser, amigos, amigas, gatos, cachorros, seja o que for.

— Nem se duvida. A pergunta seguinte é esta: tem miolo suficiente para saber de que lado do pão está a manteiga?

— Que quer dizer?

— Que fez ontem à noite, depois de voltar para o quarto?

— Conversei a respeito do tempo, naturalmente.

— Ótimo, disse ele. — Mandou buscar algumas bebidas, sentaram aqui e conversaram, e depois ficou com sono e foi dormir.

— Quem lhe disse isso?

— Isso é o que eu digo, explicou ele. — E isso é o que você vai dizer. Ficou com sono e dormiu. Os olhos da jovem se tornaram pensativos.

— O que quer dizer? Perguntou ela. Mason falou como um professor que estivesse ensinando um aluno:

— Estava cansada e tinha bebido. Vestiu o pijama e, cerca das onze e quarenta, adormeceu, e não sabe nada do que aconteceu depois. Não sabe a que horas Frank Locke se retirou.

— Qual é a minha vantagem em dizer que adormeci a essa hora? Mason respondeu num tom de voz alheado.

— Acho que Mrs. Belter esqueceria a história do dinheiro desviado se você tivesse adormecido conforme eu disse.

— Bem, pois não adormeci, não senhor.

— É melhor pensar bem no assunto. Esther fitou-o com os seus olhos grandes e apreciativos e não disse palavra. Mason se dirigiu ao telefone e discou o número da Agência dos Detetives de Paul Drake.

— Sabe, quem fala, Paul, disse ele ao aparelho. — Não consegui nada?

— Consegui, sim.

— Então despeja, homem.

— Ela ganhou um concurso de beleza em Savannah, disse Drake. — Nesse tempo era menor idade. Havia outra jovem que morava com ela num apartamento. Um sujeito arranhou uma complicação com a jovem e depois lhe encaixou uma bala. O homem procurou encobrir o crime. Mas foi preso e julgado. A nossa amiga alterou as suas declarações como testemunha, na última hora, e lhe deu uma oportunidade. Ele conseguiu adiamento para um novo julgamento e escapou antes de chegar o momento. Ainda é um fugitivo da justiça. Chama-se Cecil Dawson. Estou procurando as impressões digitais e a descrição do rapaz. Tenho um palpite que seja esse o homem que quer.

— Muito bem, disse Mason, como se já esperasse justamente aquilo. — Isso chega mesmo a tempo. Continua a trabalhar. Telefone depois. Desligou o aparelho e se voltou para a jovem.

— Então? Sim ou não?

— Não. Já lhe disse que não, e não mudo de ideia. Mason encarou-a fixamente.

— Como sabe, o que há de engraçado na história é que a coisa vai mais longe do que uma simples chantagem. Vai até à época em que você alterou o seu depoimento e deu a Dawson uma oportunidade de novo julgamento. Quando ele for levado para lá e julgado por aquele caso de assassinato, o fato de que você estava aqui na companhia dele e recebia dinheiro servirá para uma bela acusação de perjúrio contra si.

Esther Linten empalideceu. Os olhos ficaram enormes, escuros e vagos. Respirava com ruído pela boca entreaberta.

— Meu Deus!

— Exatamente, disse Mason. — Você adormeceu àquela hora. Ela não desviou os olhos, e perguntou:

— Isso resolveria tudo?

— Não sei. Resolveria até certo ponto. Não sei se alguém vai descobrir ou não a história da Geórgia.

— Está bem. Adormeci àquela hora. Mason se levantou e se dirigiu para a porta.

— Lembre-se disto. Ninguém sabe dessa história a não ser eu. Se disser a Locke que eu estive aqui, ou contar a proposta que lhe fiz, estará perdida.

— Não seja tolo. Eu sei quando posso espernear e quando não posso.

Mason saiu e fechou a porta. Entrou no automóvel e correu para a casa de penhores de Sol Steinburg. Steinburg era um sujeito gordo, de olhos espertos e brilhantes. Tinha um barrete na cabeça, e os seus lábios, carnudos e curvos, mostravam um perpétuo sorriso. Recebeu Mason muito expansivamente, dizendo:

— Ora, ora, ora... Há muito tempo que não o via, meu caro amigo. Mason lhe apertou a mão.

— Há muito mesmo, Sol. E agora estou metido em dificuldades. O dono da loja acenou com a cabeça e esfregou as mãos.

— Sempre que estão em dificuldades, vêm à casa do Sol Steinburg. Qual é a sua, meu amigo?

— Ouça, quero de si uma coisa para mim. O barrete foi vigorosamente sacudido.

— Farei qualquer coisa por si. Claro que negócio é negócio. E se é assunto de negócio, precisa tratar comigo em base de negócio e também ser tratado assim. Mas se não for negócio, farei qualquer coisa que estiver ao meu alcance. Mason piscou um olho.

— É negócio para si, Sol, porque vai ganhar cinquenta dólares nisso. Mas não terá que empregar coisa alguma. O gorducho se pôs a rir.

— Isso, isso é o que me serve! Desses negócios é que gosto de falar... Quando não tenho que empregar nada e ganho cinquenta dólares, sei que se trata de um bom negócio. Que faço?

— Deixe-me ver o registro dos revólveres que vende.

O homem tirou debaixo do balcão um livro bem manuseado, onde estavam anotadas as formas e tipos de armas, o número, o comprador, e a assinatura deste. Mason folheou as páginas até que encontrou o registro de uma pistola Colt, automática, calibre 32.

— É este. Steinburg se inclinou sobre o livro e examinou o registro.

— E então? Perguntou ele.

— Hoje ou amanhã, venho aqui com um homem. E assim que avistar esse homem faça um sinal afirmativo e diga: “É esse, é esse mesmo.” Então lhe perguntarei se está certo de que o homem é aquele, e você mostra cada vez mais certeza. Ele vai dizer que não, e quanto mais ele negar mais você dirá que sim. Sol Steinburg mordeu os lábios carnudos.

— Isso pode ser muito sério. Mason balançou a cabeça.

— Não deixaria de ser se estivesse no tribunal, admitiu ele, — Mas você não vai dizer isso no tribunal. Vai dizer a esse homem e a mais ninguém. Simplesmente o identificará como sendo o homem. Depois se retira para o fundo da loja e me deixa aqui com o registro das armas. Compreende?

— Compreendo, compreendo. Entendo muito bem. Menos uma coisa.

— Que é?

— De onde vêm os cinquenta dólares? Mason bateu no bolso das calças.

— Daqui, Sol. Tirou um maço de dinheiro, escolheu uma nota de cinquenta dólares e entregou-a ao gorducho.

— Qualquer pessoa que venha consigo? Não é assim?

— Qualquer pessoa que venha comigo, respondeu Mason. — Não virei aqui sem encontrar o homem que procuro. Talvez precise preparar uma cena, mas você seguirá a minha orientação. Está certo? Os dedos acariciantes do gorducho dobraram a nota.

— Meu amigo, disse ele, tudo o que você fizer está bem para mim. Digo qualquer coisa que você quiser e digo alto.

— Ótimo. E não seja mole na identificação.

O barrete se agitou quando Sol Steinburg balançou a cabeça em sinal de vigorosa negação. Perry Mason saiu. Assobiava uma canção.

* * *

Quatorze

FRANK LOCKE, diante da sua mesa, no jornal, olhava para Perry Mason.

- Parece-me que andam à sua procura.
- Quem? Perguntou Mason despreocupadamente.
- Repórteres, policiais, detetives. Muita gente.
- Já estive com todos eles.
- Esta tarde?
- Não, ontem à noite. Porquê?
- Por nada, porque agora talvez andem à sua procura de um modo diferente. Que deseja?
- Vim aqui para lhe dizer que Eva Belter entrou com uma petição para ser nomeada administradora especial de todos os bens do marido.
- E que tenho eu com isso? Perguntou Locke, fixando em Mason os seus olhos cor de chocolate.
- Isto quer dizer que daqui por diante é Eva Belter quem dirige as coisas. Você receberá ordens dela. E também significa que, enquanto eu representar Eva Belter, você receberá algumas ordens minhas. Uma das primeiras coisas que fará é suspender inteiramente o assunto do Beech In.
- Só isso? Perguntou Locke sarcasticamente.
- Só, disse Mason com ênfase. — É só isso.
- Você é o que se chama um otimista.
- Talvez seja. E talvez não seja. Telefone para Eva Belter.
- Não tenho nada que telefonar para Eva Belter, nem para ninguém. Sou eu quem dirige este jornal.
- É essa a sua atitude?
- Exatamente.
- Eu poderia falar mais um pouco consigo se fôssemos a um lugar onde não houvesse muita gente ouvindo.
- Terá que falar melhor do que da última vez, disse Locke. — Do contrário, não terei interesse em sair daqui.
- Bem, Locke, poderemos dar um passeio e ver se chegamos a um acordo.
- E porque não conversamos aqui mesmo?
- Sabe como eu me sinto neste lugar. Fico inquieto, e não converso quando estou inquieto.

Locke hesitou por um momento e finalmente disse:

- Bem, não lhe darei mais de quinze minutos. Desta vez precisa falar claramente.
- Eu posso falar claramente.

— Estou sempre disposto a procurar uma oportunidade, observou Locke. Levantou-se e desceu para a rua em companhia de Mason.

— E se entrássemos num táxi e rodássemos por aí até encontrar um lugar com bom local, onde pudéssemos falar? Sugeriu Locke.

— Vamos até àquela esquina. Quero ter certeza de tomar um táxi que não seja destes ares. Locke fez uma careta.

— Ora, Mason, deixe de criancices. Tenho um microfone no escritório e mando gravar certas conversas para ficar com uma prova, mas não pense que aqui fora, vou ter um trabalhão só para ouvir o que diz. Poderia gritar o que quisesse lá do alto daquele arranha-céu, que isso não me faria a menor diferença. Mason balançou a cabeça.

— Não, quando trato de negócios, costumo tratar deste modo, disse ele.

— Não gosto desse modo.

— Há mais gente que não gosta, admitiu Mason. Locke parou.

— Assim não consegue nada, Mason, posso muito bem voltar para o escritório.

— Se o fizer lamentará muito, advertiu o advogado. Locke hesitou, e finalmente encolheu os ombros.

— Está bem. Continuemos. Já vim até aqui. Posso ir mais adiante e acabar com isto. Locke desceu a rua em companhia de Mason até que ambos chegaram à loja de Sol Steinburg.

— Vamos entrar, disse Mason. Frank Locke lhe deu um olhar de suspeita.

— Aí dentro não é lugar para conversarmos.

— Não será preciso. Vamos só entrar aqui. Você pode sair.

— Que armadilha é esta? Perguntou Locke.

— Ora, deixe de coisas. Quem está cheio de suspeitas agora? Locke entrou, olhando cautelosamente em torno. Sol Steinburg surgiu da sala que dava para a loja com a face enfeitada de sorrisos e a esfregar as mãos. Avistou Mason e disse:

— Alô, alô, alô. Que deseja? Outra vez aqui, depois os seus olhos descansaram em Locke.

Raramente há um oriental que não tenha instintos dramáticos e seja desprovido da capacidade de aparentar emoções. O rosto de Sol Steinburg mostrou toda uma gama de expressões. O sorriso deu lugar a uma expressão de sobressalto. A expressão de sobressalto deu lugar a outra de firme resolução. O gorducho levantou um dedo trêmulo, apontou diretamente para Locke e disse:

— É este o homem. A voz de Mason foi incisiva.

— Espere um momento, Sol. Precisamos de ter certeza disso. O gorducho confirmou.

— Não estou certo? Eu não tenho certeza? Não poderei talvez dizer que um homem seja um homem? Não o vi antes, nem é o mesmo? Perguntou-me se era capaz de reconhecê-lo com estes olhos, e eu lhe disse que sim. Pois agora vejo o homem com estes mesmos olhos e torno a dizer que sim. É ele! É este o homem! Não pode haver maior certeza. É ele. É este o homem. Sei distinguir um rosto. Conheço esse nariz, e conheço a cor desses olhos! Frank Locke se voltou para a porta. Os seus lábios se repuxavam.

— Que espécie de trapalhada é esta? Que armadilha é esta! Isso não lhes adiantará nada. Terão o troco, meus caros!

— Fique e veja, disse Mason, e se voltou para o gorducho.

— Sol, disse ele, — Você tem uma certeza tão absoluta que seja capaz de ir para o banco das testemunhas e afirmar o que diz seja qual for o interrogatório que sofrer? Sol espalmou

expressivamente as mãos.

— Como poderia ter maior certeza? Ponha-me no banco das testemunhas. Traga-me uma dúzia de advogados! Eu direi sempre a mesma coisa!

— Nunca vi este homem na minha vida, disse Frank Locke. O riso de Sol Steinburg foi uma obra-prima de alegria sarcástica. Pequenas gotas de suor apareciam na testa de Locke.

— Que ideia é essa? Exclamou ele. — Que trapalhada é esta? Mason balançou gravemente a cabeça.

— É apenas parte do meu caso, respondeu ele. — Isso explica o resto.

— Explica o quê?

— O fato de que foi você quem comprou a arma, disse Mason em voz baixa.

— Você está doido! Gritou Locke. — Nunca na minha vida comprei uma arma nesta casa. Nunca estive aqui. Nunca vi esta loja. Não uso revólver! Mason se dirigiu a Steinburg:

— Dê-me o seu registro de armas, Sol. Depois, se retire. Preciso conversar com este senhor.

Steinburg lhe entregou o livro e saiu para a sala do fundo. Mason abriu o registro no lugar onde estava anotada a pistola Colt automática, calibre 32. Colocou a mão sobre a linha, de sorte que o número da arma ficava parcialmente oculto. Com o indicador, apontou para as palavras “Colt Automática, 32”. Depois correu o dedo para o nome escrito à margem.

— Negará que escreveu isto aqui? Perguntou ele. Locke dava a impressão de quem desejava ir embora mas era contudo detido por uma viva curiosidade. Inclinou-se para o livro.

— Sim, com toda a certeza nego que tenha escrito isso. Nunca estive nesta baiuca. Nunca vi aquele homem. Nunca comprei um revólver aqui, e essa não é a minha assinatura.

— Eu sei que não é a sua assinatura, Locke, disse Mason pacientemente. — Mas pode dizer que essa não é a sua letra? É melhor ter cuidado porque a diferença será muito grande.

— Claro que não escrevi, que não é a minha letra. Que bicho lhe mordeu?

— A polícia ainda não sabe, disse Mason, — Mas foi esta arma que ontem à noite matou George Belter. Locke recuou como se tivesse recebido um golpe. Os seus olhos cor de chocolate com leite ficaram enormes e sobressaltados. O suor da fronte se tornou bem visível.

— Então era esta indecência que você estava armando?

— Vamos, espere um pouco, Locke, aconselhou Mason. — Não perca a cabeça. Eu poderia ter levado o assunto à polícia, mas não levei. Faço as coisas a meu modo. Quero lhe oferecer uma oportunidade.

— Será preciso muito mais gente do que você e esse gorducho para me armarem uma dessas, retrucou Locke. — Só por isto, vou abrir as baterias! A voz de Mason permaneceu calma e paciente.

— Bem, vamos a qualquer ponto onde possamos conversar um pouco. Quero falar onde não haja testemunhas.

— Você me arrastou para uma armadilha. Foi o que arranjei em andar consigo. Agora pode ir para o inferno!

— Trouxe-o aqui para que Sol pudesse olhar bem para si. Isso é tudo. Ele me disse que reconheceria o homem se tornasse a vê-lo. Queria ter certeza. Locke se dirigiu para a porta.

— Que linda trapalhada, disse ele. — Se você fosse à polícia com uma história dessas, eles me colocariam numa fileira de homens, e veriam se esse espantalho seria ou não capaz de me identificar. Mas você não fez isso. Trouxe-me aqui. Como posso saber que você não passou uns cobres a esse tipo? Mason riu.

— Se quiser ir à polícia e entrar numa fila de homens, levo-o lá. E acho que Sol será capaz de identificá-lo.

— Sem dúvida. Agora que você já me apontou...

— Bem, esta lengalenga não nos leva a parte alguma. Vamos embora.

Tomou o braço de Locke e se dirigiu para a rua. Frank Locke se voltou violentamente para o advogado e disse:

— Não quero mais nada consigo. Não direi mais uma palavra. Volto para o meu escritório e você pode ir para o inferno!

— Isso não seria proceder com juízo, Locke, disse Mason, lhe segurando o braço. — Você compreende, eu encontrei um motivo para o crime, oportunidade para ele e tudo o mais.

— Sim? Que motivo? Estou interessado nisso.

— Você desviou fundos da Conta das Despesas Extraordinárias, disse Mason. — E tinha medo de ser descoberto. Não se atreveu a enfrentar Belter porque ele sabia de toda aquela história de Savannah. Podia mandá-lo de novo para a cadeia por crime de assassinato. Então, você foi a casa dele, discutiu com ele e matou-o.

Locke tinha os olhos fixos em Mason. Deixara de caminhar, estava imóvel, pálido, com os lábios tremendo. Um golpe no estômago não o teria deixado em pior estado. Mason falou com requintada despreocupação:

— Eu quero ser justo, Locke. E acho que o homem da loja diz a verdade. Se for uma coisa arranjada, ninguém poderá condená-lo. É preciso provar que um homem é culpado e não haver uma dúvida razoável. O júri será obrigado a absolvê-lo. Locke achou voz para perguntar:

— Como você se meteu nisto?

— Sou advogado de Eva Belter e nada mais, respondeu Mason encolhendo os ombros. Locke procurou aparentar desdém, mas não se saiu muito bem.

— Então ela também está metida nisto? Estão os dois de acordo.

— Ela é minha cliente, se é a isso que você se refere.

— Não é, não! Mason falou em voz ríspida.

— Seria melhor que você calasse a boca, Locke. Está chamando a atenção. Há gente que já olha para si. Locke se dominou com um esforço.

— Ouça, disse ele, não sei qual é o seu jogo, mas vou estragá-lo agora mesmo. Tenho um álibi que é absoluto. Posso provar onde estava ontem à noite, à hora do crime. E para lhe mostrar onde você se meteu, vou lhe apresentar esse álibi que é indestrutível. Mason encolheu os ombros.

— Muito bem. Apresente. Locke olhou para os lados.

— Vamos apanhar um táxi. Um carro atendeu o sinal de Locke e parou. — Hotel Wheelright, disse Locke, se deixando cair no assento. Limpou a testa com o lenço, acendeu um cigarro com mão trêmula e se voltou para Mason. — Olhe, você é um homem do mundo. Vou levá-lo ao quarto de uma jovem. Não quero que o nome dela apareça nisto. Não sei qual é o seu jogo, mas quero lhe mostrar como não tem a menor oportunidade de armar essa trapalhada.

— Você sabe que não precisa de provar que é uma armadilha, Locke. Tudo o que tem a fazer é levantar uma dúvida razoável. Se conseguir tal coisa, então nenhum júri do mundo poderá condená-lo. Locke atirou fora o cigarro.

— Pelo amor de Deus, pare com essa história! Sei o que você quer fazer e você também sabe. Você procura me assustar, quebrar a minha resistência. Qual é a vantagem de andar com rodeios? Quer preparar alguma coisa contra mim, e eu não estou disposto a aturá-lo.

— E porque fica tão nervoso, se chama a isto armadilha?

— Porque receio certas coisas que poderão aparecer.

— Refere-se ao que se passou em Savannah?

Locke deixou escapar uma praga e voltou a cabeça para o lado, de maneira que Mason não lhe pôde ver o rosto. Mason se recostou, aparentemente absorvido nos transeuntes, nas fachadas dos edifícios e nas vitrinas. Locke começou a dizer alguma coisa, mas mudou de ideia e tornou a mergulhar no silêncio. Os seus olhos cor de chocolate mostravam uma grande preocupação. O rosto continuava sem cor. Estava branco e pastoso. O táxi parou diante do Hotel Wheelright. Locke saiu do automóvel e, com um gesto, indicou Mason ao motorista. Mason balançou a cabeça.

— Não, Locke. Esta é à sua parte. Foi você quem chamou o táxi.

Locke tirou uma nota do bolso, deu-a ao motorista, se voltou e entrou no hotel, se dirigindo ao elevador. Mason seguiu-o. Quando o elevador parou, saiu e se dirigiu diretamente para o quarto de Esther Linten, sem cuidar se Mason vinha atrás dele. Bateu à porta.

— Sou eu, querida, disse ele.

Esther Linten abriu a porta. Vestia um quimono suficientemente aberto na frente para revelar algumas particularidades que as senhoras costumam cobrir com pudor. Quando a jovem avistou Mason, se aconchegou bruscamente no quimono, e deu um passo atrás.

— Que é isto, Frank? Perguntou ela. Locke passou diante dela, dizendo:

— Não posso explicar as coisas, minha querida, mas desejo que diga a este sujeito onde eu estava ontem à noite. Ela abaixou os olhos, perguntando:

— Que quer dizer, Frank? Locke retrucou violentamente:

— Nada disso. Deixemo-nos de coisas. Sabe o que eu quero dizer. Continua. Isto é uma complicação e precisa falar francamente. Esther Linten olhou para Locke com os olhos piscos.

— Dizer tudo?

— Tudo, respondeu Locke. — Ele não faz parte da Liga contra o Vício. É apenas um brincalhão que se julga capaz de me armar uma ratoeira, e levar as coisas mais longe. A jovem falou em voz baixa:

— Saímos e depois voltamos.

— E depois? Insistiu Locke.

— Despi-me, murmurou ela.

— Adiante, continuou Locke. — Fale. Conte tudo. Fale que é para ele ouvir.

— Fui me deitar, disse ela lentamente — E bebi uns uísques.

— A que horas? Perguntou Mason.

— Aí pelas onze e meia, acho eu. Locke não tirava os olhos dela.

— E depois disso? Perguntou ele. Ela fez um gesto com a cabeça:

— Acordei esta manhã com muitas dores de cabeça, Frank. Sei que você estava aqui quando

peguei no sono. Mas não sei a que horas foi embora. Assim que me deitei adormeci. Locke recuou para um canto, numa atitude de quem esperasse um ataque físico por parte de ambos e se preparasse para a defesa.

— Mentirosa... Mason interrompeu-o:

— Isso não é maneira de falar com uma senhora. Locke estava furioso.

— Você não vê que ela não é uma senhora, seu imbecil? Esther Linten enfrentou-o com raiva:

— Isso não adianta nada, Frank. Se não queria que eu dissesse a verdade, porque não me avisou que queria um alibi? Se quisesse que eu mentisse, porque não me disse? Eu teria dito tudo quanto quisesse. Mas me pediu para dizer a verdade e eu não fiz outra coisa. Locke tornou a praguejar.

— Bem, disse o advogado, é evidente que esta jovem está se vestindo... Não queremos detê-la. Eu tenho pressa, Locke. Quer descer comigo ou vai ficar aqui?

— Vou ficar aqui com ela, respondeu Locke num tom ameaçador.

— Muito bem. Telefone daqui.

Mason foi ao telefone e pediu uma ligação para a polícia. Locke olhava-o com uma expressão de rato encurralado. Pouco depois Mason pedia:

— Por obséquio, quero falar com Sidney Drumm, da Seção Criminal.

— Por amor de Deus, desligue esse telefone! Gritou Locke com voz trêmula. Mason se voltou para ele com um ar de ligeira curiosidade. — Desligue! Berrou Locke. — Você está com a faca na mão. Armou uma armadilha e eu não posso escapar. Não que ela não seja grosseira, mas eu não posso permitir que você revele o motivo. Isso é que dá cabo de mim. Se mencionasse o motivo, nenhum júri do mundo quereria ouvir outra coisa. Mason colocou o fone no lugar, e se voltou para Locke.

— Isso é que é falar direito. Então?

— O que você quer? Perguntou Locke.

— Você sabe. Locke estendeu os braços num gesto de quem está vencido.

— Muito bem, disse ele. — Está entendido. Alguma coisa mais? Mason fez um sinal negativo.

— Agora, não. Será bom lembrar que Eva Belter é a proprietária do jornal agora. Pessoalmente, acho que seria um bom plano consultá-la antes de publicar qualquer coisa que não seja do seu agrado. O jornal sai de duas em duas semanas, não é?

— Sim, a nossa próxima edição é na quinta-feira.

— Muita coisa pode acontecer de hoje até quinta-feira, Locke. Locke nada disse. Mason se voltou para a jovem. — Lamento que a tenhamos perturbado, minha senhora, disse ele.

— Não tem importância. Se esse idiota queria que eu mentisse, porque não me avisou? Qual a ideia dele em pedir que eu contasse a verdade?

— Você mentiu, Esther, gritou Locke. — Sabe muito bem que não adormeceu logo. Ela encolheu os ombros.

— Talvez não tenha adormecido, mas não consigo me lembrar de nada. Muitas vezes, quando bebo, não me lembro de coisa alguma da noite anterior.

— Será melhor que perca esse hábito. Isso pode ser fatal, disse Locke significativamente.

— Parece que está muito habituado a ter amigas às quais acontecem coisas fatais! Ele empalideceu.

— Cale a boca, Esther. Não compreendeu as coisas?

— Cale a boca, você! Eu não sou criança para me falar assim.

— Bem, bem, interpôs Mason, — Tudo está resolvido. Vamos, Locke. Acho melhor você

descer comigo. Tenho mais alguma coisa para lhe dizer.

Locke foi até à porta, parou, olhou para Esther Linten com uma expressão malévola, e depois saiu para o corredor. Mason acompanhou-o e, sem ao menos olhar para a jovem, fechou a porta. Tomou o braço de Locke e levou-o para o elevador.

— Só quero que saiba, disse Locke, — Que essa sua armadilha é tão grosseira que nem ao menos é engraçada. A história da Geórgia é que me preocupou. Não quero que mais ninguém saiba. Acho que tem uma ideia errada a respeito dela, mas é alguma coisa que representa um capítulo encerrado da minha vida. Mason sorriu.

— Oh! Não, Locke, não é. O homicídio não prescreve, bem sabe, e podem levá-lo a um novo julgamento. Locke se desvencilhou do braço de Mason. Os seus lábios se repuxavam, os olhos estavam cheios de pânico.

— Posso me sair bem se me julgarem outra vez em Savannah. Mas se você estabelecer ligação com outro caso de homicídio aqui, darão cabo de mim, e não será você quem ignore tal coisa. Mason encolheu os ombros.

— A propósito, Locke, me parece que você desviou fundos do jornal para manter isso, e apontou com o polegar para o quarto de onde acabavam de sair.

— Creia ou não creia nisso, nesse ponto você não pode fazer coisa alguma. Ninguém no mundo sabe do meu entendimento com George Belter, a não ser ele mesmo. O acordo não foi feito por escrito. Era apenas um entendimento entre nós.

— Tenha cuidado com o que diz, Locke, advertiu Mason — E lembre que Mrs. Belter é agora a dona do jornal. É melhor ter um entendimento com ela antes de gastar mais dinheiro. As suas contas terão que ser expostas no tribunal, sabe-o bem. Locke praguejou em voz baixa.

— Ah! Então é assim?

— Exatamente. Despeço-me de si quando sairmos do hotel, Locke. Não volte nem vá bater nessa mulher porque qualquer coisa que ela possa dizer não fará nenhuma diferença. Não sei se Sol Steinburg está certo em identificá-lo como sendo o homem que comprou a pistola. Mas, mesmo que ele não esteja, tudo que temos a fazer é avisar as autoridades da Geórgia, e você terá que voltar para outro julgamento. Talvez possa ser absolvido e talvez não possa, mas aqui, você é carta fora do baralho.

— Ouça, está fazendo um diabo de um jogo que eu não entendo, disse Locke, curiosamente. — Eu gostaria de saber de que se trata. Mason olhou inocentemente para ele.

— Ora, nada disso, Locke. Represento apenas uma cliente, e ando por aí, para ver se descubro alguma coisa. Uns detetives que trabalharam para mim seguiram a pista do número da arma. Acho que descobrimos a coisa um pouco antes da polícia porque eles tratam do assunto como rotina. Eu entrei como livre atirador. Locke riu.

— Deixe de coisas, vá contar isso a outra parte. Não me engana com essa inocência. Mason soergueu os ombros.

— Bem, Locke, lamento tudo isto. Posso procurá-lo mais tarde. Enquanto isso, terei o maior cuidado em não mencionar nada a respeito do negócio de Mr. Belter, ou a respeito de mim mesmo, o que também serve para qualquer coisa que se relacione com o caso de Beechwood In ou de Harrison Burke. Você pode me imitar.

— Que diabo, você não precisa insistir. Não quero mais saber desse assunto para o resto da vida. Sei quando posso espernear e quando não posso. Que vai fazer a respeito daquilo da Geórgia? Nada?

— Não sou detetive nem polícia. Sou apenas um advogado. Represento Mrs. Eva Belter. É só isso. O elevador chegou ao andar térreo. Mason atravessou o salão, saiu à rua e chamou um táxi. — Adeus, Locke. Mais tarde nos veremos.

Quando o automóvel se afastou, Locke ficou à porta, apoiado à parede. Tinha o rosto pálido e os lábios contraídos num sorriso gelado.

* * *

Quinze

PERRY MASON estava no seu quarto do hotel. As olheiras, a cor do rosto revelavam fadiga. Mas os olhos, firmes, na sua calma concentração, lhe dominavam o rosto. A luz da manhã entrava pelas janelas. A cama estava cheia de jornais. Os cabeçalhos anunciavam o assassinato de Belter, cujos diversos aspectos, suspeitados pelos repórteres hábeis, procuravam fazer da notícia um caso sensacional. O Examiner trazia uns títulos que monopolizavam a primeira página.

UM ASSASSINATO REVELA UM CASO DE AMOR

Depois os subtítulos:

O sobrinho da vítima era noivo da filha da governanta.

Romance secreto desvendado pela polícia.

Um testamento contestado. A viúva deserdada afirma que há falsificação.

A polícia na pista do revólver do homem desaparecido.

Uma observação da viúva determina a procura de um advogado.

Estes subtítulos encabeçavam várias notícias da primeira página. Numa página interna havia instantâneos de Eva Belter, sentada, de pernas cruzadas, com um lenço nos olhos. O título dizia:

A viúva chora enquanto a polícia a interroga.

Lendo os jornais, Mason manteve-se ao par da situação. Soube que a polícia, seguindo a pista do revólver, fora até Peter Mitchell, que tinha desaparecido misteriosamente logo após o crime, mas dispunha de um perfeito álibi quanto à hora do assassinato. A polícia julgava que Mitchell encobrisse alguém a quem tivesse dado o revólver. Nenhum nome era mencionado, mas Mason pôde verificar que a polícia se aproximava de Harrison Burke. Leu também, com interesse cada vez maior, o que diziam a respeito de uma observação casual de Eva Belter que levava a polícia a se pôr no encalço de um advogado que a tinha representado, e desaparecera misteriosamente do seu escritório. A polícia tinha confiança em que o mistério estaria resolvido dentro de mais quarenta e oito horas, prazo em que o autor do tiro deveria estar atrás das grades.

Alguém batia à porta. Perry Mason largou o jornal, inclinou a cabeça para um lado e escutou. Tornaram a bater. Mason encolheu os ombros, caminhou até à porta, deu a volta à chave e abriu. Della Street se achava no corredor. Entrou no quarto e fechou a porta.

— Eu disse que não se arriscasse, observou Mason.

A jovem olhou em redor e, depois, para Mason. Os seus olhos estavam ligeiramente raiados de sangue e orlados por olheiras pronunciadas. Tinha o rosto sobressaltado.

— Pouco me importa, disse ela. — Não houve nada. Consegui fugir. Há uma hora que ando brincando de esconde-esconde.

— Você nunca pode ter certeza com essa gente Della. São muito espertos. Às vezes deixam-na pensar que não está sendo seguida só para descobrirem onde esteve.

— Mas não descobriram coisa alguma desta vez, disse ela numa voz algo nervosa. — Afirmo que eles não sabem onde estou. Mason notou o nervosismo em sua voz.

— Bem, felizmente está aqui. Eu estava pensando em que me poderia ajudar a resolver umas coisas.

— Que coisas?

— Coisas que vão aparecendo. A jovem indicou os jornais que estavam sobre a cama.

— Disse-lhe que ia metê-lo em confusões. Ela esteve no escritório e assinou os papéis. Havia lá uma dúzia de repórteres e saíram todos atrás dela. Depois, os detetives levaram-na à Central para novo interrogatório. Pode ver o que ela fez. Mason assentiu com um gesto.

— Está bem. Não fique nervosa, Della.

— Nervosa? Sabe o que ela fez? Declarou que tinha reconhecido a sua voz. Declarou que você era o homem que estava na sala com Belter quando foi dado o tiro. E depois veio com um desmaio, com choros e coisas desse gênero.

— Está bem, Della, tranquilizou ele. — Eu já sabia que ela ia fazer isso. Dela olhou-o espantada.

— O senhor sabia? Pensei que fosse eu a única pessoa a saber de semelhante coisa.

— Sabíamos-lo ambos, Della.

— Ela é um monstro, uma mentirosa! Mason encolheu os ombros e foi até ao telefone e ligou para a agência Drake.

— Escute, Paul, disse ele, — Tente não ser seguido e dê um pulo até o quarto 518 do Hotel Ripley. Pode trazer uns dois blocos de estenografia e meia dúzia de lápis. Virá?

— Imediatamente? Perguntou o detetive.

— Sim, imediatamente. São oito e quarenta e cinco, e espero uma festa para as nove. Mason desligou o telefone. Della Street se mostrou curiosa.

— Quais as novidades?

— Espero Eva Belter aqui, às nove horas, respondeu ele com brevidade.

— Eu não quero estar aqui quando essa mulher chegar, disse Della Street. — Enganou-o desde o começo. Queria esganá-la. Ela é uma ratazana de sarjeta. Mason lhe pôs a mão num ombro.

— Sente-se e se mantenha calma. Della. Isto vai ficar em pratos limpos.

Ouviu-se uma pancada na porta. Torceu-se a maçaneta, a porta se abriu e Eva Belter entrou. A recém-chegada, olhando para Della Street, exclamou:

— Oh! Estão ambos aqui .

— Segundo parece, disse Mason, — Deu com a língua nos dentes. E indicou com um gesto os jornais que estivera lendo. Ela se dirigiu para ele, ignorando a outra mulher, lhe pôs as mãos nos ombros, e olhou-o nos olhos.

— Perry, nunca me senti tão abatida na minha vida. Não sei como disse aquilo. Levaram-me à

Central da polícia e me berraram perguntas aos ouvidos. Todos gritavam. Nunca vi coisa parecida. Eu nem sonhava que existisse semelhante coisa. Procurei protegê-lo mas não pude. Deixei escapar uma observação, e assim que isso aconteceu, todos caíram em cima de mim. Fizeram-me ameaças e disseram que eu ficaria detida para novos depoimentos.

— Que foi que disse? Ela fixou o advogado, caminhou depois para a cama, se sentou, tirou o lenço da bolsa e começou a chorar. Della Street deu dois passos rápidos na sua direção, mas Perry Mason apanhou-a pelo braço e empurrou-a para trás. — Isto é comigo, disse ele. Eva Belter continuou a soluçar. — Adiante, disse Mason. — Que foi que você disse à polícia? Ela sacudiu a cabeça. — Essa história de choro não adianta de nada. Já basta de cenas. Estamos numa trapalhada e é melhor que você me diga o que declarou.

— Eu... Disse que... Tinha... Ouvido... A sua... Voz, soluçou ela.

— Disse que era a minha voz? Ou uma voz parecida com a minha?

— Eu disse tudo. Disse que era a sua voz.

— Mas você sabia muitíssimo bem que não era, observou ele num tom áspero.

— Eu não pretendia dizer, gemeu ela, mas era a verdade. Era a sua voz.

— Muito bem. Por enquanto aceitaremos isso.

Della Street começou a dizer alguma coisa, mas parou quando Mason se voltou para ela e a imobilizou com um olhar. Fez-se silêncio no quarto, um silêncio quebrado apenas pelos ruídos vagos da rua e pelos soluços da mulher. Depois de alguns instantes a porta se abriu e Paul Drake entrou.

— Como estão todos? Disse ele alegremente. — Foi depressa, não? Foi o diabo. Havia alguém que parecia ter um ligeiro interesse em saber para onde eu me dirigia, ou o que fazia.

— Não viu alguém rondando a frente do edifício? Perguntou Mason. — Não estou bem certo de que não tenham seguido Della.

— Não notei. Mason fez um gesto na direção da mulher que estava sentada na cama, de pernas cruzadas, e disse:

— Essa é Eva Belter. Drake soltou um risinho e olhou para as pernas dela.

— Já sei. Vi as fotografias nos jornais. Eva Belter afastou o lenço dos olhos e olhou para Drake. Sorriu atraentemente. Della Street aproveitou a oportunidade:

— Até as suas lágrimas não eram verdadeiras! Eva Belter se voltou e encarou a secretária. Os seus olhos azuis tinham ficado subitamente ásperos. Perry Mason se virou para Della:

— Ouça, Della. Esta função é por minha conta. Dirigiu-se depois a Paul Drake: — Trouxe os blocos e lápis, Paul? O detetive fez um sinal afirmativo. Mason recebeu os objetos e passou-os a Della Street.

— Pode anotar tudo o que for dito aqui, Della?

— Posso experimentar, disse ela numa voz abafada.

— Muito bem. Trate de escrever o que ela disser, e moveu o polegar na direção de Eva Belter. Eva Belter olhou de um para outro.

— Que é isso? Perguntou ela. — Que vai fazer?

— Vou consertar isto!

— Quer que eu fique aqui? Perguntou Drake.

— Quero, sim. A partir de agora é uma testemunha.

— Você me põe nervosa, disse Eva Belter. — Foi assim que fizeram ontem à noite. Puseram-me no gabinete do Promotor do Distrito e, ao redor, havia gente com papel e lápis. Fico nervosa quando

veja tomarem nota do que digo. Mason sorriu.

— Sim, não poderia ser de outra forma. Perguntaram-lhe alguma coisa a respeito da arma? Eva Belter abriu muito os olhos azuis e compôs o olhar de inocência que a fazia parecer tão jovem e desamparada.

— Que quer dizer? Perguntou ela.

— Você bem sabe, insistiu Mason. — Perguntaram-lhe alguma coisa sobre a maneira como o revólver foi parar às suas mãos?

— Às minhas mãos?

— Sim, comentou Mason. — Recebeu-o de Harrison Burke, e foi por esse motivo que você lhe telefonou... Para lhe dizer que era essa a arma que tinha sido empregada no assassinato. O lápis de Della Street deslizava rapidamente no papel.

— Eu não sei absolutamente nada do que você está dizendo, disse Eva Belter com dignidade.

— Oh! Sabe, sim. Você telefonou para Burke, dizendo que houvera um acidente ou coisa parecida, e que o revólver dele figurava no caso. Burke recebera a arma de um amigo chamado Mitchell, de sorte que foi direito a casa desse amigo. E os dois sumiram da cidade.

— Mas! Exclamou ela. — Eu não soube de nada disso!

— Essa atitude não lhe adiantará coisa alguma, Eva, disse Mason, — Porque eu me encontrei com Harrison Burke e tenho uma declaração assinada por ele. Eva Belter se empertigou. Parecia tomada de súbita consternação.

— Você tem uma declaração assinada por ele?

— Tenho.

— Pensei que era a mim que você representava.

— Que mal há em representá-la e ter uma declaração de Burke?

— Nada. Acontece apenas que ele mente se diz que me deu um revólver. Nunca vi essa arma em toda a minha vida.

— Isso torna a coisa mais simples, comentou Mason.

— Como?

— Verá. Agora vamos retroceder e esclarecer mais um ou dois pontos. Quando você apanhou a sua bolsa, ela estava sobre a mesa do seu marido. Lembra-se?

— Sim, lembro! Tinha-a deixado ali algum tempo antes.

— Ótimo! E agora, aqui entre nós quatro, quem você pensa que estava no estúdio com o seu marido quando foi desfechado o tiro?

— Você, respondeu ela simplesmente.

— Isso é ótimo, disse Mason sem entusiasmo. — Ora o seu marido estava no banho pouco antes de ter sido desfechado o tiro. Pela primeira vez ela pareceu inquieta.

— Não sei de nada. Você é que esteve lá. Eu não estava.

— Sabe, sim, insistiu Mason. — Ele estava no banho, saiu e enfiou um roupão sem enxugar o corpo.

— Foi? Perguntou ela maquinalmente.

— Sabe que sim, conforme esclarece a prova. Então, como acha que eu entrei para conversar enquanto ele estava no banho?

— Ora, acho que o criado o introduziu, não seria? Mason sorriu.

— O criado não declara isso, ou declara?

— Bem, não sei. Tudo o que eu sei é que ouvi a sua voz.

— Você saíra com Burke, disse Mason lentamente, e depois voltou para casa. Não levou a bolsa

consgo quando vestia roupa de cerimônia, ou levou?

— Não, eu não a tinha comigo, disse ela e subitamente mordeu os lábios. Mason sorriu.

— Então como é que a bolsa foi parar à mesa do seu marido?

— Não sei.

— Lembra-se dos recibos que eu lhe dei pelos adiantamentos sobre os meus honorários?

Ela acenou afirmativamente. — Onde estão eles? Eva Belter encolheu os ombros.

— Não sei. Perdi-os.

— Isso esclarece tudo.

— Esclarece o quê? Perguntou ela.

— O fato de que você o matou. Não quer me dizer o que aconteceu, de sorte que quem vai dizê-lo sou eu mesmo. Você, Eva Belter, saíra com Burke. Voltou e Burke deixou-a à porta. Você subiu as escadas e o seu marido ouviu-a. Nesse momento estava ele no banheiro. Estava furioso. Saiu do banho, enfiou o roupão, e chamou-a aos aposentos dele. Você foi e ele lhe mostrou os dois recibos que tinha encontrado na sua bolsa enquanto estivera ausente. Os recibos tinham o meu nome. Eu estivera lá e dissera qual o assunto que eu não queria que aparecesse no Spicy Bits. Ele juntou uma coisa com a outra, e imediatamente soube quem era a pessoa que eu representava.

— Ora... Não sei nada disso! Exclamou ela.

— Sabe, sim senhora! Você viu que aquilo era definitivo e deu o tiro. Ele caiu, e você saiu da sala, mas não deixou de preparar outra coisa. Deixou cair o revólver, sabendo que a polícia podia lhe seguir a pista e encontrar Harrison Burke, lhe sendo impossível ir mais adiante. Você queria arrastar Harrison Burke para o caso a fim de que ele a ajudasse a sair dele. E queria me arrastar pela mesma razão. Desceu as escadas e telefonou para Harrison Burke, dizendo que tinha acontecido uma coisa e que o revólver dele seria encontrado, de sorte que ele devia se esconder provisoriamente, tendo como única esperança de se salvar, a obrigação de me mandar dinheiro a fim de que eu continuasse com o caso. Então me telefonou e fez com que eu fosse lá. Disse-me que reconhecera a minha voz como sendo a do homem que estava na sala com o seu marido porque queria o meu auxílio, e também porque queria deixar a coisa em tal ponto que eu não pudesse apresentar um álibi se você tivesse que recorrer à história de ter ouvido a minha voz. Calculou que se pudesse me arrastar e a Harrison Burke para a complicação, nós haveríamos de safá-la procurando nos safar. Calculou que eu começaria a trabalhar e de qualquer maneira esclareceria o assunto, apoiado no dinheiro de Burke, e impelido pela circunstância de que eu estava enredado na história. Você também calculou que podia fingir ignorar o quanto eu estava à sua mercê, pois se dissesse que tinha reconhecido a minha voz como sendo a do homem que discutira com o seu marido, eu automaticamente me tornava suspeito, e mais do que suspeito. Também calculou que, se ficasse em situação tal que a polícia comesse a apertar o interrogatório, seria fácil atirar toda a responsabilidade para cima de mim, e deixar que o assunto fosse decidido entre mim e Burke. Eva Belter fitava-o, agora, pálida e com os olhos escuros de medo.

— Não tem o direito de falar dessa maneira, disse ela.

— No inferno é que não tenho! Tenho provas!

— Que provas? Mason riu com rispidez.

— O que pensa que eu fazia ontem à noite enquanto estava sendo interrogada? Comuniquei-me com Harrison Burke, e nós dois procuramos a governanta. A governanta queria protegê-la, mas ela sabe que você voltou com Burke e que o seu marido a chamou. Ela sabe que ele a procurou mais cedo, que tinha a sua bolsa, e que havia encontrado os dois recibos nela. Quando você pediu que os

recibos não mencionassem o nome do pagador, pensou que tudo ficava bem. Mas se esqueceu de que o meu nome figurava neles, e assim que o seu marido descobrisse qual o caso em que eu trabalhava e encontrasse os recibos na sua bolsa, saberia que você era a mulher implicada no caso. O rosto de Eva Belter estava congestionado.

— Você é meu advogado, disse ela. — Não pode empregar todas as coisas que eu lhe disse para armar uma acusação contra mim. Tem de ser leal aos meus interesses. Mason riu amargamente.

— Suponho que devo ficar quietinho e deixar que você me arraste para o homicídio a fim de que possa sair dele, não é?

— Eu não disse tal coisa. Quero apenas que seja leal para comigo.

— Você é a última pessoa que pode falar em lealdade. Ela procurou se defender de outra maneira, dizendo:

— Tudo isto é um emaranhado de mentiras, e não pode provar coisa alguma do que diz. Perry Mason apanhou o chapéu.

— Talvez eu não possa provar, mas você passou a noite fazendo declarações mentirosas ao Promotor do Distrito. Agora quem vai fazer declarações sou eu. Quando eu terminar, eles terão uma ideia bem nítida dos verdadeiros fatos deste caso. Com o seu telefonema para Harrison Burke a respeito da arma, com o motivo que você tinha para impedir que o seu marido descobrisse a sua ligação com Burke a polícia já terá com o que se ocupar.

— Mas eu não ganhei coisa alguma com a morte dele.

— Isso é outra mentira, disse Mason friamente. — É exatamente como tudo o mais que fez. Você consegue pespegar mentiras com cara de inocente mas não consegue aproveitar essas mentiras. A falsidade do testamento foi um bom trabalho.

— Que quer dizer?

— Exatamente o que ouviu, retrucou Mason. — O seu marido lhe disse que estava deserdada, ou então encontrou o testamento no cofre. De qualquer maneira conhecia os termos do testamento, e sabia onde ele era guardado. Procurou algum meio de se aproximar desse testamento. Sabia que se o destruísse, isso não lhe daria nenhuma vantagem porque Carl Griffin e Arthur Atwood, o advogado dele, tinham visto o documento, mostrado pelo seu marido. Se o testamento não aparecesse, as suspeitas recairiam sobre si. Mas você imaginou que se pudesse levar Carl Griffin a disputar sobre o testamento, e depois provar que era falso, Carl Griffin ficaria numa posição duvidosa. Então você se adiantou e forjou o testamento que seu marido tinha escrito, fazendo a falsificação mais grosseira possível para ser facilmente apontada, mas copiou o testamento palavra por palavra. Depois colocou o seu testamento falsificado onde pudesse lançar mão dele quando fosse necessário. Enquanto eu estava na sala arrastado por si, e examinava o corpo, você fingiu estar assoberbada pela emoção. Não queria chegar perto do cadáver. Mas enquanto eu me ocupava com ele, apanhou o testamento original e destruiu-o, substituindo-o pela cópia falsa. Naturalmente, Griffin e o seu advogado caíram na ratoeira e afirmaram que o testamento era o testamento original de George Belter, porque ambos conheciam os termos do documento legítimo. Aliás, a falsificação é tão grosseira que eles nem ao menos podem arranjar um grafólogo para declarar que o testamento é verdadeiro. Eles percebem agora a posição em que se encontram, mas já deram os passos necessários para provar que o testamento é legítimo. Não podem voltar atrás. A coisa foi bem feita, não há dúvida. Eva Belter se ergueu lentamente.

— Precisa apresentar provas do que afirma, disse ela, mas a sua voz era fraca e trêmula. Mason fez um gesto para Drake.

— Vá ao meu quarto contíguo, Drake, disse ele. — Mrs. Veitch se encontra lá. Traga-a aqui

para ela corroborar o que eu disse. O rosto de Paul Drake era uma perfeita máscara. Levantou-se e foi até à porta que dava para o quarto contíguo. Abriu-a.

— Mrs. Veitch, chamou ele. Houve um sussurro de movimento. Mrs. Veitch, alta, ossuda, vestida de negro, entrou no quarto, olhando para frente com os seus olhos baços.

— Bom dia, disse ela para Eva Belter. Perry Mason disse bruscamente:

— Um momento, Mrs. Veitch. Há ainda um ponto que eu desejo esclarecer antes que a senhora faça a sua declaração, Mrs. Belter. Queira voltar ao quarto por um instante. Mrs. Veitch, sem dizer palavra, voltou para o quarto de onde viera.

Paul Drake lançou para Mason um olhar de entendimento e fechou a porta. Eva Belter deu dois passos para a porta do corredor, e então, subitamente, caiu. Perry Mason segurou-a na queda. Drake se aproximou e segurou-a pelas pernas. Os dois conduziram-na para a cama e deitaram-na. Della Street largou o lápis, deixou escapar uma pequena exclamação e empurrou a cadeira para trás. Mason se voltou para ela quase violentamente:

— Fique aí! Escreva tudo que ela disser! Não perca uma palavra!

Foi até o lavatório, molhou uma toalha em água fria, e aplicou no rosto de Eva Belter. Depois, ajudado por Drake, lhe desapertou a parte superior do vestido e aplicou a toalha no peito. Ela respirou com dificuldade e voltou a si. Olhou para Mason e disse:

— Por favor, Perry, me ajude.

— Não posso ajudá-la enquanto proceder dessa maneira.

— Serei franca, honesta, Perry; me ajude, gemeu ela.

— Muito bem. Como foi a coisa?

— Exatamente como você disse. Somente eu não sabia que Mrs. Veitch estava a par de tudo. Ignorava que alguém tivesse ouvido George quando ele me chamou ou que tivesse ouvido o tiro.

— A que distância estava quando deu o tiro?

— No meio da sala, respondeu ela numa voz sem timbre. — Falando a pura verdade, eu não pretendia matá-lo. Atirei simplesmente por impulso. Eu tinha a arma comigo para me defender no caso de que me atacasse. Eu receava que ele quisesse me matar. Tinha um temperamento violento, e eu sabia que se descobrisse alguma coisa a respeito de Harrison Burke, faria alguma coisa terrível. Assim que vi que ele sabia, levei a mão ao revólver. Quando ele avançou para mim, dei um grito e atirei, acho que deixei cair o revólver ali mesmo. Naquele momento não tinha certeza. Falando a verdade, nunca me ocorreu a ideia de envolver Burke. Estava muito assustada para pensar em alguma coisa. Simplesmente saí correndo. Não sou tola, e sabia que a minha posição não ia ser boa, particularmente em vista da complicação, em que eu estava com Harrison Burke devido ao caso de homicídio no Beechwood In. Corria cegamente para a chuva e não tinha uma ideia clara do que estava fazendo. Lembro-me de ter apanhado um sobretudo. Mas o fato de não ter apanhado o meu casaco mostra o estado de agitação em que me encontrava. Estava ali, mas peguei no sobretudo que Carl Griffin usa às vezes. Atirei-o às costas e saí correndo. Pouco depois, recuperei a calma e resolvi que seria melhor lhe telefonar. Eu ainda não sabia se ele estava morto ou não. Mas sabia que, para enfrentá-lo novamente, no caso de que ele tivesse escapado, eu queria estar ao seu lado. Ele não correu atrás de mim, de sorte que receava tê-lo matado. Verdadeiramente, não houve premeditação. Foi apenas um impulso. Ele tinha encontrado a minha bolsa e revistado tudo o que ela continha. Isso

era um hábito dele, sempre à procura de cartas. Eu não era tola para deixar cartas na bolsa, mas tinha deixado os recibos, e ele juntou uma coisa à outra. Estava tomando banho quando entrei. Pulou da banheira, enfiou o roupão e começou a gritar por mim. Subi as escadas e encontrei-o com os recibos. Acusou-me de ser a mulher que estava na companhia de Harrison Burke, e depois me acusou de uma porção de coisas, e disse que ia me jogar na rua sem um tostão. Fiquei fora de mim, peguei no revólver e atirei. Depois descí até à drogaria, e, quando ia lhe telefonar, me lembrei de que precisava de alguém que me apoiasse. Eu não tinha dinheiro. Já lhe dissera isso. Meu marido ficava com todo o dinheiro e me dava apenas uma pequena importância de quando em quando. Eu sabia que o testamento estava feito a favor de Carl Griffin, e receava que não pudesse dispor de nenhum dinheiro enquanto se prolongasse a disputa pelo testamento. Sabia que Harrison Burke tinha medo de que o seu nome fosse envolvido no assunto, e que me deixaria sozinha. Precisava de dinheiro. Telefonei então para Harrison Burke e deliberadamente arrastei-o para o caso. Disse-lhe que ignorava quem fosse o criminoso mas sabia que o revólver dele, Burke, estava no chão. Era uma mentira que não servia para si, mas serviu muito bem para Burke. Harrison ficou desesperado. Disse-lhe que só havia uma coisa a fazer: se esconder e conseguir uma maneira de que a pista do revólver não chegasse até ele, mas fosse desviada para algum outro, no caso de semelhante coisa estar ao seu alcance. E enquanto isso, ele devia fazer com que você dispusesse de bastante dinheiro para ir para frente e endireitar o que pudesse. Depois telefonei para si e você veio. Enquanto eu o esperava, comecei a pensar e vi que seria muito melhor se pudesse deixá-lo numa posição em que fosse obrigado a me salvar a fim de se salvar, e, além disso, me fornecer uma certa explicação que pudesse dar à polícia no caso de que começassem a suspeitar de mim. Você tinha razão a esse respeito, continuou ela. — Eu sabia que eles não poderiam condená-lo porque era muito esperto e habilidoso. Você podia se safar, e eu previ que se a polícia se aproximasse muito de mim eu daria a informação que dei, a fim de que fossem atrás de si e me deixassem. Se voltassem a mim depois de você ter atraído a atenção deles, eu sabia que o caso seria fácil de vencer. Mason olhou para Paul Drake e balançou a cabeça.

— Linda cliente, não? Disse ele.

Bateram à porta. Mason olhou para os presentes. Depois, caminhando na ponta dos pés, foi até à porta e abriu-a. Sidney Dum se apresentou. Atrás dele, vinha outro homem.

— Olá, Perry, disse ele. — Que trabalhão para encontrá-lo. Seguimos Della Street até este hotel, mas perdemos um tempo enorme em descobrir qual era o nome que você tinha dado para o registro. Lamento importuná-lo, mas terá que dar um passeio comigo. O Promotor quer lhe fazer umas perguntas. Mason fez um sinal afirmativo, dizendo:

— Entre, meu caro. Eva Belter deixou escapar um grito.

— Perry, você precisa me proteger! Eu falei às claras. Precisa me dar o seu apoio. Perry olhou para ela, e depois se voltou bruscamente para Sidney Drumm.

— Aqui tem alguma coisa para si, Sidney, disse ele. — Você fará uma prisão. Esta mulher é Eva Belter, que acaba de confessar que matou o marido. Eva Belter deu um grito, se pôs de pé e começou a cambalear. Drumm olhou de um para o outro.

— É verdade, disse Paul Drake. Mason fez um gesto na direção de Della Street.

— Está tudo ali, disse ele — Em branco e preto. Temos testemunha, e taquígrafamos o depoimento dela. Sidney Drumm soltou um assobio.

— Meu Deus, Perry, isto é de valor para si! Iam acusá-lo do assassinato. A voz de Mason vibrava de violência:

— Não havia nenhuma probabilidade disso. Eu estava disposto a ajudá-la desde que ela procedesse corretamente. Mas quando li nos jornais que ela me arrastava para o caso, resolvi pôr tudo em pratos limpos. Paul Drake perguntou:

— Você sabe onde está Harrison Burke?

— Não! Eu nem saí deste quarto ontem à noite. Simplesmente fiquei aqui raciocinando. Consegui me comunicar com Mrs. Veitch e lhe dizer que nesta manhã Eva Belter estaria aqui e queria que ela também viesse a fim de corroborar uma declaração que a sua patroa ia fazer aos repórteres. Mandei um táxi buscar Mrs. Veitch e ela veio.

— E ela teria confirmado a sua afirmação? Perguntou Drake.

— Não sei. Acho que não. Eu nem falei com ela. Ela não queria conversa comigo. Acho que esconde alguma coisa. Simplesmente queria que você abrisse a porta e deixasse Eva Belter vê-la a fim de exercermos uma pequena pressão. Eva Belter, muitíssimo pálida, olhou para Mason.

— Bandido! Mentiroso! Apunhala pelas costas! Foi Sidney Drumm que deu à situação o seu último toque de ironia:

— Diabo! Disse ele. — Eva Belter foi a mulher que nos informou onde você estava, Perry. Disse que iria se encontrar consigo esta manhã e que nós podíamos esperar até que aparecesse mais alguém, pois assim afirmaríamos ter seguido essa pessoa. Queria que você pensasse que nós tínhamos seguido Della Street ou qualquer outra pessoa e não a ela. Mason não fez nenhum comentário. O seu rosto, subitamente, mostrou sinais de cansaço.

* * *

Dezesseis

PERRY MASON, no seu escritório, parecia muito cansado. Della Street, sentada diante da sua mesa, evitava os olhos do advogado.

— Pensei que você não gostasse dela, observou Mason. A secretária continuou sem encará-lo.

— Não gostava não, ela admitiu, mas lamento que tenha sido você quem fizesse aquela revelação. Ela procurou apoio em si. Você entregou-a à polícia.

— Não fiz nada disso. Simplesmente me recusei a ser o bode expiatório. Ela encolheu os ombros.

— Conheço-o há cinco anos. Durante esse tempo sempre foi procurado pelos clientes. Você não fez as causas e nem foi conseguir os clientes. Alguns deles não tiveram sorte. Outros se livraram das suas complicações. Mas enquanto você os representava, nunca abandonou nenhum.

— Que é isto? Perguntou ele. — Um sermão?

— Sim.

— Continue, então. Della Street fez um sinal negativo.

— Já terminei. Mason se levantou, se dirigiu para ela e lhe pôs a mão no ombro.

— Della, quero lhe pedir uma coisa.

— Que é?

— Tenha confiança em mim, disse ele com humildade. A secretária ergueu os olhos para o advogado.

— Refere-se a...? Ele acenou com a cabeça.

— Ela ainda não está condenada, e não estará antes que um júri a considere culpada de alguma coisa.

— Mas, observou Della Street, ela não vai quer mais nada consigo. Arranjará outro advogado, e além disso já confessou o crime. Como você vai destruir essa confissão? Ela repetiu a confissão à polícia e assinou-a.

— Não tenho que destruir a confissão. A condenação só pode ser pronunciada se não houver uma dúvida razoável. Se ocorrer ao júri uma dúvida razoável, não poderá haver condenação. Ainda posso livrá-la disto.

— Porque você não instruiu Drake para orientar a polícia no interrogatório dela? Respondeu a secretária. — Porque você declarou tudo?

— Porque ela teria mentido e escapado de qualquer interrogatório que a polícia pudesse fazer. Essa mulher é muito esperta. Ela queria que eu a ajudasse mas estava pronta e tinha elementos para me atirar às feras no momento em que ela corresse perigo.

— Por isso você a atirou às feras?

— Se quiser dizer assim... Admitiu Mason e retirou a mão do ombro da secretária. Della Street se levantou e se dirigiu para a porta.

— Carl Griffin está aí fora, disse ela. — Está acompanhado de Arthur Atwood, o advogado dele.
— Mande-os entrar, disse Mason, em voz abatida e sem animação. A jovem abriu a porta da sala fronteira e acenou para os dois homens.

O rosto de Carl Griffin mostrava traços da sua vida desregrada, mas a sua atitude era aprumada, suave e indicava um perfeito cavalheiro. Curvou-se diante da secretária por ter que passar à frente dela, e dando bons dias a Perry Mason, sorriu cortês e inexpressivamente. Arthur Atwood era homem que beirava dos cinquenta anos. O seu rosto precisava de sol. Tinha olhos brilhantes, mas inquietos. O crânio calvo, com um friso de cabelos que formavam uma espécie de halo de uma orelha à outra. Os lábios mostravam um sorriso perpétuo, profissional, que era inteiramente desprovido de significação. O rosto adquirira as marcas desse sorriso, o que se via nas fundas rugas que iam do nariz ao canto da boca e pés-de-galinha que se abriam em leque junto aos olhos. Era um homem difícil de julgar, exceto numa coisa: ser um adversário perigoso.

Perry Mason indicou cadeiras e Della Street fechou a porta. Carl Griffin iniciou a conversa dizendo:

— O senhor me perdoará, Mr. Mason, se eu demonstrei interpretar mal os seus motivos no início deste caso. Entendo que ao seu hábil trabalho de detetive cabe a maior parte do mérito em ter conseguido a confissão de Mrs. Belter. Arthur Atwood se interpôs afavelmente:

— Deixe-me expor o assunto, Carl. Carl sorriu suavemente e se curvou para o seu advogado. Arthur Atwood arrastou a sua cadeira para mais perto da mesa, se sentou e olhou para Perry Mason.

— Nós, como advogados, compreendemo-nos, creio eu.

— Não estou certo disso, respondeu Mason. Os lábios de Atwood se repuxaram no sorriso perpétuo, mas os seus olhos cintilantes não mostravam o menor traço de humorismo.

— O senhor é o advogado de Eva Belter no caso do testamento. Também o é no requerimento para os fins de administração especial. Simplificaria muitíssimo o assunto se o senhor abandonasse as duas solicitações... Sem prejuízo, naturalmente.

— Para quem simplificaria o assunto? Atwood estendeu a mão na direção do seu cliente.

— Para Mr. Griffin, naturalmente.

— Eu não represento Griffin, respondeu Mason. Os olhos de Atwood participaram do sorriso dos seus lábios.

— Isso é, sem dúvida, verdade no presente momento. Todavia, posso declarar de boa-fé que o meu cliente ficou muito impressionado com a rara habilidade que o senhor tem demonstrado neste assunto e com o espírito de justiça que nele o tem caracterizado. Trata-se, naturalmente, de uma embaraçosa e delicada combinação de circunstâncias. Representa um choque para o meu cliente, posso dizer. Contudo, agora já não restam mais dúvidas quanto ao que aconteceu, e o meu cliente, prosseguindo no assunto dos bens do falecido, necessitará de muito conselho competente, se compreende o que eu quero dizer.

— Exatamente, o que você quer dizer? Atwood suspirou.

— Bem, disse ele, — Se devo falar francamente, isto é, cruamente, uma vez que estamos todos aqui, os três, digo ser bem possível que o meu cliente julgue que a direção da publicação Spicy Bits seja algo que possa lhe exigir uma atenção especializada. Eu, como é natural, estarei muito ocupado com o assunto da herança, e ele me sugeriu que talvez gostasse de obter os serviços de algum advogado competente que o aconselhasse, particularmente com referência à publicação. Em suma, se

trata de orientar a publicação durante o período em que se disputa sobre o testamento. Atwood cessou de falar e olhou significativamente para Mason com os seus olhos brilhantes e inquietos. Depois, como o seu colega permanecesse mudo, continuou: — O assunto exigiria algum dispêndio de tempo. O senhor seria bem recompensado; na verdade, muito bem recompensado. Mason não fez rodeios.

— Perfeitamente, disse ele. — Para quê tantas palavras? Você quer que retire os instrumentos de contestação e que deixe Griffin montado na sela. Ele me dará uma certa importância por isso. Não é essa a proposta? Atwood mordeu os lábios.

— Com efeito, senhor advogado, eu hesitaria antes de usar semelhantes expressões, mas se o senhor pensar a respeito do que acabo de dizer, verá que a minha exposição se mantém dentro dos limites da ética profissional, e que é suficientemente ampla para abarcar a situação.

— Vá para o diabo com esse palavreado. Quero um entendimento bem claro. Eu falarei às claras embora você não queira. Você e eu estamos em campos opostos neste assunto. Você representa Griffin e procura obter o controle dos bens. Eu represento Mrs. Belter e vou acabar com esse testamento. É uma falsificação e você não o ignora. Os lábios de Atwood continuaram sorrindo, mas os seus olhos eram frios e ásperos.

— Isso nada lhe adianta, disse ele. — Não importa que o testamento seja falsificado ou não. Ela destruiu o testamento original. Ela própria o admite em confissão. Podemos provar os termos do testamento destruído e manter, por conseguinte, o que nele foi estipulado.

— Bem, retrucou Mason. — Isso será uma demanda. Você acha que consegue. Eu acho que não consegue.

— Além disso, ajuntou Atwood, — Ela não pode ficar com nenhuma parte dos bens porque foi ela quem o matou. É contra a política e o espírito da lei o fato de que uma pessoa herde a propriedade da sua vítima de morte, haja ou não testamento ou qualquer disposição. Mason não respondeu. Atwood trocou olhares com o seu cliente. — O senhor questionará por isso? Perguntou Atwood a Mason.

— Sim! Mas não quero argumentar agora consigo. Apresentarei os meus argumentos quando estiver na frente de um tribunal. Não pense que nasci ontem. Eu sei o que você quer. Você deseja que Eva Belter seja condenada por homicídio em primeiro grau. Pensa que eu lhe possa fornecer a premeditação lhe dando a prova do motivo. Se você puder condená-la por homicídio em primeiro grau, ela não herdará coisa alguma. Essa é a lei, um assassino não pode herdar. Mas se ela não for condenada por assassinato com agravantes, mesmo que seja por homicídio simples, ainda poderá herdar. Você quer é a herança e procura me subornar. Não adiantará.

— Se persiste nessa atitude, caro colega, o senhor mesmo poderá se achar diante de um tribunal.

— Muito bem, disse Mason. — Qual é a tradução inglesa disso, uma ameaça, não é?

— Você não pode nos manter nesta posição, disse Atwood. — E quando estivermos em cima da sela, teremos importantes decisões a tomar. Alguma delas pode atingir as suas atividades. Perry Mason se levantou para dizer:

— Não gosto desta história de falar fazendo voltas. — Eu saio a campo e digo o que tenho a dizer.

— Bem, disse Atwood, continuando a falar suavemente, — Ao certo, que tem a dizer?

— Nada! Exclamou Mason, explosivamente. Carl Griffin tossiu discretamente.

— Cavalheiros, disse ele, talvez eu possa dizer alguma coisa que simplifique a situação.

— Não, interpôs Atwood. — Sou eu quem fala. Griffin sorriu para Mason.

— Não estamos aqui para ofensas, senhor advogado, se trata apenas de negócio, disse o rapaz.

— Por favor, continuou Atwood, fuzilando os olhos para o seu cliente.

— Oh! Está bem — Encerrou Griffin. Mason indicou a porta.

— Bem, cavalheiros, acho que a reunião está terminada. Atwood fez nova tentativa:

— Se o senhor pudesse, colega, encontrar um caminho justo para abrir mão da contestação, isso nos pouparia tempo. Assim como está, o colega deve admitir que temos um caso perfeito, mas não queremos desperdiçar tempo nem arcar com as despesas exigidas pela apresentação e demonstração desse caso.

— Ouça, disse Mason sem hesitar, — Você pensa que tem um caso perfeito, mas neste momento eu é que estou por cima, e vou continuar nessa posição. Atwood perdeu a calma:

— Não poderá se manter vinte e quatro horas nessa posição!

— Acha que não?

— Permita-me lhe lembrar, observou Atwood, — Que o senhor poderá ser envolvido no assassinato. A polícia sem dúvida alguma será guiada pelos nossos desejos, pois o meu cliente é agora o herdeiro legal. Mason se aproximou dele.

— Quando eu precisar de si...

— Perfeitamente. Se o colega quiser se mostrar desagradável, iremos para esse terreno.

— Ótimo! Só o que eu desejo é ser desagradável. Atwood acenou para o seu cliente e os dois homens se dirigiram para a porta.

Atwood caminhava sem hesitar, mas Carl Griffin parou com a mão na maçaneta, numa atitude de quem desejava dizer alguma coisa. Todavia o aspecto de Mason não era animador. Griffin encolheu os ombros e seguiu o seu advogado, que já havia saído da sala. Depois que eles se retiraram, Della Street entrou.

— Chegou a algum acordo com eles? Mason balançou a cabeça. — Eles são capazes de nos vencer? Perguntou ela, evitando os olhos do chefe. Perry Mason parecia ter envelhecido dez anos.

— Ouça, Della, a luta será longa. Se eles houvessem me deixado um certo tempo e um pouco de espaço, eu teria resolvido perfeitamente a questão. Mas aquela mulher precisou de me envolver na coisa a fim de se safar. Isso me deixou uma única alternativa: afundá-la para que eu pudesse ficar em liberdade e fazer algum bem.

— Não precisa se desculpar, disse a secretária. — Lamento se cheguei a criticá-lo. Foi tudo tão inesperado, e tão diferente de si, que eu fiquei surpresa. Foi só isso. Por favor, esqueça de tudo. Mas os olhos dela ainda evitavam os de Mason.

— Não há dúvida, disse ele. — Vou agora ao escritório de Paul Drake. Pode telefonar para lá se for alguma coisa de importância, mas não diga a ninguém onde estou.

* * *

Dezessete

PAUL DRAKE, no seu escritório, que era quase um cubículo, sorria para Mason.

— Lindo trabalho, disse ele. — Guardou aquilo durante todo o tempo, ou só o usou contra ela no momento em que a coisa ficou preta? Os olhos de Mason denotavam cansaço.

— Eu tinha uma ideia sobre o que havia acontecido, mas ter uma ideia e provar são coisas diferentes. Agora tenho que salvá-la.

— Esqueça isso, Perry. Em primeiro lugar ela não vale a pena, e em segundo, nada pode fazer. Só lhe resta a legítima defesa e isso não pega porque ela admite que atirou quando estava no meio da sala.

— Não. Ela é uma cliente. Eu fico ao lado dos meus clientes. Ela me forçou e eu fui obrigado a fazer o que fiz. Se não procedesse dessa maneira, os dois, ela e eu, ficaríamos metidos na complicação.

— Eu não lhe dispensaria a menor consideração, disse Drake. — Ela é apenas uma mulher de duas caras que viu uma oportunidade de casar com o dinheiro, e desde então vem enganando todo o mundo. Você pode dizer tudo o que quiser a respeito do seu dever para com um cliente, mas quando o cliente começa a lhe atirar a culpa de um assassinato, isso é diferente, meu caro.

— Está tudo muito bem, mas vou salvá-la.

— Como?

— Lembre-se disto, meu caro, disse Perry Mason, — Ela não cometeu nenhum crime enquanto não for condenada.

— Mas ela confessou...

— Isso não faz a menor diferença. A confissão representa no caso uma prova que pode ser usada contra ela, e nada mais.

— Sim, mas o que vai fazer o júri? Você só a salvará pela porta da insanidade mental ou da legítima defesa. E ela quer ver o diabo e não a você. Conseguirá outro advogado.

— Esse é exatamente o ponto. De diferentes métodos um servirá para salvá-la. Agora não estou falando de métodos. Falo sobre resultados. Quero que descubra tudo o que puder a respeito dessa família Veitch, desde o presente até o ano Um.

— Fala da governanta?

— Da governanta e da filha. Toda a família.

— Continua com a ideia de que a governanta esconde alguma coisa.

— Tenho certeza.

— Ok. Lançarei o nosso grupo contra a governanta. E aquela história da Geórgia serviu para alguma coisa?

— Foi ótima.

— O que deseja que eu descubra a respeito dessa governanta?

— Tudo o que puder. E a respeito da filha também. Não perca um único pormenor.

- Perry, tem algum plano?
- Vou tirá-la da cadeia.
- E sabe como vai fazer isso?
- Tenho uma ideia. Em primeiro lugar, se eu não tivesse uma ideia de como a tiraria da cadeia, não a teria posto lá.
- Nem mesmo quando ela procurou envolvê-lo no assassinato? Perguntou Drake, incrédulo.
- Nem mesmo quando ela procurou me envolver no assassinato, respondeu Mason, obstinadamente.
- Não há dúvida, é o diabo para ficar ao lado dos clientes.
- Se eu pudesse convencer muitas pessoas a esse respeito, convenceria, disse o advogado.

Drake olhou vivamente para ele. Perry Mason continuou: — Esse é o meu credo na vida, Paul. Sou um advogado. Recebo pessoas que estão em dificuldades e procuro livrá-las. Não apresento o outro lado do caso, apenas apresento o lado do meu cliente. O promotor representa o povo e trata de carregar na acusação do réu. É meu dever carregar o mais possível contra o outro lado, e depois compete ao júri decidir. É assim que obtemos justiça. Se o promotor fosse justo, eu também seria. Mas ele emprega todos os recursos possíveis a fim de obter uma condenação. Eu emprego todos os recursos possíveis a fim de conseguir uma absolvição. É como dois grupos que jogam futebol. Um deles procura avançar numa direção com a maior violência possível, o outro faz o mesmo em sentido contrário. Em mim, se trata de uma espécie de obsessão, isso de fazer o máximo por um cliente. Os meus clientes não são inocentes. Muitos deles são trapaceiros. Provavelmente um bom número é culpado. Não me cabe determiná-lo. Isso compete ao júri.

- Vai tentar provar que essa mulher estava doida? Perguntou o detetive. Mason soergueu os ombros.
- Vou impedir que um júri a condene.
- Nunca se livrará da confissão dela. A confissão aponta o assassino.
- Confissão ou não confissão, não podem provar que ela é culpada antes que um júri assim o diga. Drake encolheu os ombros por sua vez, e disse:
- Ok! Não me adianta argumentar a esse respeito. Vou mandar os meus homens contra as Veitch, e tentarei conseguir o que me pede.
- Acho que não é preciso dizer, Paul, que os minutos são preciosos. Até agora não fiz outra coisa senão lutar por tempo para conseguir a prova que desejo. Precisa trabalhar rapidamente. É tudo uma questão de tempo.

Perry Mason voltou para o seu escritório. As olheiras, causadas pela fadiga, estavam mais pronunciadas, mas os olhos se mostravam firmes e duros. Abriu a porta do escritório. Della Street estava sentada à máquina de escrever. Relanceou os olhos para o chefe, e continuou a trabalhar. Mason bateu com a porta atrás de si e se dirigiu para a mesa.

- Por amor de Deus, Della! Você não tem confiança em mim? A jovem olhou vivamente para ele.
- Naturalmente que tenho.
- Não, você não tem.
- Estou surpresa e um tanto confusa. É só isso, disse ela. Mason continuou a fitá-la, pensativo,

sem muita esperança.

— Muito bem, disse ele por fim. — Telefone para a Repartição de Estatística Geral, e fique ao telefone até obter a informação desejada. Fale com algum chefe de seção se for possível. Não pense na despesa. Queremos a informação, e queremos-la agora. Queremos saber se Norma Veitch se casou algum dia ou não. O meu palpite é que casou. E queremos saber se houve um divórcio. Della Street fixou o olhar de Mason.

— Que tem isso a ver com o assassinato?

— Não pense nisso. Veitch provavelmente não é o seu verdadeiro nome. Isto é, é o nome da mãe, e aparecerá na licença de casamento com o seu nome de solteira. Pode ser que ela se tenha casado neste Estado. Mas há qualquer coisa de esquisito a respeito de tudo isto. E há qualquer coisa no seu passado que ela procura esconder. Quero saber o que é.

— Mas acha que Norma Veitch está implicada no caso? Os olhos de Mason mostravam frieza, e o rosto, determinação.

— Tudo quanto eu tenho a fazer é despertar uma dúvida razoável no espírito do júri, disse ele. — Não se esqueça isso. Vá ao telefone e me consiga a informação.

Mason entrou na sua sala e fechou a porta. Começou a caminhar de um lado para outro, com os polegares enfiados nas cavas do colete, e a cabeça curvada pela concentração. Ainda estava medindo o assoalho com os passos, meia hora mais tarde, quando Della Street abriu a porta.

— O senhor tinha razão, disse ela.

— Como?

— Casou-se. Arranjei a informação na Estatística. Norma Veitch se casou há seis meses com um homem chamado Harry Loring. Não há registro de divórcio.

Perry Mason alcançou a porta em três passadas rápidas, empurrou-a violentamente, e saiu para o corredor quase correndo. Foi até a sala onde Paul Drake tinha o seu escritório e bateu impaciente:

— Norma Veitch é casada! Paul Drake atendeu.

— Diabo, outra vez! Você nunca fica no seu escritório para atender os clientes?

— Ouve, Paul. Descobri uma informação ótima. Norma Veitch é casada!

— E então?

— E ficou noiva de Carl Griffin.

— Não poderia por acaso ter conseguido um divórcio?

— Não. Não houve divórcio. Não havia tempo para isso. O casamento foi apenas há seis meses.

— Ok. E o que quer?

— Que encontre o marido. O nome dele é Harry Loring. Quero saber quando eles se separaram e por que motivo. Principalmente desejo saber se ela conhecia Carl Griffin antes de ir para casa dos Belter como visita. Em outras palavras, quero saber se ela visitou a mãe mais de uma vez. O detetive soltou um assobio.

— Deus do céu! Acredito que esteja organizando uma defesa baseada em insanidade emotiva e a lei não foi escrita para Eva Belter.

— Trata agora mesmo do que peço?

— Se o camarada estiver na cidade, dentro de meia hora saberá o resultado.

— Quanto mais rápido, melhor. Ficarei à espera no meu escritório.

Mason voltou à sua sala e passou por Della Street sem dizer uma palavra. Ela deteve-o quando ele ia se sentar:

— Harrison Burke telefonou. Mason ergueu o sobrolho.

— Onde ele está?

— Não quis dizer. Disse que telefonaria depois. Também não quis deixar o número do telefone.

— Acho que ele leu nas edições extraordinárias o novo rumo que o caso tomou, disse Mason.

— Ele não disse nada. Disse apenas que telefonaria depois. O telefone tocou. A secretária foi para a sua mesa, na sala fronteira.

— Talvez seja ele. Mason se sentou diante da mesa. Ouviu Della Street dizer: “Um momento, Mr. Burke”, e, levantando o receptor, reconheceu a voz de Harrison Burke.

— Alô, Burke.

A voz de Burke ainda era ressoante, mas havia no seu timbre uma nota de pânico. A cada momento dava a impressão de que iria rachar, mas ele sempre conseguia dominá-la após uma leve queda de tom.

— Ouça, disse ele, — Isto é terrível. Acabo de ler os jornais.

— Não é assim tão ruim, respondeu Mason. — Você está fora do caso de assassinato. Pode se virar para outro lado. Isso não será agradável mas é sempre melhor do que estar envolvido no homicídio.

— Mas vão usar isso contra mim na campanha eleitoral.

— Usar o quê?

— A minha amizade com aquela mulher.

— Isso eu não posso eu impedir, mas estou trabalhando para si. O promotor não deixará que o seu nome apareça no caso a menos que tenha um motivo. A voz de Burke se tornou rotunda.

— Era isso que eu queria discutir com o senhor. O promotor é um homem muito justo. A não ser que haja um julgamento, o meu nome não será envolvido. Cabe ao senhor fazer com que não haja um julgamento.

— Como?

— O senhor podia persuadi-la a levar a defesa para uma condenação por homicídio em segundo grau. O senhor ainda é advogado dela. O promotor permitiria que a visse... Nessa base. Já falei com ele. Mason foi rápido na resposta:

— Nada disso, meu caro. Tentarei proteger os seus interesses, mas isso precisará ser à minha maneira. Mantenha-se escondido por enquanto.

— Os seus honorários são excelentes, disse Burke numa voz suave e untuosa. — Cinco mil dólares em dinheiro. Talvez consiga um pouco mais... Perry Mason colocou o fone para o lugar. E recomeçou o seu passeio dentro do gabinete. Quinze ou vinte minutos depois o telefone tornava a tocar. Mason atendeu e ouviu a voz de Paul Drake que dizia:

— Acho que localizamos o homem. Há um sujeito chamado Harry Loring que mora nos Apartamentos Belvedere. A mulher deixou-o há coisa de uma semana. Dizem que foi morar com a mãe. Quer vê-lo?

— Claro que sim. E bem depressa! Pode ir lá comigo? Eu talvez precise de uma testemunha.

— Ok. Tenho o meu carro aqui.

— Eu vou no meu. Talvez precisemos dos dois.

* * *

Dezoito

NARRY LORING, indivíduo magro e nervoso, tinha o hábito de piscar rapidamente os olhos e humedecer os lábios com a ponta da língua. Sentado sobre uma mala, abanava a cabeça para Drake.

— Não, disse ele. — O senhor se enganou de endereço. Não sou casado. Drake olhou para Mason. Este encolheu levemente os ombros, o que Paul Drake interpretou como sendo sinal para que continuasse a falar.

— Conhece Norma Veitch? Perguntou ele.

— Não sei quem é, respondeu Loring, passando a língua pelos lábios.

— Você vai se mudar? Perguntou Drake.

— Vou. Não pude continuar a pagar o aluguel.

— Nunca foi casado, hem?

— Não. Fui sempre solteiro.

— Para onde vai se mudar?

— Ainda não sei. Loring, olhou para um e outro homem, piscando os olhos e ajuntou: — Os senhores são autoridades?

— Não se incomode conosco, disse Drake. — Nós é que estamos falando consigo.

— Sim, senhor, disse Loring e se calou. Drake tornou a lançar um olhar para Mason.

— Fazendo as malas um tanto apressadamente, hem? Continuou o detetive. Loring encolheu os ombros.

— Não sei se é apressadamente. Não há muita coisa para colocar na mala.

— Ouça, disse Drake. — Não lhe adianta nada essa história de se fazer desentendido porque nós dispomos dos fatos verdadeiros. Você disse que não é casado, não é?

— Sim, senhor; sou solteiro, exatamente como lhe disse.

— Muito bem. Mas os vizinhos dizem que você era casado. Havia uma mulher que morava aqui neste apartamento consigo, como sua esposa, até uma semana atrás. Loring piscou os olhos rapidamente. Mudou de posição no assento improvisado, denotando nervosismo.

— Eu não era casado com ela.

— Desde quando a conhecia?

— Há umas duas semanas. Ela era garçonete num restaurante.

— Que restaurante?

— Esqueci do nome.

— Qual era o nome dela?

— Ela passava por Mrs. Loring.

— Sei disso. Qual é o verdadeiro nome dela? Loring fez uma pausa, humedeceu os lábios com a ponta da língua e correu os olhos pela sala, incertamente.

- Jones, respondeu ele. — Mary Jones. Drake riu ironicamente. Loring nada disse.
- Onde ela está agora? Perguntou subitamente o detetive.
- Não sei. Ela me abandonou. Acho que foi embora com algum outro. Tivemos uma briga.
- Porque foi?
- Oh, não sei. Foi uma briga. Drake olhou mais uma vez para Mason. Mason se adiantou e tomou a direção da conversa.
- Costuma ler os jornais? Perguntou ele.
- Às vezes, disse Loring. — Não leio tudo. Às vezes só os títulos. Não tenho muito interesse pelos jornais. Mason enfiou a mão no bolso traseiro das calças e tirou um maço de recortes dos jornais da manhã. Desdobrou um que estampava uma fotografia de Norma Veitch.
- É esta a mulher que morava aqui consigo? Loring apenas olhou para a fotografia, mas balançou a cabeça enfaticamente:
- Não, não era essa.
- Mas você ainda nem olhou para o retrato. É melhor olhar antes de ser muito positivo nas suas negativas. Mason pôs a fotografia diante dos olhos de Loring. Loring apanhou o recorte e olhou para o retrato durante uns quinze segundos.
- Não, disse ele, não é essa mulher.
- E foi preciso todo esse tempo para dizer isso, não? Observou Mason. Loring continuou calado. Mason se voltou subitamente e fez um sinal para Drake.
- Muito bem, disse ele a Loring. — Se essa é a atitude que você quer tomar, terá que tomar a sua pílula. Você não pode esperar a nossa proteção, se está resolvido a mentir.
- Eu não estou mentindo.
- Vamos embora, Drake, disse Mason soturnamente.

Os dois homens se retiraram do apartamento e fecharam a porta. No corredor, Drake perguntou:

- Que tal?
- É um grande esperto porque, do contrário, teria se armado em ofendido e perguntado que diabo tínhamos a ver com a vida dele. Olhou-me com um modo de quem já esteve enredado com a justiça e teme a lei. É um tipo habituado a ser interrogado e maltratado por detetives.
- Era mais ou menos o que eu pensava, disse Drake. — Que vamos fazer agora?
- Podemos mostrar esta fotografia aos moradores deste andar e perguntar se a podem identificar.
- A fotografia do jornal não é muito boa. Não poderíamos conseguir um retrato dela?
- O nosso trabalho é ganhar tempo, lembrou-lhe Mason. — Muita coisa pode acontecer de um momento para o outro e eu quero estar à frente dos acontecimentos.
- Nós não puxamos muito pelo sujeito. O tipo é de quem escorregaria alguma coisa se usássemos um pouco de energia e nada de contemplação.
- Claro. Faremos isso quando voltarmos. Quero ter, se puder, mais alguma informação a respeito dele. Acho que ele ficará amarelo assim que fizermos um pouco de pressão. Ouviram-se passos na escada.
- Um momento, disse Drake. — Parece que vem alguém aí.

Um homem corpulento, de ombros pesados, subia pacientemente a escada. Chegando ao

patamar, entrou no corredor. As suas roupas eram coçadas. Os punhos estavam sujos. Mas havia nele um certo ar de firmeza.

— O oficial de justiça, sussurrou Mason a Drake. O homem se aproximou deles. A sua atitude era a de quem em tempos tinha sido agente da força pública, pois ainda conservava um certo aprumo de servidor da lei. O recém-chegado olhou para os dois homens e disse:

— Algum dos senhores é Harry Loring? Mason se adiantou prontamente.

— Sim, disse ele. — Sou Loring. O homem meteu a mão no bolso.

— Acho que sabe do que se trata, disse ele. — Aqui estão todos os papéis, inclusive a citação do caso Norma Loring versus Harry Loring. Mostro-lhe a citação original e lhe deixo uma cópia. O oficial de justiça sorriu vagamente. — Parece-me que é um caso no qual não haverá contestação e de que o senhor estava à minha espera. Mason recebeu os papéis.

— Exatamente, disse ele. — Está certo.

— Nada de ressentimentos, observou o oficial de justiça.

— Nada de ressentimentos, meu amigo.

O oficial de justiça fez a seguir uma anotação no reverso da citação, e se pôs a descer lenta e metodicamente as escadas. Enquanto ele descia, Mason se voltou para Drake e fez uma pequena careta.

— Um achado, disse ele. Os dois homens desdobraram os papéis.

— É uma ação de anulação e não de divórcio, disse Mason. Leram as alegações da queixa.

— Esta é a data do casamento, observou Mason.

— Vamos lá outra vez. Chegados à porta do apartamento, bateram com força.

— Quem é? Perguntou Loring.

— Citação, respondeu Mason. Loring abriu a porta e recuou quando viu os dois homens diante dele.

— Pensei que tinham ido embora!

Mason meteu o ombro na porta e entrou no apartamento. Drake seguiu-o. O advogado mostrou os papéis que tinha recebido do oficial de justiça.

— Ouça, disse ele. — Isto é muito esquisito. Tínhamos estes papéis para apresentar e esta citação a fazer, e pensávamos que você sabia de que se tratava. Mas antes de entregá-los, queríamos ter certeza de que entregávamos à pessoa indicada. Foi por esse motivo que fizemos as perguntas a respeito do seu casamento, e... Loring atalhou-o sofregamente, dizendo:

— Ora, era só isso? Porque não disseram? Sim, era isso o que eu esperava. Disseram-me para eu esperar aqui até que viessem os papéis e depois deixar esta casa. Mason fez uma exclamação de desagrado.

— E porque diabo não nos disse tal coisa em vez de causar toda esta dificuldade? Você se chama Harry Loring, e se casou com Norma Veitch na data aqui indicada. Não é verdade? Loring se inclinou para verificar a data mencionada na queixa. Mason apontou-a com o indicador direito. Loring, acenando com a cabeça, respondeu afirmativamente.

— É essa data.

— Muito bem. Esta queixa diz que você nessa época estava casado, tinha outra esposa viva, da

qual não havia se divorciado, e que por conseguinte o novo casamento era ilegal e a queixosa deseja a sua anulação. Loring tornou a assentir com a cabeça. — Ouça, disse Mason. — Isto é verdade ou não?

— Sim, senhor, respondeu Loring. — Essa é a base na qual ela vai conseguir a anulação. Exatamente.

— É verdade? Perguntou Mason.

— É verdade, sim, senhor.

— Então é meu dever prendê-lo por bigamia. Loring empalideceu.

— Mas ele disse que não haveria nenhuma complicação!

— Quem disse tal coisa? Interrogou Mason.

— O advogado que veio aqui. O advogado de Norma.

— Foi só para deixá-lo de lado, declarou Mason, — A fim de anular o casamento para que Norma pudesse casar com o sujeito que é herdeiro de um par de milhões.

— Sim, foi isso o que disseram, mas afirmaram que não haveria nenhuma complicação, que seria uma simples formalidade.

— Formalidades no Inferno! Você não sabe que há uma lei contra a bigamia?

— Mas eu não sou culpado de bigamia! Protestou Loring.

— É, sim. Está aqui em preto e branco, acima da assinatura do advogado e do juramento de Norma. Diz aqui que você tinha outra mulher por ocasião do casamento, que essa mulher estava viva e não havia se divorciado dela. Em vista disso, somos obrigados a pedir que venha conosco à delegacia. Receio que esteja metido numa complicação muito séria. Loring se enervou.

— Isso não é verdade, disse ele finalmente.

— Não é verdade o quê?

— Não é verdade, simplesmente. Eu não sou casado duas vezes! Norma sabe disso! O advogado também sabe! Falei com eles e me disseram que não podiam esperar para obter um divórcio, porque isso tomaria muito tempo. Norma tinha uma oportunidade imediata de casar com esse homem, e eu receberia a minha parte se deixasse Norma tomar a iniciativa que aparece nestes papéis. Mais tarde eu apresentaria as minhas razões, dizendo que pensava estar divorciado por ocasião do segundo casamento. Disseram-me que com isso eu ficaria livre da coisa e deixava o casamento anulado a fim de dar liberdade a ela. O advogado já tinha redigido o documento necessário e eu até o assinei. Ele vai apresentá-lo amanhã.

— E depois precipitar a anulação, não é? Perguntou Mason. Loring acenou com a cabeça. — Bem, disse Mason. — Precisamos fazer um relatório a este respeito. Sendo assim, é melhor que você nos faça uma declaração por escrito para ser incluída no nosso relatório. Loring hesitou. — Não querendo fazer isso, observou Mason, pode descer até à Central conosco e explicar tudo lá.

— Não, isso não. Eu faço a declaração. Mason tirou do bolso um bloco de notas e uma caneta de tinta permanente.

— Sente-se aí na mala e escreva a declaração. Faça uma coisa completa, de fio a pavio. Diga que nunca teve outra mulher, que o advogado lhe explicou que desejava uma rápida anulação do casamento de Norma, e estabeleceu que você devia declarar que tinha outra esposa a fim de que Norma pudesse contrair núpcias com esse camarada que vai herdar uma fortuna.

— E isso não me colocará nalguma complicação?

— Essa é a única maneira de escapar de uma complicação, meu amigo. Não é preciso que eu lhe explique, mas sabe que quase ia se metendo em sérias dificuldades. Foi muito bom que falasse franco conosco. Estávamos prontos para levá-lo à polícia. Loring suspirou.

— Muito bem, disse ele, e pegou a caneta que Mason lhe oferecia. Sentou-se e começou a escrever laboriosamente.

Mason ficou ao seu lado, com as pernas afastadas, olhos firmes e cheios de paciência. Drake dissimulou um sorriso e acendeu um cigarro. Loring demorou cinco minutos a fazer a declaração. Terminada esta, entregou-a a Mason.

— Está boa? Perguntou ele. — Não entendo muito dessas coisas. Mason recebeu a declaração e leu-a.

— Perfeita. Assine-a. Loring assinou-a.

— Muito bem, disse Mason. — Então o advogado queria que você saísse daqui?

— Sim. Deu-me dinheiro e me disse que devia sair daqui. Não queria que eu estivesse onde alguém pudesse me encontrar no caso de desejar uma entrevista.

— Excelente. Sabe para onde vai?

— Para algum hotel. Qualquer um me satisfará.

— Ok. Interveio Drake. — Venha conosco, e nós lhe arranjaremos um quarto. Ocupe-o com um nome suposto a fim de não ser importunado por ninguém. Mas você precisa se manter em comunicação conosco. Do contrário, haverá complicações. Talvez lhe seja necessário retificar na presença de algumas testemunhas esta declaração escrita. Loring fez um sinal afirmativo.

— O advogado deveria ter se informado a respeito dos senhores. Ele quase me arrasta para uma encrenca dos diabos.

— Nem se duvida, concordou Mason. — Neste momento você podia estar a caminho da polícia, e uma vez que lá chegasse, a sua vida deixaria de ser cor-de-rosa.

— Norma esteve aqui com o advogado? Perguntou Drake.

— Não. A mãe dela veio primeiro. Depois veio o advogado.

— Você não viu Norma?

— Não, só a mãe dela.

— Muito bem, disse Mason. — Venha conosco e nós o levaremos ao hotel onde desejaremos que fique. É melhor dar o nome de Harry Le Grande.

— E a bagagem? Perguntou Loring.

— Nós nos encarregamos da bagagem. Mandaremos buscá-la mais tarde. O porteiro do hotel lhe dará tudo o que precisar. O que tem a fazer é ir para lá. Temos um carro à espera. Venha conosco agora. Loring humedeceu os lábios com a ponta da língua.

— Podem acreditar, cavalheiros, mas isto é um alívio. Eu estava nervoso, sentado aqui à espera de que o homem viesse trazer os papéis. Pus-me a pensar se o advogado sabia ao certo tudo o que está fazendo.

— Sabia, sim, comentou Mason. — Simplesmente, se esqueceu de lhe dizer uma ou duas coisas. Com certeza estava muito apressado e nervoso.

— Sim, admitiu Loring, — Ele parecia muito nervoso. Os três homens desceram. Loring entrou no carro de Mason.

— Vamos ao Hotel Ripley, disse este último. — O lugar é de toda a conveniência.

— Compreendo, disse Drake e subiu para o seu carro. Chegando ao Hotel Ripley, onde Mason estava registado sob o nome de Johnson, o advogado se dirigiu ao gerente, dizendo:

— Apresento-lhe Mr. Le Grande, de Detroit, a minha cidade natal. Ele deseja um quarto aqui por alguns dias. Não lhe será possível arranjar um no mesmo andar onde estou? O gerente consultou

o ficheiro.

— Vejamos. O seu quarto é o 518, Mr. Johnson?

— É sim.

— Tenho o 522.

— Ótimo. Há também a bagagem. Falo depois com o porteiro. Subiram ao quarto com Loring.

— Ok., disse Mason ao marido de Norma Veitch. — Fique aqui e não saia. Esteja onde possa atender o telefone quando nós o chamarmos. Precisamos apresentar um relatório à Central. Pode acontecer que lhe queiram fazer algumas perguntas. Mas agora que nos deu essa declaração escrita, já não há perigo. Você está livre de tudo.

— Perfeitamente! Disse Loring. — Farei o que me diz. O advogado me pediu que o avisasse assim que mudasse de residência. Aviso?

— Não é necessário, porque você já falou conosco. Não telefone para ninguém. Fique quieto e espere a nossa ligação. Você não poderá fazer coisa alguma antes de termos apresentado o nosso relatório à polícia Central.

— Muito bem. Seja como quiser. Drake e Mason deixaram o quarto e fecharam a porta.

O detetive se voltou para o advogado, dizendo:

— Menino, que sorte! Que fazemos agora? Mason se dirigiu para o elevador.

— Agora vamos à luta principal. Basta de preliminares.

— A ela! Disse Drake.

Mason parou no átrio e telefonou para a polícia Central. Pediu para falar com Sidney Drumm, da Seção Criminal. Depois de um ou dois minutos, ouviu a voz de Drumm no aparelho.

— Drumm, disse ele, — Mason. Estou senhor de novos pormenores do caso Belter, mas preciso da sua ajuda. Dei-lhe a oportunidade de prender a mulher, quero lhe dar outra oportunidade agora. Drumm riu.

— Não sei se foi você quem me deu ou não. Eu não larguei caso, e você veio até a mim para salvar a pele.

— Está bem, não adianta discutirmos sobre isso. Eu lhe dei a informação e você recebeu o mérito.

— Ok. Que deseja?

— Traga o sargento Hoffman e vai me encontrar no começo da Elmwood Drive. Quero ir a casa de Belter contigo. Acho que posso lhe mostrar lá uma coisa.

— Não sei se posso levar o sargento. Ele talvez já tenha ido embora, protestou Drumm. — É muito tarde.

— Se ele já saiu, vai buscá-lo. E quero que também leve Eva Belter.

— Bah! Essa é impossível. Se a tirarmos daqui, atrairemos uma enorme atenção.

— Não atrairão, se saírem às escondidas. Traga os homens que quiser, mas não faça barulho!

— Não sei o que o sargento pensará disto. Mas é uma probabilidade a favor e um milhão contra.

— Bem, se empregue a fundo. Se não quiser trazer Eva Belter, que ele venha. Eu gostaria que ela também viesse, mas preciso, pelo menos, de vocês dois.

— Está bem, disse Drumm. — Encontro-o no lugar indicado, a menos que aconteça alguma

coisa. Se ele estiver aqui o levo comigo.

— Não. Isso não serve. Primeiro tente saber se ele está, combine a coisa e, depois, espere por mim. Tornarei a telefonar dentro de cinco minutos. Se você puder ir, eu esperarei por você no começo da avenida. Se não puder, não sairei ao acaso.

— Muito bem. Cinco minutos, disse Drumm e desligou. Drake olhou para Mason.

— Está mordendo um pedaço muito grande, meu velho.

— Não tem importância. Posso mastigá-lo.

— Sabe o que estás fazendo?

— Acho que sei.

— Se procura armar uma defesa para a mulher, seria muito melhor fazer a coisa sem que a polícia o soubesse a fim de que, à última hora, apresentasse uma surpresa.

— Não se trata de uma defesa desse tipo, disse Mason. — Quero que a polícia esteja lá. Drake encolheu os ombros.

— É o seu enterro.

Mason acenou com a cabeça, se dirigiu para a tabacaria do hotel e comprou cigarros. Esperou cinco minutos e depois telefonou a Drumm. O detetive atendeu dizendo:

— Fiz com que o sargento Hoffman gostasse da ideia, Mason, mas ele não quer levar Eva Belter. Receia que esteja armando uma ratoeira. Há duas dúzias de repórteres rondando o xadrez, e nós não poderíamos tirá-la de lá sem que toda essa turma saia atrás de nós. Hoffman tem medo que você procure levá-lo a casa dos Belter e faça uma cena para os jornais, que, naturalmente, morderão a isca deixando-o em má situação. Mas está disposto a ir pessoalmente.

— Ótimo. Isso talvez dê o mesmo resultado. Sem cena nem isca. Encontre-me no lugar combinado. Estarei à espera num cupê "Buick".

— Está certo, Mason. Saímos daqui a cinco minutos.

— Vemo-nos depois, disse o advogado. E desligou o telefone.

* * *

Dezenove

OS QUATRO HOMENS subiram as escadas que levavam ao pórtico do Solar Belter. O sargento Hoffman franziu a testa para Mason.

— Ouça, disse ele. — Nada de brincadeiras, hem? Confio em si.

— Simplesmente mantenha os olhos abertos e os ouvidos aguçados, e se eu revelar alguma coisa, v para frente e siga a pista. A qualquer momento que se julgar enganado por mim, pode ir embora.

— Não há dúvida.

— Antes de principiarmos, convém lembrar uma ou duas coisas, advertiu Mason. — Encontrei Mrs. Belter na drogaria que fica l em baixo. Subimos juntos. Ela não trazia as chaves consigo, nem a bolsa. Deixara a porta aberta ao sair a fim de poder entrar novamente. Disse-me que a porta não estava fechada. Quando quis abri-la de novo, vi que estava fechada.

— Ela é tão mentirosa, disse Drumm — Que se me dissesse ter deixado a porta aberta, eu teria certeza de que a porta estava fechada e bem fechada.

— Está certo. Mas, insistiu Mason obstinadamente, — Lembre que ela não tinha as chaves consigo, e que havia saído debaixo de chuva. De qualquer maneira, ela era obrigada a voltar para casa e entrar.

— Talvez estivesse muito assustada, opinou Hoffman.

— Essa criança, não, observou Mason.

— Continue, pediu Hoffman, interessado. — E depois?

— Quando eu entrei, disse Mason — Tinha no bengaleiro um guarda-chuva molhado. Havia uma pequena poça de água no chão, que vinha do guarda-chuva. Você notou, provavelmente quando veio aqui. Os olhos do sargento Hoffman se apertaram.

— Sim, cheguei a pensar nisso. Notei. E então?

— Por enquanto, nada, disse Mason, apertando o botão da campainha. Dois minutos depois, a porta era aberta pelo criado.

— Carl Griffin está? Perguntou Mason. O criado balançou a cabeça.

— Não senhor. Saiu.

— Mrs. Veitch, a governanta, está?

— Está, sim, senhor.

— E a filha dela, Norma?

— Também, senhor.

— Muito bem, disse Mason. — Nós vamos subir até o escritório de Belter. Não diga a ninguém que estamos aqui. Compreendeu?

— Sim, senhor.

Hoffman entrou e olhou com atenção para o bengaleiro onde estivera o guarda-chuva na noite

do crime. Os seus olhos mostravam a preocupação que o dominava. Drumm assobiava, nervosamente, quase inaudível. Subiram as escadas e se dirigiram para a sala onde havia sido encontrado o corpo de Belter. Mason acendeu as luzes e começou a examinar minuciosamente as paredes.

— Que procura? Perguntou Drumm.

— Um buraco de bala, respondeu Mason. O sargento Hoffman resmungou e disse:

— Não perca tempo. Examinamos este quarto polegada por polegada, fotografamos tudo e fizemos um mapa completo. Uma bala não poderia ter passado por aqui sem deixar um buraco, e esse buraco teríamos achado no reboco.

— Sei disso, retrucou Mason. — Eu fiz uma pesquisa antes dos senhores chegarem e procurei a mesma coisa, sem nada poder encontrar. Mas desejo dar mais uma busca. Eu sei o que deve ter acontecido, mas não posso provar, ainda. O sargento Hoffman, subitamente desconfiado, exclamou:

— Ouça, Mason! Você quer livrar a mulher? Mason se voltou e encarou-o.

— Procuo apenas mostrar o que de fato aconteceu. Hoffman carregou a testa.

— Isso não responde à minha pergunta. Você procura livrar a mulher?

— Procuo.

— Então já não tenho nada a fazer aqui.

— Oh! Tem sim. Dou-lhe agora uma oportunidade de que o seu retrato apareça na primeira página de todos os jornais.

— Disso é que eu tenho medo. Você é esperto, Mason. Já o conheço.

— Bem, se você já me conhece, sabe então que eu nunca abandono os meus amigos. Sidney Drumm é meu amigo. Eu trouxe-o aqui. Se fosse algum golpe, alguma armadilha, teria trazido outra pessoa. Resmungando, o sargento Hoffman concordou em ficar mais um pouco.

— Mas nada de esquisitices, disse ele. — Quero saber onde quer chegar, Mason. Perry Mason olhava para o banheiro. Havia linhas traçadas a giz, no assoalho, que indicavam a posição em que fora encontrado o corpo de George Belter. Subitamente, Mason riu alto.

— Sim, senhor! É isto!

— Que história é essa? Perguntou Drumm. Mason se voltou para o sargento Hoffman.

— Muito bem, sargento. Estou pronto a ir para diante e lhe mostrar uma coisa. Quer ter a bondade de mandar buscar Mrs. Veitch e a filha? O sargento Hoffman parecia em dúvida.

— O que deseja delas?

— Quero lhes fazer umas perguntas.

— Não, disse Hoffman sacudindo a cabeça. — Antes de você revelar mais um pouco as suas intenções, não permitirei.

— Aqui não tem gato escondido, sargento, insistiu o advogado. — Sente-se aí e ouça as perguntas. Em qualquer altura que você achar que saio fora dos limites, me detenha. Diabo, homem! Se eu quisesse apresentar um truque não seria aqui, na sua frente. Eu esperaria o júri e lá, diante de você e de todos, apresentava a coisa como uma surpresa. Eu naturalmente não ia revelar à polícia, antes de fazê-lo ao júri, qual seria a minha defesa. Hoffman pensou durante um instante.

— Isso é lógico, disse ele. Voltou-se para Drumm e lhe ordenou que trouxesse as duas mulheres.

Drumm fez um sinal afirmativo e se retirou da sala. Paul Drake olhou curiosamente para Mason. Não havia o menor traço de expressão no rosto do advogado, nem ele disse uma palavra durante o tempo decorrido entre a saída de Drumm e a aproximação de passos do lado de fora da

porta. Depois, esta se abriu e Drumm introduziu as duas mulheres. Mrs. Veitch estava sombria como sempre. Os seus olhos baços fitaram curiosamente os homens que se encontravam na sala. Os seus passos eram largos e os pés batiam em cheio no assoalho. Norma Veitch usava um vestido bem justo, que lhe acentuava as curvas do corpo. Parecia muito orgulhosa da sua capacidade em atrair os olhares masculinos quando olhou de rosto para rosto, com meio sorriso nos lábios carnudos.

— Queremos lhes fazer algumas perguntas, disse Mason.

— Outra vez? Disse Norma Veitch.

— Mrs. Veitch, sabe alguma coisa a respeito do noivado de sua filha com Carl Griffin?

Perguntou Mason, ignorando o comentário de Norma.

— Sei que estão noivos.

— Sabe se houve algum romance aqui?

— Sempre há um quando duas pessoas ficam noivos, disse ela na sua voz rouca.

— Não falo disso, insistiu Mason. — Por favor, responda à minha pergunta, Mrs. Veitch.

Havia algum romance entre os dois, que a senhora saiba, antes de Norma ter vindo para cá? Os olhos negros e fundos se dirigiram para Norma e depois voltaram a encarar Mason.

— Não, disse ela. — Antes, não. Depois, é que travaram relações.

— A sua filha era casada? Os olhos fundos não mudaram de expressão.

— Não, disse a mulher. — Ela não era casada. Mason se voltou rápido para Norma.

— E a senhora, Miss Veitch? Já se casou alguma vez?

— Ainda não. Mas vou me casar. E posso saber o que isto tem ver com o assassinato de George Belter. Se quiserem fazer perguntas a esse respeito, acho que somos obrigadas a responder, mas não vejo razão para entrar nos meus assuntos particulares.

— Como poderia se casar com Carl Griffin, se já é casada? Perguntou Mason.

— Não sou casada, disse Norma Veitch. — E não sou obrigada a tolerar semelhantes insultos.

— Não é isso o que diz Harry Loring, observou Mason. O rosto da jovem não revelou a mais leve mudança de expressão.

— Loring? Disse ela, num tom de voz calmo e interrogador. — Não sei quem seja. Conhece algum homem chamado Loring, mamãe?

— Não, não me lembro, Norma. Não guardo muito os nomes, mas não conheço nenhum Loring.

— Talvez, disse Mason — Eu possa lhe reavivar a memória. Trata-se de um homem que mora nos Apartamentos Belveder. O apartamento dele é o número 312. Norma Veitch balançou apressadamente a cabeça.

— Estou certa de que há algum engano. Perry Mason tirou do bolso a cópia da citação e a queixa, pedindo a anulação.

— Então queira me explicar por que autenticou esta queixa, na qual jura que celebrou um casamento com Harry Loring.

Norma Veitch relanceou o papel e a seguir olhou para a mãe. O rosto de Mrs. Veitch permanecia inteiramente inexpressivo. Norma falou rapidamente, dizendo:

— Lamento que tenha descoberto isso, mas, uma vez que já sabe, posso explicar. Eu não queria que Carl soubesse coisa alguma a esse respeito. Eu era casada, sim, mas me desentendi com o meu marido e deixei-o. Vim para aqui e retomei o meu nome de solteira. Carl me conheceu e nos

apaixonamos à primeira vista. Não nos atrevemos a anunciar o nosso noivado por sabermos que Mr. Belter ficaria furioso. Mas depois que Mr. Belter morreu não havia razão para manter o segredo. Descobri que o meu marido tinha outra esposa. Foi essa uma das razões porque nos separamos. Falei com um advogado. Ele disse que o meu casamento não tinha valor. Disse-me também que podia conseguir uma anulação. Eu ia fazer isso sem barulho. Nunca imaginei que alguém pudesse saber alguma coisa a esse respeito ou ligar o nome de Loring com o de Veitch.

— Não é isso o que diz Griffin, observou Mason.

— Claro que não. Ele não sabe coisa nenhuma a esse respeito, disse ela. Mason sacudiu a cabeça, dizendo:

— Não, não. Acontece que Griffin confessou. Estamos tentando verificar a sua confissão, procurando descobrir se você é criminalmente responsável como cúmplice ou apenas uma vítima das circunstâncias. O sargento Hoffman se adiantou.

— Acho que é nesta altura, Mason, que vou parar a função, disse ele. Mason se voltou para ele.

— Ouça um minuto mais, sargento. Poderá parar a função quando quiser. Norma olhou rápida e nervosamente de um para o outro. O rosto de Mrs. Veitch era uma máscara de resignação cansada. — Aconteceu o seguinte, disse Mason: — Mrs. Belter teve uma discussão com o marido e disparou um tiro contra ele. Em seguida, ela se voltou e correu sem esperar para ver qual fora o resultado do tiro. Muito femininamente, supôs que tendo atirado contra o homem, tivesse acertado. Aliás, àquela distância, e na sua excitação, havia pouquíssimas probabilidades de que ela acertasse. Fez meia volta e começou a correr pela escada, apanhou um sobretudo e saiu debaixo da chuva. Você, Miss Veitch, ouviu o tiro e se levantou, se vestiu, e veio saber o que era. Nesse meio tempo, Carl Griffin havia chegado em casa, e já tinha entrado. Estava chovendo, e ele tinha colocado o guarda-chuva no bengaleiro, subindo depois as escadas para o escritório de Belter. Você ouviu as vozes de Griffin e de Belter e se pôs a escutar. Belter contava a Griffin que a sua mulher havia desfechado um tiro contra ele, e que ele tinha descoberto provas da sua infidelidade. Belter mencionou o nome do homem ao sobrinho e lhe perguntou que se devia fazer a tal respeito. Griffin se revelou curioso quanto à história do tiro, e fez com que Belter ficasse à porta do banheiro, exatamente como estivera quando a mulher disparara o tiro. Quando Griffin o viu nessa posição, levantou o revólver e atirou, atingindo-o em pleno coração. Depois colocou a arma no chão e correu escada abaixo, saiu pela porta da frente, pulou para o seu automóvel e se afastou. A seguir, tratou de tomar uns bons goles para poder mostrar um outro rosto, e deixou escapar o ar de uma câmara a fim de explicar a sua demora em voltar aqui, tendo voltado depois de saber que a polícia já se encontrava em casa. Ele pretendia que fosse a primeira vez que voltava, depois que saíra à tarde. Mas esqueceu que o guarda-chuva estava na entrada do rés-do-chão e de que achara a porta aberta ao entrar. Ele matou o tio porque sabia que ia herdar a fortuna de acordo com o testamento, e por ter certeza de que Eva Belter julgava ter matado o marido. Ele sabia que a pista da arma poderia ser seguida até ela e que a evidência era toda contra ela. A bolsa na qual Belter tinha encontrado a prova, e que a ligava ao homem que procurava manter o seu nome fora do jornal escandaloso, estava em cima da mesa da vítima. Você e a sua mãe discutiram sobre o que tinham acabado de presenciar, e decidiram que isso representava uma excelente oportunidade para fazer Griffin pagar um bom preço pelo silêncio. Dessa maneira, foi combinado que lhe restavam duas alternativas, ou ser condenado por assassinato ou fazer um casamento que seria vantajoso para si.

O sargento Hoffman, parecendo intrigado, coçou a cabeça. Norma Veitch lançou um olhar rápido para a mãe. Mason disse lentamente:

— Esta é a última oportunidade de dizer a verdade. Com efeito, ambas têm uma certa cumplicidade no fato e, desta forma, são passíveis de acusação exatamente como se fossem culpadas pelo assassinato. Griffin já fez a sua declaração e nós não precisamos do seu depoimento. Se quiserem levar adiante esta farsa, levem. Se quiserem cooperar com a polícia, este é o momento mais próprio de o fazerem.

— Eu vou lhe fazer apenas uma pergunta, interrompeu o sargento Hoffman — E isto vai acabar com a história. Você fez ou não fez o que Mason diz, ou substancialmente o que ele disse?

— Sim, respondeu Norma Veitch em voz baixa. Mrs. Veitch se ergueu. Voltou-se para a filha rapidamente. Os olhos dela chispavam de fúria.

— Norma! Gritou ela. — Cale a boca, idiota! É um blefe! Não está vendo? O sargento Hoffman se aproximou dela.

— Pode ter sido um blefe, disse ele, — Mas a afirmação dela e o seu comentário revelaram tudo. Agora continue e diga a verdade. É a única coisa que lhe resta fazer. Do contrário, vou apresentá-las como cúmplices. Mrs. Veitch passou a língua pelos lábios e exclamou furiosamente:

— Eu não devia ter confiado nesta maluca! Ela não sabia de coisa alguma! Estava dormindo como uma pedra. Fui eu quem ouviu o tiro e subiu. Eu devia tê-lo obrigado a casar comigo. Nunca devia ter tido confiança na minha filha. Mas pensei que havia nisso uma oportunidade para ela e lhe cedi o lugar. E essa foi a gratidão que eu arranjei! O sargento Hoffman se voltou para Mason, dizendo:

— Isto é uma complicação dos diabos. O que aconteceu com a bala que não acertou em Belter? Mason riu.

— Sargento, isso foi o que me atrapalhou durante muito tempo. Aquele guarda-chuva molhado e a porta fechada me incomodavam. Eu imaginava o que tinha acontecido mas não conseguia imaginar como a bala sumira. Estive nesta sala. Procurei cuidadosamente indícios da bala. E depois verifiquei que Carl Griffin tinha juízo bastante para não cometer o crime se aqui houvesse um buraco de bala. Por conseguinte, só uma coisa poderia se admitir. Não descobriu? Belter estava tomando banho. A banheira é enorme e comporta quase um metro de água, em altura, quando está cheia. Belter estava furioso com a mulher, e esperava que ela viesse. Quando a ouviu entrar, pulou da banheira, se enfiou no roupão e lhe gritou para que subisse. Seguiu-se a discussão e ela disparou um tiro contra ele. Você pode ir até à porta e reconstituir a trajetória da bala, apontando com o dedo. A bala, sem acertar no alvo, continuou a sua linha e foi parar na banheira, onde a água lhe deteve a força. Depois, quando Carl Griffin voltou para casa, Belter lhe contou o que tinha acontecido. Foi neste momento que ele involuntariamente assinou a sua sentença de morte. Griffin viu a sua oportunidade. Fez com que Belter ficasse na mesma posição em que estava quando a mulher disparara a arma contra ele, e, depois, apanhando o revólver com a mão enluvada, apontou-o para Belter, atirou, acertou em pleno coração, apanhou a primeira bala dentro da banheira, meteu-a no bolso, jogou a arma ao chão e se retirou. Isso foi tudo o que houve. E foi muito simples.

Vinte

O SOL da manhã entrava pelas janelas do escritório de Perry Mason. O advogado estava diante da sua mesa, com os olhos injetados pela falta de descanso, e olhando para o detetive Paul Drake.

— Bem, disse ele. — Acho que tenho as últimas notícias a respeito do caso.

— Quais são?

— Ele confessou lá pelas seis da manhã. A turma da polícia trabalhou toda a noite com ele. Norma Veitch procurou voltar atrás quando viu que a coisa era séria contra ele. Foi a governanta quem o enterrou. É uma mulher esquisita. Teria resistido até ao fim do mundo se a filha não houvesse entornado o caldo.

— Então, finalmente, ela se manifestou contra Griffin?

— Sim, e é essa a parte engraçada. A atitude dela gira em torno da filha. Quando Mrs. Veitch viu que havia uma probabilidade de fazer um bom casamento para Norma, adotou o mutismo que salvaria Griffin. Depois, vendo que o rapaz estava numa ratoeira e que ela nada ganharia em continuar ao seu lado, e que a filha poderia ir para a cadeia como cúmplice, se continuasse a mentir, a mulher fez o seu depoimento contra Griffin. Afinal de contas, ela era a única a saber dos fatos.

— E Eva Belter? Perguntou Mason. — Já apresentei um pedido de habeas-corpus a favor dela.

— Não será preciso. Acho que a soltaram cerca das sete da manhã. Achas que ela virá aqui?

Mason encolheu os ombros.

— Talvez ela fique agradecida, disse ele — E talvez não fique. Na última vez em que a vi ela estava me amaldiçoando. A porta da sala fronteira fez um ruído como se fosse se abrir e depois voltou ao lugar.

— Pensei que a porta estivesse fechada, disse Paul Drake.

— Talvez seja o porteiro. Drake se levantou e alcançou a porta em três passadas rápidas, abriu-a, olhou para fora e sorriu.

— Olá, Miss Street, disse ele. Ouviu-se a voz de Della Street:

— Bom dia, Mr. Drake. Mr. Mason já está aí?

— Está, respondeu Drake, e fechou a porta. O detetive olhou para o relógio e depois para o advogado. — A sua secretária vem trabalhar cedo.

— Que horas são? Perguntou Mason.

— Ainda não são oito.

— Ela devia chegar às nove. Eu não queria incomodá-la. Ela trabalhou muito neste caso. Eu mesmo datilografei o pedido de habeas-corpus. Cerca da meia-noite encontrei um juiz para assiná-lo.

— Bem, mas já a soltaram, disse Drake. — Não tinha necessidade disso.

— É melhor ter as coisas quando não são precisas do que não as ter quando são necessárias, disse Mason sentenciosamente.

Uma vez mais a porta da sala fronteira para o corredor se abriu e fechou. Estando o edifício em silêncio, o ruído chegou até o gabinete de Mason. Ouviram uma voz masculina. Depois, retiniu o telefone. Mason levantou o auscultador e ouviu a voz da secretária, dizendo:

— Mr. Harrison Burke está aqui e deseja vê-lo imediatamente. Diz que é assunto importante.

A rua central onde ficava o edifício ainda não tinha grande movimento, de sorte que o detetive ouviu as palavras de Della Street. Drake se levantou.

— Já vou, meu caro. Entrei só para dizer que Griffin tinha confessado e que a sua cliente fora posta em liberdade.

— Muito obrigado pela informação, Paul, disse o advogado, lhe indicando a porta que dava diretamente para o corredor. — Pode sair por aqui. O detetive se retirou ao passo que Mason desligava o telefone, e Harrison Burke entrava na sala. Trazia o rosto iluminado de sorrisos.

— Excelente trabalho de detetive, Mr. Mason, disse ele. — Simplesmente maravilhoso! Os jornais não falam noutra coisa. Predizem que Griffin confessará antes do meio-dia.

— Já confessou. Sente-se. Harrison Burke se impacientou, escolheu uma cadeira e se sentou.

— O promotor é muito meu amigo, disse ele. — O meu nome não será revelado à imprensa. O único jornal que sabe do fato é aquele pasquim escandaloso.

— Refere-se ao Spicy Bits?

— Sim.

— E então?

— Quero que o senhor fique certo de que o meu nome não apareça nesse jornal.

— Procure Eva Belter. A propriedade deixada pelo marido vai ser administrada por ela.

— E a respeito do testamento?

— O testamento nada modifica. De acordo com a lei, ninguém pode herdar da sua vítima, haja ou não testamento. Eva Belter podia não estar capacitada a requerer o que requereu. Ela se achava deserdada em consequência do testamento de George Belter. Mas agora uma vez que Carl Griffin nada pode herdar de acordo com o testamento, Eva Belter herdará, não dentro do testamento, mas como esposa, e na sua condição de única herdeira viva, segundo a lei.

— Então ela dirigirá o jornal?

— Exatamente.

— Entendo, disse Burke, juntando as pontas dos dedos. — O senhor sabe o que a polícia fará com ela? Soube que ela se achava sob custódia.

— Foi solta há coisa de uma hora mais ou menos. Harrison Burke lançou um olhar para o telefone.

— Posso me servir do seu telefone? Mason aproximou o aparelho por cima da mesa.

Harrison Burke recebeu-o com ar de calma dignidade, dando a impressão de que posava para um fotógrafo. Deu um número a Della Street, e depois esperou pacientemente. Depois de um momento, ouvindo o ruído da ligação, perguntou:

— Mrs. Belter está? Alguém respondeu qualquer coisa.

— Quando ela chegar, continuou Harrison Burke em voz untuosa, — Queira dizer que a pessoa que ficou de avisar quando chegasse a nova remessa de sapatos, telefonou dizendo que já tem o número dela, e que ela pode mandar buscá-los quando quiser.

O político sorriu para o auscultador e inclinava a cabeça como se falasse com um interlocutor invisível; depois, desligou o aparelho com meticolosa precisão e devolveu-o por cima da secretária.

— Muito obrigado, senhor advogado, disse ele. — Estou profundamente grato, e muito mais do que me é possível dizer. Toda a minha carreira estava em perigo e, vejo que foi por intermédio dos seus esforços que se evitou um grande mal.

Perry Mason resmungou um comentário não articulado. Harrison Burke se pôs em pé, alisou o casaco, e soergueu o queixo.

— Quando devotamos a nossa vida ao bem público, disse ele na sua voz sonora, — Naturalmente arranjamos inimigos políticos sempre dispostos a recorrer a todos os ardis e baixezas que possam servir para a consecução de fins inconfessáveis. Dentro de tais circunstâncias, qualquer indiscrição inocente é aumentada e apresentada na imprensa sob uma luz que a deforma. Tenho servido o público honesta e sinceramente...

Perry Mason se levantou tão abruptamente que a cadeira giratória se deslocou para trás indo bater na parede.

— Você pode guardar esse discurso para quem gostar dessas coisas. Pelo que me diz respeito, Eva Belter vai me pagar cinco mil dólares. E gostaria de sugerir que metade dessa quantia deve ser paga por si. Harrison Burke recuou diante da agressividade da atitude e da voz do advogado.

— Mas, meu caro senhor, protestou ele. — Meu caro senhor! O senhor não me representava. Estava simplesmente representando-a num caso em que ela era acusada de homicídio, num mal-entendido que poderia ter redundado nas piores consequências. Eu estava envolvido de modo apenas acidental, na qualidade de amigo...

— Eu apenas lhe disse qual será o meu conselho a Mrs. Belter. Ela é, conforme você deve se lembrar, a proprietária do Spicy Bits. Qualquer coisa que o jornal publicar ou não publicar depende apenas dela. Acho que não desejo detê-lo mais, Mr. Burke.

Harrison Burke engoliu em seco, começou a dizer alguma coisa, achou melhor não dizer nada, e ia estender a mão ao advogado quando notou a expressão dos olhos deste, de sorte que recolheu a mão e disse:

— Perfeitamente. Muito agradecido, senhor advogado. Vim aqui para lhe manifestar a minha gratidão.

— Nada disso, interpôs Mason. — Não há nada que agradecer. A porta para o corredor é essa daí.

O político se retirou e Mason, em pé, ficou olhando para a porta de saída. Os seus olhos,

cravados nessa porta, revelavam um frio antagonismo. A porta interna se abriu suavemente. Della Street parou, olhando para o perfil de Mason. Depois, notando que ele não a tinha visto nem percebido a presença dela na sala, se aproximou, caminhando sem ruído sobre o tapete. Havia lágrimas nos olhos dela. As suas mãos pousaram-se nos ombros do advogado.

— Por favor, disse ela. — Sinto tanto...

Mason se sobressaltou ao som daquela voz, se voltou, e viu os olhos húmidos. Durante vários segundos se fitaram sem dizer uma palavra. As mãos dela lhe comprimiam os ombros como se estes fossem qualquer coisa que ia escapar ao seu alcance.

— Eu devia tê-lo conhecido melhor. Li os jornais desta manhã e senti tanta vergonha que...

Os braços longos e robustos do advogado cingiram-na. Mason lhe beijou a boca.

— Esqueça-se disso, agora, disse ele num arroubo de ternura.

— Porque não me explicou tudo? Perguntou ela, arfando.

— Não era isso. O fato de que fosse necessária uma explicação é que me magoava.

— Nunca, nunca mais na minha vida serei capaz de duvidar de si.

Ouviu-se uma tosse discreta junto à porta. Eva Belter, sem ser notada, havia entrado no escritório.

— Perdoe-me, disse ela com a voz velada, — Se pareço uma intrusa, mas desejo falar com Mr. Mason.

Della Street se afastou de Mason com as faces em chama, e olhou para Eva Belter com olhos que haviam perdido a sua ternura e brilhavam de raiva. Perry Mason olhou firmemente para a mulher. Não parecia sentir a menor perturbação.

— Está bem. Entre e sente.

— Você bem podia limpar essa marca de batom dos lábios, disse ela num tom acre. Perry Mason olhou firmemente para ela.

— A marca pode ficar onde está. Que deseja? A expressão do olhar dela se abrandou. Eva Belter se chegou para mais perto de Mason.

— Eu queria lhe dizer o quanto lamento não o haver entendido, e o quanto aprecio... Perry Mason se voltou para Della Street.

— Della, disse ele, — Abra as gavetas desses arquivos. A secretária olhou-o sem compreender. Perry Mason apontou para os armários de aço. — Abra um par de gavetas, disse ele. A jovem abriu. As gavetas estavam cheia de pastas que por sua vez estavam cheias de papéis. — Vê isso? Perguntou ele a Eva Belter. Eva Belter olhou-o, franziu o sobrolho e fez um sinal afirmativo. — Muito bem, disse Mason. — Tudo isso são questões jurídicas. Cada uma delas representa um processo. E todas as outras gavetas também estão cheias deles que foram tratados por mim. A maior parte é composta de casos de homicídio. Quando o meu trabalho no seu caso estiver terminado, você irá para uma pasta dessas, exatamente do mesmo tamanho que todas as outras, e terá exatamente a mesma importância. Miss

Street vai lhe dar um número. Depois, se sobrevier alguma coisa, e eu quiser tornar a examinar o que aconteceu, pedirei esse número e ela me dará a pasta com os papéis que ela contiver. Eva Belter carregou a testa.

— Que é? Perguntou ela. — Não se sente bem? Que procura fazer? Que quer dizer?

Della Street, fechando o arquivo, se retirou da sala, fechando a porta. Perry Mason, encarando Eva Belter fixamente, disse:

— Estou simplesmente lhe dizendo qual é o seu lugar neste escritório. Você é um caso e nada mais do que um de tantos casos. Há centenas deles nesses armários. E haverá centenas de outros. Já me pagou algum dinheiro e vai me pagar mais cinco mil dólares. Se seguir o meu conselho, deve fazer com que Burke entre com metade desse dinheiro. Os lábios de Eva Belter tremiam.

— Eu queria agradecer. Acredite-me. Sou sincera. Isto me brota do coração. Já representei para si antes, mas desta vez sou verdadeira. Sinto-me tão profundamente grata que farei tudo por si. Você é simplesmente notável. Subi aqui para lhe dizer isso, e você começou a falar comigo como se eu fosse um espécime saído de um laboratório. Desta vez, nos seus olhos rolavam lágrimas verdadeiras. Mrs. Belter olhava humildemente para o advogado.

— Ainda há muito que fazer, disse ele. — Você precisa fazer com que Griffin seja condenado por homicídio em primeiro grau, a fim de invalidar o testamento. Precisa ficar apagada, neste assunto, mas precisa continuar na luta. O único dinheiro de que Griffin pode lançar mão é o que está no cofre de George Belter. Precisamos fazer com que ele nada consiga desse cofre. Isto é alguma coisa daquilo que é preciso fazer. Digo-lhe isto apenas para lhe recordar que você não pode continuar sem mim.

— Não foi isso o que eu disse! Não era isso que eu queria dizer! E nem era isso o que eu pensava, disse ela rapidamente.

— Muito bem. Mas, assim mesmo, lembro-lhe isso. Bateram à porta da sala fronteira. — Entre, disse Mason. A porta se abriu e Della Street entrou na sala.

— O senhor pode aceitar outro caso hoje? Perguntou ela solicitamente, olhando para os seus olhos inchados de sono. Mason sacudiu a cabeça como se quisesse afastar um nevoeiro mental.

— Que espécie de caso?

— Não sei, respondeu a secretária. — É uma jovem luxuosamente vestida, de bom aspecto. Parece muito bem educada. Está em dificuldades, mas não quer dizer o que é.

— Arisca, hem?

— Arisca? Bem, eu seria capaz de dizer cortante.

— Isso é porque você simpatizou com ela, disse Mason com um sorriso. — Qual é o seu palpite, Della? Às vezes tem pressentimentos exatos sobre o rumo que os casos vão tomar. Olhe para a última cliente. Della Street olhou para Eva Belter e desviou rapidamente o olhar.

— Essa jovem, disse ela lentamente — Está raivosa, está com o coração dilacerado. É uma dama, embora um pouco em demasia... Bem, talvez ela seja arisca.

Perry Mason suspirou profundamente. A expressão agressiva desapareceu dos olhos, e foi substituída por uma outra que era de pensativo interesse. Levou as costas da mão aos lábios, limpou a marca de batom, e sorriu para Della Street.

— Vou recebê-la assim que Mrs. Belter se retirar. E isso será dentro de poucos minutos.

